



COLEÇÃO ONTEM E HOJE — Vol. 8

**N. OGNEV**

**O DIÁRIO DE  
COSTIA RIABTSEV**

*Novela russa*

Tradução e Prefácio de **JORGE AMADO**



**EDITORA BRASILIENSE LIMITADA**



# O DIÁRIO DE COSTIA RIABTSEV

NOVELA RUSSA

por

N. OGNEV

Tradução e Prefácio de *Jorge Amado*

O DIÁRIO DE COSTIA RIABTSEV é a narração da vida escolar na URSS nos anos de 23 e 24, no início quasi da grande experiência. São as reações de uma criança soviética ante a vida nova que se começava a viver. Através o diário vemos as figuras dos mestres, de outros colegas, vemos as perigosas sendas que se abriram nos restos apodrecidos da burguesia tentando as crianças proletárias, vemos a luta dos mestres contra êsses desvios, vemos o difícil caminho da revolução educando as gerações. É um livro por vêzes doloroso, por vêzes emocionante, mas um livro de confiança no destino do homem, de confiança na revolução socialista. Costia Riabtsev vence as dificuldades do seu caminho e marcha para ser um homem útil à coletividade.

*(Trecho do prefácio de Jorge Amado)*

Vol. 8 da Coleção  
"ONTEM E HOJE"



EDIÇÃO DA

EDITORA BRASILIENSE LTDA.

Rua D. José de Barros, 163 — S. Paulo



O DIARIO DE  
COSTIA RIABTSEV



1870  
1871



COLEÇÃO ONTEM E HOJE — VOL. 8

---

N. OGNEV



O DIÁRIO DE  
COSTIA RIABTSEV

*Romance Soviético*



PREFÁCIO E TRADUÇÃO DE  
JORGE AMADO



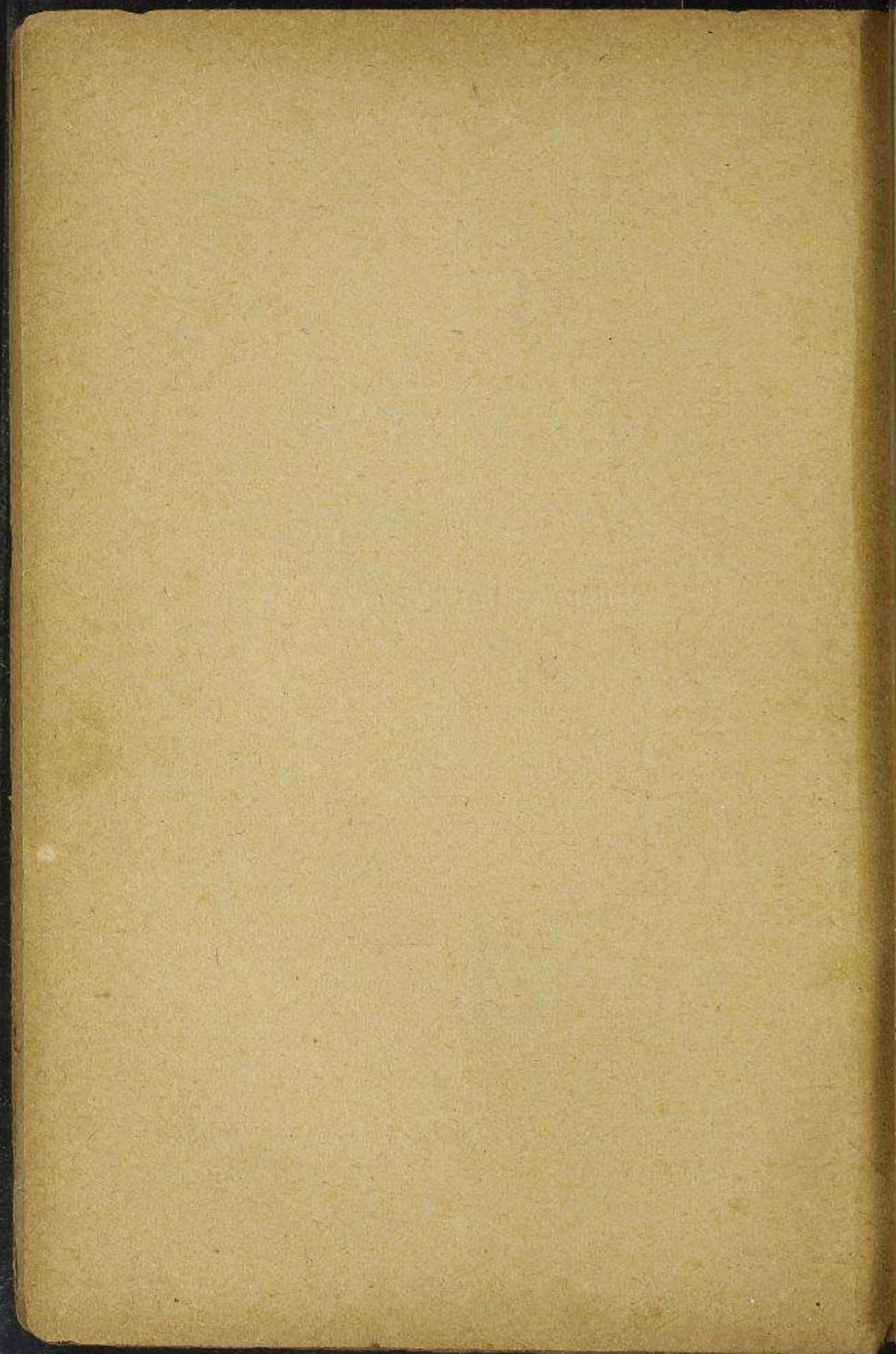
1945

EDITORA BRASILIENSE LIMITADA

R. Dom José de Barros, 163

SÃO PAULO







## Prefácio

*“O Diário de Costia Riabtsev”, de N. Ognev, é um dos mais celebres e discutidos romances soviéticos dos anos que medearam entre 20 e 30, anos da construção socialista, antes da constituição stalinista que marca o fim daquela época e o assentamento do estado socialista. Foi uma época de construção, de pesquisa, de trabalho ardente, de marchas e também de recuos quando a realidade provava que certas experiências não se adaptavam às necessidades do meio-ambiente.*

*Uma das coisas mais levadas a sério, mais penosamente experimentadas na União Soviética, foi a pedagogia. Os professores e as professoras se atiraram á tarefa de educar as novas gerações com métodos novos. Muito fracasso existiu, sem dúvida, muito pequeno erro, imensas dificuldades. As crianças deante de um tempo novo reagiam das mais diversas maneiras. Mas os pedagogos da União Soviética venceram a batalha e as novas gerações russas são frutos deste esforço colossal, são resultantes da vitória da nova pedagogia, são gerações creadas no humanismo socialista, com uma visão da vida e das relações entre os homens mais bela e mais nobre do que a de antes.*

*O “Diário de Costia Riabtsev” é a narração da vida escolar na URSS nos anos de 23 e 24, no inicio quasi da grande experiência. São as reações de uma criança soviética ante a vida nova que se começava a viver. Através o diário vemos as figuras dos mestres, de outros colegas, vemos as perigosas sendas que se abriram nos*



*restos apodrecidos da burguesia tentando as creanças proletarias, vemos a luta dos mestres contra esses desvios, vemos o difficil caminho da revolução educando as gerações. E' um livro por vezes doloroso, por vezes emocionante, mas um livro de confiança no destino do homem, de confiança na revolução socialista. Costia Riabtsev vence as difficuldades do seu caminho e marcha para ser um homem util á coletividade.*

*Creio que este livro é bem um espelho daqueles anos da vida russa, daquele tempo difficil em que se começava a construir um novo mundo, quando tudo era barro informe para ser trabalhado pelas mãos dos comunistas saídos da guerra civil.*

*A coragem com que N. Ognev enfrenta o problema, como o encara em todos os angulos, e mais a sua rara penetração psicologica, a capacidade de levantar os tipos, a suavidade juvenil com que marca certas cenas e seu profundo conhecimento da alma dos jovens, tornam o "Diario de Costia Riabtsev" um dos romances mais admiraveis da literatura sovietica. Livro que não esconde as difficuldades mas que abre magnificas perspectivas.*

JORGE AMADO

São Paulo, junho de 1945.



## ANO ESCOLAR DE 1923-1924

### PRIMEIRO TRIMESTRE

#### PRIMEIRO CADERNO

*Setembro 13, 1923.*

Estamos na metade de Setembro, mas as aulas ainda não começaram nem ninguém sabe quando vão começar. Eu tinha ouvido dizer que iam fazer uns concertos na escola, mas hoje dei um pulo até lá, e não ví nada disso. Ao contrário, não havia ninguém e ninguém soube me dizer coisa alguma. As portas estão completamente abertas. A escola é um deserto... Quando voltei para casa comprei o caderno de um menino por três limões.

Já aqui em casa fiquei pensando num jeito de matar o tempo e resolvi escrever um diário. Vou anotar todos os acontecimentos de minha vida.

Eu gostaria muito de mudar meu nome Constantino pelo de Vladlen<sup>(1)</sup> porque Costia é um nome muito vulgar. Além disso, houve um tzar turco, Constantino, que tomou Constantinopla; e, apesar de ser um tzar me

---

(1) Abreviatura de Vladimir Lenine.



deixa inteiramente indiferente. Ontem fui a Comissária e me disseram que era impossível antes dos dezoito anos. Vou ter de esperar dois anos e meio. Que pena!

*Setembro 16, 1923.*

Eu pensei que ia ter de inventar cousas para escrever no diário mas há cousas de sobra.

Hoje, de manhã, fui ver Serioga Blinov. Serioga me disse que as aulas vão começar no dia 20; mas, o mais importante, foi meu diálogo a respeito de Lina A. Serioga me disse que eu não devia perder tempo com ela, porque ela é filha de um servidor do culto, e é vergonhoso que eu, filho da classe operária, chame a atenção de todos com essa amizade. Respondi que, em primeiro lugar, nunca tive intenções de chamar a atenção de quem quer que seja para a minha pessoa, e que Lina era do mesmo grupo escolar que eu; que sentávamos na mesma carteira na classe e por isso, era muito natural que me desse com ela. Mas Serioga respondeu que a consciência proletária o proibia, e que, além disso, a julgar pela opinião dos maesc<sup>(2)</sup> e de todos os Comesc<sup>(3)</sup> do ano anterior, eu exercia uma influência nefasta sobre Lina — que opinião! —. Que ela, em vez de estudar ia passear comigo na rua e, enfim, se a coisa continua, ela poderá se corromper no sentido das ideias. Além disso, Serioga me advertiu que se eu quisesse ser admitido no Comsomol<sup>(4)</sup>, tinha de parar de me interessar por moças.

---

(2) Abreviatura de mestre-escola.

(3) Abreviatura de Comitês escolares.

(4) União da juventude comunista.



Briguei com Serioga, voltei para casa e vim escrever no diário o que não tinha tempo de dizer a Serioga. Lina para mim não é uma fêmea, mas apenas uma camarada; e, em geral, tenho um certo desprezo pelas nossas jovens. Elas gostam demais das roupas, dos cintos e — além disso — dos bailes; mas, sobretudo, dos mexericos. Se alguém fosse preso por causa de tagarelice, nenhuma menina de nosso grupo ficaria em liberdade. É verdade que fui ao cinema com ela no ano passado, mas foi porque não tinha com quem ir. Nós dois gostamos de cinema. Só isso.

Espero ansiosamente o começo das aulas. A escola é para mim como minha casa, talvez mais interessante até.

*Setembro 20, 1923.*

Enfim começaram as aulas. Foi um tumulto, uma barafunda espantosa; no nosso grupo todos os meninos são os mesmos do ano passado. E, entre as meninas, há duas novas: uma delas é Albina, usa uma trança e um laço em forma de hélice de avião. O nome dela é Silfida, embora seja russa e não estrangeira. As meninas começaram logo a chamá-la Silva. O sobrenome é Dubinina.

A outra é morena, de cabelos curtos. Está de luto. Em geral toda ela é lúgubre e nunca ri. Quando a gente lhe diz alguma coisa, começa a resfolegar como uma locomotiva: fu! fuu! fuuu!, está sempre curvada. Parece a própria sombra. O nome dela é Zoia Travnikova.

*Setembro 27, 1923.*

Vão introduzir o plano de Dalton na nossa escola. É um sistema de ensino no qual os *maesc* não fazem nada e os alunos têm de tomar conhecimento das coisas por



si mesmos. Assim, pelo menos, é o que eu entendi. Não teremos aulas, como agora. Os alunos terão material no qual trabalhar, preparar-se na escola ou em casa durante um mês, e, uma vez preparado, levar o que tiver feito ao examinador, no laboratório. Em lugar de classes vai haver laboratórios. Em cada laboratório, um *maesc* especialista na matéria: por exemplo, no de matemática, Almakfisch; no de sociologia, Nicpetoj..., etc. Eles, aranhas; nós, moscas.

Resolvemos, este ano, abreviar os nomes de todos os *maesc* para ganhar tempo. Alejo Maksimich Fischer será Almakfisch, Nicolas Petrovich Ojegov, Nicpetoj.

Não falei mais com Lina. Ela quer mudar de carteira.

*Outubro 1º, 1923.*

Começamos a trabalhar no plano Dalton. Em todas as classes, menos numa, as carteiras desapareceram. Em vez delas, temos mesas grandes e bancos. Com Vanka Petujov, visitei os laboratórios e me sentí numa situação de idiota. Os *maesc* também ainda não sabem direito como aplicar o Dalton. Nicpetoj, como sempre, foi o mais astuto de todos. Veio e nos deu aula. Não notamos diferença alguma além do fato de estarmos sentados em bancos, em vez de carteiras.

Silfida Dubinina sentou-se ao meu lado; Lina, sentou-se do lado oposto. Que vá pro Diabo! Não me faz falta nenhuma.

*Outubro 2, 1923.*

Zoia Travnikova nos fez dar boas gargalhadas. Começou a contar para as meninas que os mortos resuscitam de noite e se apresentam às pessoas enquanto estas dormem. Uns rapazes se aproximaram e ouviram a história. Depois, Vanka Petujov perguntou a Zoia:



— Bom, e você viu os mortos?

— Claro que sim.

— E como é que eles são? — perguntou Vanka.

— Pois são azues, e pálidos, como se estivessem há muito tempo sem comer. E uivam.

Ao proferir estas palavras Zoia fez uma cara horrível e começou a mover os braços. Vanka então disse:

— Invenções suas. Os mortos são cinzentos, pardos e avermelhados... e grunhem assim: Uh! Uuh! Uuuh!

E grunhiu como um baroquinho.

Zoia ficou muito aborrecida e começou a resfolegar como uma locomotiva enquanto os rapazes se punham a rir.

Outubro 3, 1923.

O Dalton não leva a parte alguma. Ninguém compreende nada: nem os *maesc* nem nós. Os *maesc* passam as noites discutindo.

A única inovação são os bancos no lugar de carteiras, sem ter onde guardar os livros. Nicpetoj nos disse que já não nos farão falta. Todos os livros estarão no armário especial, no respectivo laboratório. E cada um pegará o que precisar. Mas, enquanto não há armários?

Os rapazes estiveram dizendo que houve um certo lord Dalton, um burguês, que foi o inventor do plano. E eu digo: para que queremos nós esse plano burguês? Eles também estiveram dizendo que enquanto ele inventava o plano alimentava-se apenas com fígado de ganso e gelatina. Queria ver se ele, como nós, se alimentasse com um oitavo de pão e um *vobla*. Ou se tivesse de ir pedir esmolas nas aldeias como nós nas colonias. Porque comendo fígado de ganso qualquer um inventaria planos!

Silfida se mexe muito e é muito incomodo sentar no mesmo banco que ela. Já mandei-a passear muitas



vezes mas ela me chamou de casmurão. Perguntei às meninas sua origem social e elas me disseram que ela é filha de tipógrafo. Que pena que ela não é uma burguesa porque aí ela ia ver quem eu sou!

Outubro 4, 1923.

Houve uma assembleia geral para decidir o caso da autonomia. Falou-se dos defeitos do ano anterior e da melhor maneira de exterminá-los.

O principal defeito é o do registro de faltas. Todos os *Comesc*, mesmos os melhores, ameaçam com o registro de faltas. Mas isso não adianta nada. Por fim, ficou decidido suprimir o registro por um mês para ver o que acontece. Todos gostaram muito da ideia e gritavam: Viva! viva! Zoia Travnikova armou uma cena, quando se levantou e disse com voz sepulcral:

— Sobretudo, segundo a minha opinião, principalmente os meninos devem ser castigados com prisão. De outra maneira, ninguém poderá suportá-los.

Aí é que foi! Todos começaram a assobiar e a gritar. No princípio houve uma indignação geral, mas, depois, Zoia pediu perdão, dizendo que era brincadeira.

Tem graça! Como ela é negra dos pés à cabeça nós a chamamos a "negra Zoia".

Depois da assembleia geral houve a do *Comesc*, que foi eleito por um mês.

Outubro 5, 1923.

Hoje, a indignação foi geral no nosso grupo. Aconteceu o seguinte: A nova *maesc* de história natural apareceu, Elena Nikitichna Kaurova — ou, como nós a chamamos: Elnikitka —, e começou a falar a respeito dos trabalhos que vamos fazer. Dirigindo-se a todo o nosso grupo, disse:



— Crianças!

Eu me levantei e retruquei:

— Nós não somos crianças.

Ela: — É claro que são e lhes falarei como sendo tais.

Repliquei: — Queira ser mais cortês, porque nos será facilimo mandá-la pro diabo!

Foi tudo. Todo o grupo ficou do meu lado, mas Elnikitka enrubesceu como um tomate e disse:

— Nesse caso, faça o favor de se retirar da classe.

Respondi-lhe: — Em primeiro lugar isto é um laboratório, não uma classe. Em segundo, não é costume mandar ninguém embora.

E ela: — Você é um grosseiro!

Eu: Você parece uma professora do antigo regime. Só elas se atreviam a tanto.

Nada mais. Todo o grupo aprova minha conduta. Elnikitka saiu voando, como se nós tivéssemos atirado água quente na cara dela.

Agora vamos ver no que vai dar!... O caso será discutido antes no *Comesc*, depois na *Junmaesc* — junta dos mestre-escola —, e depois no Conselho da escola. Tudo isso me parece uma grande bobagem e Elnikitka uma tonta. Na escola antiga, os *maesc* faziam o que queriam com os alunos; mas agora não podemos permiti-lo.

Nicpetoj nos leu uns fragmentos de "Anotações de Seminário", onde se conta como, na própria classe, açoitavam os seminaristas, mesmo os mais velhos. Lí, também, em outros livros como obrigavam a decorar tudo e punham nos alunos apelidos e qualificativos ridículos. Mas as crianças dessa época não tinham ideia dos tempos em que temos de viver agora. Passamos fome, frio, passamos pela catástrofe. Tivemos que manter nossas



famílias e percorrer milhares de verstas para comprar pão <sup>(5)</sup>. Alguns tomaram parte na guerra civil. Ainda não faz três anos que a guerra acabou.

Depois do escândalo com Elnikitka, pensei em tudo isto, e fui falar com Nicpetoj, para ver se eu tinha ou não tinha razão; mas ele estava ocupado com seu laboratório cheio de estudantes. Fui, então, para o laboratório de matemática, para ver Almakfisch e contei-lhe tudo o que eu acho a respeito de nossa vida. Almakfisch me respondeu de um modo incompreensível. Disse que tudo aquilo por que temos passado demonstra quantitativamente a abundância da época e, qualitativamente, está além do bem e do mal.

Eu nunca tinha pensado nisso. Queria apenas demonstrar que ninguém tem direito de nos tratar como crianças ou como peões de xadrez. Mas não houve tempo, porque os rapazes vieram fazer-lhe perguntas a respeito de matemática.

Que história é essa de bem e de mal? Acho que nem o bem nem o mal existem: isto é, o que é mal para um, pode ser bem para outro. Se o vendeiro tira cem por cento de lucro nas vendas, é um bem para ele, mas um mal para os que compram. Isso, pelo menos, é o que diz o *Alfpolit* <sup>(6)</sup>.

Outubro 6, 1923.

Que trabalhadeira!... Em um mês — isto é, em menos, para 1.º de novembro — temos de ler um monte de livros, escrever dez exposições, desenhar uns oito diagramas e, além disso, saber responder verbalmente,

---

(5) Ver "A Cidade da Abundância" (Epopeia de um menino russo) de A. Nevierof.—

(6) Alfabeto político.



isto é, não responder, mas falar a respeito do que aprendemos. Cada aluno tem o seu material. Além disso, é preciso preparar-se, de uma maneira prática, em física, química e eletrotécnica. Isto significa ficar encerrado no laboratório de física durante uma semana.

Silfida e eu fomos chamados pelo Comesc, onde estavam Serioga Blinov e alguns outros. Ela tinha se queixado que eu a insultara com palavras rudes como nas filas. Mentirosa! Quando saímos, puxei-lhe o laço das tranças e ela fugiu chorar.

Não, essa história de se sentar com meninas na mesma carteira é besteira. Amanhã eu mudo.

*Outubro 7, 1923.*

A reunião dos professores deliberou que o caso com Elnikitka fosse entregue ao Conselho da escola, e propuseram uma assembleia geral para examinar o assunto. Será amanhã. Não sabemos o que vai acontecer, mas não permitiremos que nos chamem de "crianças".

Apareceu hoje o primeiro número do jornal mural: "O aluno vermelho". No principio todos ficaram interessados, mas é uma bobagem: os artigos são cacetes; só falam de estudo, que é preciso portar-se bem... Os redatores são Serioga Blinov e outros.

Recebi um bilhete. "É inutil — diz — que você se faça de superior. Nenhuma menina quer saber de você."

Nem sei como é que se faz para ser "o superior". É Lina com certeza. Anda muito amiga da menina nova, a Zoia. Estão sempre juntas, perto da estufa, falando em voz baixa. Quando todos estão brincando, elas continuam no seu canto, perto da estufa. Naturalmente, o que elas gostariam era que alguém fosse para perto delas,



mas os rapazes nem sequer as olham. Como se fizessem muita falta!

Chamam a negra Zoia de fascista porque os fascistas se vestem de preto. Mas ela não compreende embora finja saber do que se trata. Nossas meninas, em geral, entendem menos de política do que os meninos.

Outubro 8, 1923.

A cabo de sair da escola. Houve a assembleia geral na qual examinaram a questão Elnikitka. Nicpetoj foi o que falou com mais acerto. Achou que era uma bobagem, que cada operário da escola devia procurar um ponto de contacto com os alunos; que Elena Nikitichna ainda não o tinha encontrado, mas, com o tempo, o encontraria.

Quando falaram de mim, os *maesc* disseram que eu era um menino grosseiro e que necessitava de certa influência moral. E Zin-Palna — a administradora da nossa escola — disse que eu era um rapaz profundo, mas que não sabia dominar os meus instintos. Não sei de fato como dominá-los, mas sei muito bem, que não me é possível ouvir alguém me chamar de criança.

Mas é difícil discutir com Zin-Palna, porque pode ocorrer-lhe levar a gente para o quarto dos professores e passar um sermão... E depois de tanto sermão a gente hobeia completamente.

Continuando a falar da assembleia: sem saber porque, a fascista levantou-se — Zoia Travnikova — e disse que eu não tinha futuro, pois sempre tinha histórias com as meninas, etc. Aí eu me encolizei. Em primeiro lugar, nunca troquei uma palavra com ela; e, em segundo, ela não pode demonstrar nada, porque não tem provas.



Perpassou um murmúrio pelo nosso grupo, porque acusar um camarada em assembleia geral está fora das normas do grupo. A solução aceite foi a que me fazia pedir perdão a Elnikitka, mas eu exigí que ela o fizesse antes por ter-nos chamado de "crianças". O assunto está agora nas mãos do Conselho da Escola. Acho que Elnikitka me suspenderá das aulas de história natural.

Voltei para casa com Vanka Petujov e Vanka insistia em que eu não devo ceder porque se o fizer eu perderei. Vanka vende cigarros sem ter patente —. O guarda expulsou-o, uma vez da esquina, mas Vanka não cedeu, o guarda terminou desistindo, e hoje Vanka vende o que quer. Não pode viver sem se dedicar a vender alguma coisa porque tem uma tia doente e uma irmã, e ele é o único na família que pode trabalhar. Além disso tem de estudar. Tenho sorte de meu pai ser alfaiate e eu filho único, porque senão eu também teria de vender pela rua.

*Outubro 10, 1923.*

Hoje, na conferência, Elnikitka nos explicou o que devíamos fazer. Silva estava perto de mim, na carteira, e não podia ficar quieta. Eu, sem querer, toquei seu braço e ela soltou um gritinho. Elnikitka perguntou o que tinha acontecido, e Silva, naturalmente, contou tudo.

Elnikitka me disse então que eu era um "kooligan". Eu perguntei o que queria dizer com essa palavra e como devia tomá-la mas ela não me soube explicar. Mais tarde indaguei de Nicpetoj o significado de "kooligan" e soube que "kooligan" é o homem que prejudica outro sem proveito próprio.



Mas que foi que eu fiz para Silva? Cuspí no seu prato de sopa?

Outubro 11, 1923.

Hoje apareceu, não se sabe donde, um jornal de parede novo, com o título X. Fala de todos: dos *maesc*, de Dalton, das meninas que dansam escondidas..., e, sobretudo, de "O Aluno Vermelho".

Os laboratórios continuam vazios. É verdade que para o de sociologia já foram todos os livros que tratam do *alf polit* e que para o de história natural carregaram o armário e as coleções. Mas também, é só isso. E devia ser assim: em cada laboratório todos os livros e manuais que lhe correspondem. Só assim os alunos poderiam escolher livremente e preparar devidamente seus questionários.

Outubro 12, 1923.

Estavamos jogando *lapot* <sup>(7)</sup> no recreio. Nós guardamos o *lapot* embaixo da escada e o usamos quando vamos jogar. Todos se juntam e começam a chutar o *lapot*. No meio fica quem deve pegá-lo. Se pega, o *lapot* vai ficar no lugar onde estava a última pessoa que o arremessou.

Pois bem: estavamos jogando, o *lapot* voava como um avião, quando, de repente, dei um chute, o *lapot* saiu do quadro e zas! foi parar na cara de Zin-Palna, que entrava na sala naquele momento. Puxa! Como ficou

---

(7) Jogo de inverno parecido com o futebol. *Lapot* é uma especie de calçado fabricado com cortiça.



fera! Bateu com os pés no chão — é um costume lá dela —, e gritou:

— Queiram parar! Quem fez isso?

Todos ficaram quietos. Começou então a proferir frases lastimosas: “Pensei que na nossa escola conservava-se a tradição de que o culpado de uma falta a confessasse, e, caso contrário, fosse considerado um covarde!...” E cousas semelhantes.

Não pude resistir mais e perguntei:

— Está claro que o culpado deve confessar sua falta, mas, se não há falta?

— Mas há — replicou Zin-Palna — por se permitir movimentos demasiado bruscos, sem pensar nas possíveis consequências.

Disse então que tinha sido eu. Zin-Palna veio para perto de mim, tomou-me a mão e disse:

— Venha.

Senti-me aturdido e fui atrás dela para a sala dos *maesc*. E lá vieram os sermões! Isso sim que eu não podia suportar. Eu disse:

— Para que serve a autonomia se os *maesc* se metem em tudo e nos chamam a atenção a todo o instante? Deviam dar queixa ao *Comesc* e ele que se encarregue.

Mas ela respondeu:

— Você não pode esquecer de uma cousa. Você ainda não é um homem, mas uma larva. Não pode ser responsável pelos seus atos.

E os sermões continuaram.

Quando me ví livre, o *lapot* tinha terminado e o recreio também. Se Scrioga Blinov fosse meu amigo, como antes, eu teria ido ter com ele e falado sobre a autonomia e os *maesc*. Mas agora não tenho mais com quem falar. Talvez com Vanka Petujov. Faz tempo que queria entrar no alvéolo, mas o nosso é muito ina-



tivo: bem que podia por os *maesc* no seu lugar! mas não quer se ocupar das cousas da escola. As seções do alvéolo estão abertas, mas são tão tendenciosas que ninguém sem partido as assiste. Só se fala ou de política ou de industria. Parece uma aula bem cacete. E quando alguém resolve dar informações, então a gente acaba mesmo com sono.

Outubro 13, 1923.

Houve reunião do Conselho da escola. Estavam examinando meu caso com Elnikitka e Zin-Palna achou oportuno contar o caso do *lapot*. Ficou decretado que era preciso exercer sobre mim uma influência moral. Nicpetoj levou-me para um laboratório vazio e começou a falar comigo. Mas nada sobre o meu carater: só falou do método Dalton. Disse que os professores de agora tinham um conceito diferente do ensino. Antigamente procuravam, no menor prazo que lhes fosse possível, encher a cabeça dos alunos de toda especie de conhecimentos; mas, quando terminava o curso, esses conhecimentos se evaporavam num abrir e fechar de olhos. Numa palavra: era preciso encher o recipiente vazio; o conteúdo não os preocupava. Agora, porem, o aluno era considerado como uma tocha por acender, para que em seguida continue ardendo por si mesma. Para isso é que, precisamente, foi introduzido o metodo Dalton; isto é, para fazer os alunos pensar e trabalhar o mais possível.

Eu disse que isso era muito difficil, e que, naturalmente ninguém estava preparado para o 1.º de novembro. Mas Nicpetoj respondeu que isso não tinha importância, e que todos compreenderão, por fim, o valor do plano Dalton.



Eu, confesso, não compreendi até hoje. Perguntei depois a ele se ele achava que eu era um "kooligan". E ele respondeu que não, mas que, eu revelava já agora uma aspereza de carater que se suavizaria com os anos.

Quando me despedi, eu estava muito alegre e fui cantando pedir desculpas a Elnikitka. Cheguei no laboratório de história natural quando ela saía gritando para mim que eu nem trabalhava nem deixava os outros trabalharem. E outras cousas do gênero. Fiquei furioso e pús a lingua. Agora ela vai tornar a se queixar ao Conselho escolar; farão meu pai comparecer de novo... Com os diabos!

A meu ver, Elnikitka, não ajuda de jeito nenhum a acender a tocha. Ela a apaga, isso sim.

Recebi outro bilhete:

"Embora uma s. esteja apaixonada por você não pense que você é muito interessante. Você devia deixar de usar um vocabulário tão grosseiro porque ninguem quer se dar com você."

Devem ser cousas de Lina.

*Outubro 15, 1923.*

Ontem era domingo e fui com Silva ao cinema. Porque precisamente com ela? Porque acontece que ela tem facilidade em conseguir vales para o cinema. A fita era "A ilha dos navios naufragos". No vestibulo eu vi Lina e a negra Zoia. São muito amigas e estão sempre falando em voz baixa. Depois da fita Lina veio perto de mim e disse.

— Venha cá uma pouco.



Fui, mas Silva foi logo para casa. Lina, então, me disse:

— Embora você não queira falar comigo quero dizer-te que talvez nunca mais me veja. E... diga à Silva que eu a odeio.

Virei as costas e passei na frente da negra Zoia. Estava rígida, como uma estatua. Porque diabo essas meninas têm de se meter na minha vida!

*Outubro 20, 1923.*

Passamos o dia numa excursão. Hoje fomos às fábricas, amanhã iremos ao museu. Assim sempre. Não sobra tempo para escrever.

*Outubro 22, 1923.*

O "X" continua aparecendo, mas ninguém conseguiu saber quem é que o escreve. Deve ser o grupo dos maiores. Apareceu um jornal novo "Aax," que circula entre os alunos; mas com uma advertência para que não se deixe surpreender pelos *maesc*.

"Aax" significa: "Anexo ao X". Vem cheio de obscenidades de todo jeito e muito divertidas.

*Outubro 23, 1923.*

Não sei como foi mas o Aax caiu na mão de Nicpetoj. Nicpetoj então começou a falar longamente sobre o amor e as relações entre o homem e a mulher como se fosse uma grande novidade. Apesar disso, ele me surpreendeu quando disse que o amor é um jardim



florido; que quem se entrega a cousas obcenas mancha esse jardim. Volodia Schmerz perguntou então:

— O amor é mesmo um jardim florido?

Nicpetoj respondeu que sim, e que, alem disso, era resplandecente, luminoso, e ouro e prata. Os meninos riam e as meninas cochichavam entre si, e a negra Zoia, a "fascista", levantou-se e disse:

— E, alem do mais, o amor dura até o túmulo.

Nicpetoj perguntou-lhe:

— Porque até o túmulo?

E ela:

— E não só até o túmulo, mas alem dele. Eu conheci um jovem que amava uma moça morta.

E, ao dizê-lo, fez uma encenação tal que poderia assustar qualquer um, como se ela fosse a defunta. Até os meninos pararam de rir. Mas Nicpetoj disse que isso não era natural, que o corpo morto se decompunha e se convertia em pó com tanta rapidez que era inutil falar de amor aos mortos.

*Outubro 24, 1923.*

Daquí a pouco vamos ter de entregar os trabalhos do mês de outubro e eu não fiz nada. Maldito Dalton! Minha cabeça está ôca. Nunca pensei que fosse tão difficil estudar por si mesmo.

*Outubro 25, 1923.*

Apareceu outro jornal de parede, da coletividade unida dos grupos menores, "A Bobina". Despertou um interesse geral pois anuncia uma pesquisa: "Pode haver na nossa escola amizade entre jovens de sexo diferente?"



Copiei as respostas expostas na parede perto do jornal.

1. Pode, havendo compatibilidade de caracteres.
2. Uma menina não pode ser amiga de um menino porque suas opiniões e interesses são diferentes (Escrito pela "fascista").
3. Creio que sim, mas não entre todos. Na nossa escola não é possível porque logo que uma amizade se iniciava e era conhecida, começavam a chover de todos os lados brincadeiras e caçadas e a amizade tinha de acabar. Tudo era interpretado num sentido diferente.
4. Não. As meninas são o espirito de contradição. (Escrito por mim.)
5. Poderia haver se algumas meninas tratassem com menos desprezo os rapazes. Isso influe nas outras.
6. É difícil responder. Tenho dois conceitos de amizade: a) Entre meninos e meninas deve haver uma amizade coletiva e comum. E, segundo meu modo de pensar, isto é possível. b) Mas há outra especie de amizade, aquela que se produz entre pessoas isoladas, que sentem uma simpatia mútua. Esta especie de amizade pode existir entre um menino e uma menina; mas, note-se bem, não entre cada menino e cada menina. Em geral, a amizade é algo de bom, de fundamental, que não podemos renegar.
7. Na minha opinião, não pode haver, atualmente, porque a amizade se transforma, no fim das contas em algo mais forte por parte de um dos dois. (Isto foi escrito por Lina. Eu bem que vi.)

Outubro 26, 1923.

Aconteceu uma cousa grave.

A Zoia Travnikova tinha sido batisada de "Negra Zoia" e "fascista". Ninguem dava maior atenção ao caso, a não ser ela que se sentia ofendida. Mas hoje, na aula, Nicpetoj nos explicou com detalhes o que vinha



ser a obra de Mussolini e dos fascistas; como as camisas negras se apoderaram de Roma e como trataram os comunistas.

Durante o recreio do meio-dia, os meninos se puseram de acordo, rodearam Zoia e começaram a cantar:

“Os fascistas não nos assustam. Não temos medo das baionetas...”

No principio Zoia chorou, depois começou a se queixar, mas só conseguia provocar gargalhadas.

De repente, Zoia caiu no chão. Paramos imediatamente de cantar, chegamos perto e vimos que ela estava muito pálida, como um cadaver, com os dentes apertados. Ficamos assustadíssimos. Foram buscar agua para jogar nela, mas ela continuava sem sentidos. Então apareceu Elnikitka — estava de plantão — e começou a nos repreender; mandou trazer amoniaco da farmácia escolar, nós o trouxemos, Elnikitka aproximou-o das narinas de Zoia e esta começou a reagir. Elnikitka tornou a repreender-nos e nos despediu.

Nicpetoj, como guia do nosso grupo, levou-nos ao auditório e tivemos uma discussão a respeito de apelidos. Primeiro contamos qual era o de cada um. Verificamos que cada menina tinha vários, ao passo que os dos meninos eram mais reduzidos em numero. Uma só menina era chamada de: “Cadela”, “Tripa”, “Palito”, “Linguiça”.

A discussão demorou muito. Por fim deliberou-se que se alguém protestasse contra o apelido era preciso parar de chama-lo daquela maneira. As meninas então começaram a fazer um estardalhaço dizendo que não queriam ser chamadas pelos apelidos. Tudo isto foi tema para discussões.



Tudo isto para mim é uma bobagem muito grande. Eles me chamam de "Cabrão" mas eu nem ligo.

Outubro 22, 1923

Organizou-se na nossa escola um destacamento de jovens colonos. E' preciso fazer um juramento solene, andar em volta da sala com passo militar, deixar de fumar e outras cousas do gênero. Todos aqueles que gostam de se exhibir se alistaram logo, mas a cousa me soa a brincadeira cujo único fim é usar gravata vermelha. E' melhor esperar minha admissão no *Comsomol*. Sou comunista por convicção.

Zoia e Lina não se alistaram porque essa história de "colonos" tem "alguma cousa contra Deus". E' linguagem delas. As duas são inconcientes e tontas, porque o mundo procede da celula — isto é facilmente demonstravel — e não de Deus.

Durante a explicação dos temas de novembro, vou fazer umas perguntas a Elnikitka a respeito de Deus. Ela, que é especialista em história natural, deve entender do assunto com todos os detalhes.

Outubro 29, 1923.

Tive uma conversa com Serioga Blinov. Ele me disse o seguinte:

— Apesar de pertencer ao *Comesc*, considero nossa autonomia muito deficiente. Que especie de autonomia é essa que se vê tutelada pelas ordens dos "maesc"? Temos ainda muita cousa da escola antiga: por exemplo: o cumprimento obrigatório. Todo aluno, quando vê o *maesc* a primeira vez naquele dia tem de desejar-



lhe "bons dias". Isso não é justo. E se o aluno não quiser cumprimentar? Além disso essa história dos alunos se levantarem quando o *maesc* entra na sala... É verdade que isso não tem importância, porque não há mais classes e a gente se reúne poucas vezes no auditorio.

Concordei com ele. Seriaga então me perguntou se o apoiaria se ele falasse contra essa forma de autonomia. Respondi que sim.

*Outubro 30, 1923.*

Hoje Zoia tornou a desmaiar. Estava, como de costume, sentada com Lina perto da estufa. Brigaram, parece, e Zoia caiu desmaiada. Tornou-se a trazer água e amoniaco. Custou muito fazê-la voltar a si. Ziu-Palna chamou Zoia para a sala dos professores e falou durante muito tempo com ela.

Zoia é estranha. Acho que ela pensa muito nos mortos e por isso é que desmaia desse jeito.

*Outubro 31, 1923.*

Amanhã começa o prazo da entrega dos trabalhos. Ontem passei a noite estudando e terei de fazer o mesmo hoje.

O pior de tudo é que não há livros. O pessoal tirou todos dos laboratorios e das bibliotecas. É claro que estão se preparando. Onde é que vou arranjá-los? Não tenho dinheiro para comprá-los. Vou fazer hoje os diagramas de sociologia.

De qualquer maneira esse plano Dalton é a coisa mais cacete que já se inventou.



## SEGUNDO CADERNO

Novembro 1, 1923.

É claro. Fui reprovado em matemática e física. E, em história natural nem sequer me atrevi a me apresentar. Parece que a isso se chama "estar em dívida".

Dá no mesmo. Quando entregar os trabalhos tenho de dar um jeito. Mas até lá, não porão uma cruzinha na frente de meu nome. De qualquer maneira estou envergonhado; a maior parte de nosso grupo apresentou todos os trabalhos. Com Nicpetoj, naturalmente, fiz tudo; já entreguei os diagramas.

Começam os preparativos para os festejos de outubro. Eu e Silva D. fomos eleitos membros da comissão de nosso grupo.

Novembro 3, 1923.

Decidimos enfeitar todo o edificio da escola com bandeiras e folhagens verdes. Os *maesc* disseram que não interfeririam e que nós deveríamos fazer tudo por nós mesmos. Sem os *maesc* é muito melhor. Parece que Silva não é tão boba nem tão burguesa quanto eu pensei. Não gosta de bailes e quanto ao laço em forma de hélice é ordem da mãe. Eu disse que ela não devia fazer caso de tal ordem, mas ela respondeu que gosta de sua mãe e por isso obedece.



Não compreendo isso: usar um laço contra as convicções. Eu nunca consentiria em usar um laço, embora goste e respeite muito o meu pai.

Amanhã vamos procurar ramos de abeto fora da cidade. Viva!

*Novembro 5, 1923.*

Já está quasi terminado. Em cima da entrada pusemos uma estrela vermelha que será iluminada. Todos os laboratórios e a sala estão enfeitados com bandeiras e abeto. Todos elogiaram nosso bom gosto e estou muito satisfeito.

*Novembro 7, 1923.*

Todos compareceram à manifestação, meu pai também; mas eu fiquei em casa. Estou de cama e apenas posso andar. Subi ontem no arco da entrada para prender um rótulo, mas escorreguei e caí, ficando com uma distensão no nervo do tornozêlo. Doeu feito não sei o que. Agora não tanto mas não posso encostar o pé no chão. Silva, na mesma hora, na calçada, tirou o meu sapato e começou a me fazer massagem. Resisti no começo, mas depois deixei e logo aquilo se tornou agradável. Depois Silva chamou Vanka Petujov e outra; procuraram uma maca e me trouxeram para casa.

Então as meninas também podem ser boas companheiras? Preciso falar a este respeito com Vanka Petujov. Agora, como não tenho nada a fazer vou escrever um pouquinho a respeito de todos.

Vanka Petujov é muito astuto. No dia primeiro de Novembro fizemos exame de matemática com Almakfisch — pode-se ser examinado quando se queira.



Vanka não foi. Mas quando soube os teoremas que Almakfisch perguntava de preferência apresentou-se para ser examinado e foi aprovado. E assim nos outros exames. Agora Vanka está livre das obrigações. Mas eu não posso fazer isso. Eu acho que um tal procedimento não dá combustível para acender a tocha. E' preciso estudar as cousas direito para conservá-las no cérebro. Em geral, todos ficam na porta dos laboratórios indagando: Que foi que ele perguntou? Que pergunta? Tal qual antigamente. Uma verdadeira escola antiga.

Vou marcar quais os *maesc* que perseguem os alunos e quais os alunos perseguidos.

Elnikitka não me suporta e o mesmo acontece entre Almakfisch e Silva. Suspendeu-a em física e matemática e ela começou a chorar. O Almakfisch é muito engraçado. Silva me disse que segurou-lhe os cabelos pelo laço. "Você sabe usar laços mas não matemática nem física." Creio que ele não tem o direito de dizer cousas assim. Só na escola antiga os *maesc* tinham esse direito.

Zin Palna persegue Vanka Petujov. Nós a chamamos assim porque ela é muito alta. Quando atravessa a sala parece a torre de Sujarev e nós, os mercadores. Estamos brincando. Quando aparece Zin-Palna começamos a berrar:

- Empadinhas! Empadinhas quentes!
- Tecidos ótimos! Compra, moça bonita!
- Roupa, roupa velha!

Mas Zin-Palna atravessa a sala muito alegre, sorrindo, porque não percebe a farsa. Abre a boca enorme de um só dente, e amarelo. Com certeza está pensando: Como brincam estas crianças! Se aparecer alguém do Centro e os vê com estas brincadeiras vai fi-



car satisfeito...” E nem suspeita que ela é que é a torre de Sujarev. A gente tem um pouco de medo dela porque quando nos quer dizer alguma coisa bate com os pés no chão e grita: “Silêncio!” Todos se calam imediatamente, apesar de nós não sermos soldados e ninguém ter o direito de nos dar ordens.

Não gosta de Vanka Petujov porque ele vende cigarros na rua. Ela o considera um desamparado e acredita que tudo o que ele faz é para se embriagar com samogon, jogar cartas, tomar cocaina, deitar-se com mulheres... E diz sempre “Pode contagiar a escola inteira”. Mas se Vanka fuma, ele fuma como eu, como Serioga Blinov, que para Zin-Palna é o aluno modelo. O resto é boato. E’ verdade que todos os desamparados conhecem Vanka, mas é porque ele os ajuda lendo-lhes livros — porque eles são analfabetos — e estou resolvido a ir com ele um dia destes para ver que especie de gente é essa. Vivem no porão, nos fundos de uma casa; a casa desaparece no meio de um montão de escombros. Eles vivem ali e Vanka não tem medo deles. Diz que entre eles há ótimos rapazes, apenas são analfabetos. No princípio faziam guerra contra Vanka, assaltavam-no, jogavam-no ao chão com seu taboleiro e tudo, repartiam entre si as mercadorias que ele vende e até procuraram dar-lhe uns bofetões. Então Vanka foi ao porão, levou-lhes livros, deu-lhes cigarros de presente e leu para eles. E eles gostam de histórias como crianças. Desde então deixaram Vanka em paz. Mas Zin-Palna não está ao par dessas cousas e sempre passa pitos em Vanka. Para dizer a verdade, um dia Vanka e eu experimentamos cheirar o *marafet* — cocaina — mas não conseguimos nada de bom. Primeiro tivemos uma dor de cabeça e depois começamos a vomitar. É uma cousa nojenta e nada mais. Mas os desampara-



dos, se é verdade o que Vanka contou, não podem viver sem *marafet*.

Nicpetoj não persegue ninguém e por isso todos temos confiança nele. Além disso, diz que está orgulhoso do grupo, porque vê nele desenvolvida a consciência coletiva. Embora eu não esteja de acordo com ele, é verdade que talvez entre os meninos exista a consciência coletiva, mas entre as meninas... que sei eu! Talvez...

Bom, é preciso estudar. Vou resolver os problemas para Almakfisch.

Novembro 10, 1923.

Saí hoje pela primeira vez e fui diretamente para a escola. Dizem que a manifestação esteve ótima e que agora é moda andar pela rua de pernas de fora, em traje de fisicultura. Todos andam assim, mesmo as meninas. Acho isso ótimo porque as saias levantavam muito pó e gastam muita fazenda. De qualquer maneira as mulheres usam também calças compridas. Dizem que as meninas do Comsomol, que tomaram parte na manifestação, usavam todas calças compridas.

Logo que entrei na escola recebi um bilhete: "Alguem esteve muito triste por não vê-lo aqui. Sabe quem?"

Não quero adivinhar.

Entreguei a Almakfisch os trabalhos de matemática. É a vantagem de ter passado uns dias em casa.

Novembro 11, 1923.

Hoje é domingo. Houve uma reunião geral que levou um tempo enorme. No começo, o antigo Comesc



prestou contas de sua atividade. Tudo continuava como sempre, mas de repente o presidente do *Comesc* — Seriaga Blinov — declarou que era a última vez que faria parte do *Comesc*, que nunca mais o faria, e que retirava sua candidatura para sempre. Os motivos de tal resolução são os seguintes: que o *Comesc* é um inválido apoiado nas muletas do *maesc*. Isto é, que não pode fazer nada por si, e está sempre obrigado a atender às vontades do *maesc*.

Como Seriaga em vez de dizer “mestres-escola” dissesse “*maesc*” um grupo deles apresentou imediatamente um protesto.

Zin-Palna tomou a lavra e perguntou a Seriaga a opinião a respeito do fato dos alunos não darem atenção alguma aos mestres e tratarem-nos apenas como homens. Seriaga Blinov ofendeu-se e negou-se a continuar falando, mas os rapazes conseguiram convencê-lo. Então disse que considerava um preconceito essa mania de cumprimentar os professores, e que ele, de seu lado, não pode submeter-se a isso. Zin-Palna, em resposta, disse-lhe que o considerava sempre um aluno modelar e não podia compreender que mosca o tinha picado. Quis também saber se lavar-se e pentear-se também eram preconceitos. Seriaga tornou a ficar zangado e recusou-se a responder.

Almakfisch afirmou “que não estava surpreso e que, quantitativamente, era um sinal de riqueza da época, enquanto que, qualitativamente, a questão estava além do bem e do mal.” Era mais ou menos o que ele dissera por ocasião do meu conflito com Elnikitka.

Apesar dos pedidos dos *maesc*, Seriaga Brinov não se deixou convencer e a maioria dos alunos colocou-se do seu lado. Apenas umas meninas apoiavam os



*maesc*; entre elas Lina e a negra Zoia. Pelo menos, cada vez que Serioga se punha a falar, Zoia resfolegava como uma locomotiva: fu! fu! fu!

Houve depois as eleições do novo *Comesc*. Com grande assombro, e contra minha vontade, fui eleito membro do *Comesc*. Além de mim, do nosso grupo, Silva Dubinina. Essa menina tem sorte! Até em ser eleita comigo. Isso não tem importância: com ela é possível trabalhar, não é como com as outras meninas.

O *Comesc* é considerado como um órgão superior de autonomia. O *comsan*<sup>(8)</sup> o *Comcult*<sup>(9)</sup> e outros estão submetidos a ele. Isto é: parece que estão submetidos, mas, realmente, fazem o que lhes convem.

Elnikitka me encontrou no corredor e perguntou:

— Quando se mostrará disposto a revelar o que aprendeu, cidadão Riabtsev?

Respondi:

— Quando o tiver aprendido, cidadão Kauzova.

Replicou: — Todos já receberam material novo. Você está atrasado.

— Terei tempo para alcança-los, — retruquei. E fugi dela. Não posso com ela.

Novembro 13, 1923.

Mal fui eleito membro do *Comesc* e já surgiu um assunto importante. Desde o início das aulas tem havido roubos na escola. Há um mês atrás, roubaram uma caixa de desenho de um rapaz do grupo dos maiores. Depois desapareceram dinheiro, almoços, e isso várias vezes. Roubaram de Vanka Petujov seis *limardos*. Deixou dentro do casaco, no guardaroupa e quan-

(8) Comitê Sanitário.

(9) Comitê de Cultura.



do voltou o dinheiro tinha desaparecido. Acontece que Serioaga Blinov, passando diante do guardaroupa, viu Alioja Chikin mexendo por ali. Naturalmente, quise-mos interrogar Alioja Chikin, mas este já tinha desaparecido. Silfida Dubinina e eu tivemos que ir, na qualidade de membros do *Comesc* do terceiro grupo, à casa de Chikin. Chegamos, entramos no lugar; Alioja não estava, seu pai nos recebeu — um sapateiro:

— Que é que vocês querem?

Dissemos o que era. E ele disse:

— E' ele! filho da puta! Eu sei. E' um ladrão. Eu ainda arranco a pele daquele maldito!

Ficamos arrependidos de ter falado. O pai ia bater nele; mas, quem sabe! podia ter sido um outro! Ficamos no patio com Silva, esperando Alioja, até anoitecer.

Ele chegou então e eu aproximei-me dele:

— Porque você saiu da escola antes da hora?

— Não é da sua conta!

— Mas é. Porque roubaram o dinheiro de um menino!

Alioja me deu um empurrão, para que o deixasse passar, dizendo:

— Saia! Vou para casa.

Respondi: E' melhor você não ir até deixar este assunto perfeitamente claro; porque teu pai quer te bater.

Alioja gritou:

— Ah! Então vocês contaram? Eu não tirei os seis limardos coisa nenhuma!

Atirou-se contra mim e deu-me uns socos na cara, mas Silfida segurou-o por detrás e o colocamos contra a parede. Perguntamos:

— Como é que você sabe que são seis limardos? Nós não dissemos!



Em vez de responder começou a chorar e dizer palavras, cuspiendo nos nossos rostos. Vimos que Alioja transcendia a *samogon*. Conseguiu livrar-se de nós e fugiu. Como já era noite, não pudemos alcançá-lo e voltamos para a escola. Os membros do *Comesc* nos esperavam e contamos tudo. Naturalmente as suspeitas aumentavam, mas não existiam provas diretas. Elnikitka estava de plantão e nos perguntou:

— Porque não o revistaram?

Explicamos a razão, embora, sinceramente, isso não nos tivesse ocorrido. Ficou resolvido deixar a discussão do assunto para a manhã seguinte.

Novembro 14, 1923.

Alioja apareceu como se nada tivesse acontecido. Foi chamado para o *Comesc*.

— Que é que você estava fazendo no guardaroupa?

— Estava procurando pão no bolso do casaco — disse.

— Porque foi que você saiu da escola antes da hora?

— Eu tinha de voltar para casa.

— Mas Riabtsev e Dubinina não encontraram você lá.

— Tinha saído.

— Porque é que você estava cheirando *samogon*?

— E' mentira!

— Como é que você sabia que eram seis limardos precisamente?

— Nem sabia nem sei.

Era uma mentira mas nós não dissemos nada. Tinha sido ele o primeiro a gritar que fora ele que não roubara os seis limardos. Dessa maneira, ninguém mais tinha dúvidas de que ele era o ladrão, e não ha-



via mais nada o que dizer. Problema: como resolver o assunto? Os *maesc* não dizem nada. Melhor; muito melhor que não se metam. Mas não podíamos deixar o caso assim. Falamos longamente e nos separamos sem ter tomado resolução alguma.

Se amanhã também não resolver nada, a junta geral terá de examinar a questão. Serioga Blinov me disse que, ao que parece, não havia solução, e que Vanka Petujov é o culpado por ter deixado o dinheiro no bolso do capote. Está certo, mas é intolerável que se roube na escola. Além disso, para que existe o *Comesc*, de todos assuntos acabam desta maneira?

Novembro 15, 1923.

Zin-Palna resolveu interferir no caso de Chikin. Passou-lhe um sermão de duas horas. Chikin saiu da sala dos professores com o rosto inchado de tanto chorar e fugiu da escola. Nós, membros do *Comesc*, fomos falar com Zin-Palna e pedir satisfação daquela intromissão em assuntos que só a nós dizia respeito. Zin-Palna disse que, em primeiro lugar, era seu dever zelar pela ordem escolar; e, em segundo, que não tinha se envolvido de maneira alguma nos nossos assuntos, tinha, apenas, querido exercer uma influência moral sobre Alioja. O assunto será debatido na reunião geral.

Elnikitka reuniu-nos no seu laboratório para explicar-nos a multiplicação dos fetos. Aproveitando a ocasião, perguntei:

— Qual é a sua opinião sobre a origem do homem e, em geral, do Universo?

Ela ruborizou-se, e respondeu:

— A origem, é, naturalmente, de caráter biológico.

— Que quer dizer com isso?



Elnikitka começou a dar-me uma explicação a respeito de células. Mas isso não me importava e perguntei de novo:

— Há ou não há Deus?

Enrubeceu novamente e disse:

— Para uns, sim, para outros, não. É uma questão individual.

Então a negra Zoia gritou, raivosa:

— Não sei porque pergunta. Será para demonstrar que não há? Pois eu creio em Deus e nada poderá me proibir de fazê-lo.

Quis responder que ninguém pensava fazer tal proibição, e que essa questão devia ser estudada de outro ponto de vista, mais alta. Mas ela não deu ouvidos e pensei que fosse desmaiar de novo.

Elnikitka continuou nos explicando a questão dos fetos. Zoia acalmou-se e eu decidi esperar.

Quando terminou a aula, Silva chegou perto de mim e disse:

— Você sabia que elas vão à missa?

— Quem, elas?

— Zoia e Lina.

— E você não?

— Não. Não creio em Deus; embora minha mãe insista muito nisso — respondeu Silva. Minha mãe é antiquada e meu pai é moderno. Quero muito aos dois, mas estão sempre brigando e até se agredem as vezes. Meu pai tirou as imagens, mas minha mãe tornou a colocá-las lá em casa. No princípio eu estava do lado de mamãe, mas meu pai conseguiu me convencer.

— Seu pai o que é?

— Caixeiro. Imagine que antes ele era também da oposição, estava com os grevistas e chegou a lutar com os soviets; mas agora é um bom vermelho. Mi-



nha mãe sempre briga com ele por isso. Na nossa casa todas as mulheres são contra ele. Quando estou estendendo roupa no patio, começa uma batalha dos diabos.

— Mas antes, você também ia à missa?

— Sim; quando me chamavam Dunia, eu ia. Depois meu pai e eu decidimos pelo nome Silfida e, desde então, deixei de ir à missa. Minha mãe não quer ouvir falar de Silfida. Diz que é nome de bruxa.

Refletí um pouco e pedi a Silva que me chamasse Vladlen. Ela disse que sim.

*Novembro 16, 1923.*

Hoje a negra Zoia estava entregando o material de outubro para Almakfisch e de repente tornou a cair no chão num desmaio. Mas agora, ninguém se impressiona mais. Jogamos agua e demos amoníaco para ela respirar e ela ficou boa.

Mas na reunião do *Comesc* resolvemos dar um jeito de acabar com essa mania de desmaiar e eu me encarreguei de conseguí-lo. Estabeleceram uma condição: evitar todo meio prejudicial à saúde. Eu também acho que isso é logico.

*Novembro 17, 1923.*

Reunião do *Comesc* para tratar do caso de Alioja Chikin que não veio mais para a escola, fugiu de casa, sem deixar rastro.

Deliberou-se comunicar ao Conselho da escola que o *Comesc* não tem objeção a que se procure Chikin por intermédio da policia; estabelecendo a condição de não denunciar o roubo.



Novembro 23, 1923.

Disse a Necpetoj que eu queria entrar no *Comsol* e ele aprovou a ideia. Afirmou que se fosse da minha idade faria o mesmo.

Novembro 24, 1923.

Logo que ouvi as meninas gritarem que Zoia tinha desmaiado, saí correndo do patio, peguei uma cousa e sempre correndo perguntei onde ela estava. Fui até ela — estava no auditório — e a vi. Estava estendida, como sempre, muito pálida, com os dentes apertados. Ordenei:

— Levantem um pouco.

Os meninos levantaram-na e eu passei-lhe na nuca um punhado de neve. Ela se levantou imediatamente gritando como uma louca. Os meninos se puseram a rir e então chegou Elnikitka correndo com o amoníaco.

— Que foi?

— Zoia desmaiou e Costia Riabtsev curou-a...

— Que história é essa?

— Com neve...

Elnikitka veio para mim, dizendo que era uma crueldade agir daquele modo, que eu sou um companheiro mau e que ia se queixar de mim na reunião geral. Mas Zin-Palna aproximou-se, olhou-nos a Zoia e a mim, e disse:

— Elena Nikitchana, acalma-te! Zoia não tornará a desmaiar.

Zoia estava com os olhos brilhantes de colera e resfolegava como uma locomotiva. Saiu correndo e Zin-Palna me disse;



Mas de outra vez não faça nada sem minha permissão.

E foi embora. E essa história de permissão... Desde que sou membro do *Comesc* era o meu dever fazer o que eu havia feito.

Está chegando a hora de entregar os trabalhos de novembro e ainda não entreguei os de outubro. Pertencer ao *Comesc* rouba muito tempo da gente. Além disso tenho de escrever para "O aluno vermelho" e não tenho tempo para nada.

*Novembro 26, 1923.*

Abriam-se as inscrições para o *Comsomol*. Silva e eu apresentamos nossas propostas para o alvéolo. Dizem que o nosso alvéolo será logo incorporado ao industrial. Isso é interessante, porque nossas reuniões têm sido muito cacetes.

*Novembro 27, 1923.*

Vanka e eu fomos visitar os meninos desamparados e eis o que aconteceu:

Eu gosto muito de cousas misteriosas e isso precisava ser feito escondido porque se os *maesc* soubessem poderíamos dar margem a um "precedente". Foi assim. Vanka veio me buscar às nove, como se fosse para ir ao cinema, e fomos. Fazia muito frio — uns 20 graus abaixo de 0 —. Chegamos ao porão cercado de escombros. De início não queriam nos deixar entrar mas por fim entramos. O porão é enorme; faz frio como na rua, e embora haja fogueiras acesas aqui e ali, ficam dissimuladas atrás de algum traste velho para não serem vistas da rua. — Ao avançar por entre as



pedras amontoadas, sentimos um ligeiro tremor, como num filme policial. Os desamparados não nos agrediram porque conhecem Vanka e consideram-no como um dos seus. Estavam todos vestidos de farrapos e, apesar do frio, recendem às cloacas. São muito numerosos e se aquecem nas fogueirinhas. Se fosse uma só não seria suficiente para todos.

Logo que Vanka entrou todos vieram para perto dizendo:

— Queremos uma história!

Vanka sentou-se perto de uma fogueira e leu para eles a história do pratinho de prata e da maçã de ouro. Uma idiotice! Nunca suspeitei sequer que uma coisa assim pudesse estar escrita num livro. Depois os desamparados pediram mais mas Vanka recusou. Pegaram então o samogon e nos ofereceram. Vanka bebeu um pouco, mas eu recusei. Jogaram cartas e pensávamos já em ir para casa, quando, de repente, alguém me agarrou e quis me arrastar para a fogueira. Resistí, mas ele conseguiu aproximar-me da luz e gritou:

— Olhem! É um espião!

Ví então que era Alioja Chikin, todo sujo e farrapento. Era difícil reconhecê-lo logo. Ele disse:

— Que foi que você veio fazer? Espionar?

— Ora vá pro diabo! respondi me recompondo. Vanka, como era natural veio em meu auxílio.

Fujimos. Correram atrás de nós. Defendemo-nos. Sentí um tremendo golpe no rosto. Gritei sem querer, porque o golpe foi mesmo muito doloroso. Na rua, apertamos o passo, seguidos pelos perseguidores, mas chegamos a uma rua bem iluminada, onde havia um guarda, e eles ficaram para trás.

Meu olho inchado doía muito. Discutimos sobre o que fazer e se valia a pena contar a verdade, por-



que acarretaria consequências graves para Alioja. Além disso, era preferível que ele não fosse para casa, porque o pai depois das ocorrências poderia matá-lo. Vanka me contou que no porão moram os batedores de carteira. A maneira de agir é a seguinte: um se esconde na porta de trás e o outro passeia pela rua como um namorado. Quando passa uma senhora com uma bolsa, o "namorado" se atira aos seus pés e o da porta de trás sai depressa, pega a bolsa e os dois se põem a correr. Há também os que roubam carteiras de homens. Alguns apenas sabem falar russo; falam tártaro, mas roubar, roubam muito bem.

Quando voltei para casa, a entumescência no rosto estava enorme. Meu pai reparou logo e perguntou o que tinha acontecido. Mentí. Disse que caíra quando estava deslizando na neve. Meu pai aplicou à entumescência uma velha moeda de cobre e o inchaço baixou um pouco; mas, de qualquer maneira, amanhã aparecerei na escola com um lindo olho!

*Novembro 28, 1923.*

Naturalmente todos vieram me perguntar o que tinha acontecido no meu olho. Silva foi tão insistente que tive de mandá-la lamber sabão. Elnikitka olhou-me receosa; senti nela uma grande ironia, mas não quis mais histórias e fiquei quieto.

No "O Aluno Vermelho" há um artigo muito sensato sobre o trabalho social. Copiei-o:

"Na nossa escola se trabalha pelo sistema Dalton. Divide-se o material para os trabalhos do mês e temos de fazê-los sôzinhos. O professor declara que para um tal trabalho é preciso um tal livro, mas acontece que é



impossível adquiri-lo e comprar livros para cada trabalho é impossível!

“Alem dos trabalhos científicos temos os trabalhos sociais. Mas para estes são eleitos os alunos mais capacitados e, acontece que, assim ficam sobrecarregados de labor social, enquanto os outros se desinteressam dele.

“E’ preciso dizer que nos nossos laboratórios científicos há constantemente muito barulho, tanto que é difícil concentrar a atenção, e, por isso, os alunos são obrigados a estudar em casa. Terminar as aulas às sete, e os que não desempenham cargos sociais, vão muito tranquilos, enquanto que os que estão sobrecarregados de trabalho, têm de ficar até que este seja terminado.

Assim é que, de noite, não temos tempo para nada, e, de manhã, temos novamente de nos reunir para o trabalho social. Quando trabalha o primeiro quadro, quando se reúne o segundo, ainda aqui é impossível algo nos laboratórios por causa do barulho constante... E assim todos os dias. O mês finda, chega a hora de entregar os trabalhos e não há nada feito. Ao contrário, os que estão livres do trabalho social, podem fazer suas cousas em casa, tranquilamente, e entregá-las no prazo convencionado.”

Há outras cousas no jornal, mas copiei o suficiente para mostrar que os membros dos Comitês escolares não têm tempo nem para respirar. Há, alem disso uma comissão organizadora dos festejos de outubro, para celebrar o aniversário da revolução. E as conferências dos professores, as representações do grupo.

Ao diabo com Dalton! Que a terra o trague!

*Novembro 30, 1923.*

Amanhã é o dia da entrega dos trabalhos de novembro; mas eu, naturalmente, não entregarei nada.



Quando farei? Não sei também... Alguns dos rapazes estão na mesma situação. Ainda bem que estamos no fim do mandato do Comitê de que faço parte. Do contrário não saberia como sair do atoleiro. Minha única esperança está concentrada nas férias do inverno. Silva também acha que não vai poder entregar os trabalhos por causa do Comitê. Bolas para Dalton!

Todas as noites, depois das aulas, passeio com Silva pela rua. Ela me contou uma porção de cousas sobre a vida dela. Parece que seu pai quer se divorciar da mãe e Silva não sabe com quem vai viver. Na sua casa sempre há brigas e escandalos.

Depois ela me perguntou quais os meus projetos. Declarei que para mim, o fim da vida era viver no proprio proveito e para os outros e, por fim lutar pelo comunismo mundial. Ela então me confessou que a vida era tão amarga que chegou a querer se suicidar. Respondi dizendo que tinha sido uma bobagem e que havia gente que vive muito pior que nós, por exemplo: os golfos. Alem do mais, essa história de querer suicidar é cousa de *intelectuais*. Na escola antiga os alunos se suicidavam devido aos mestres, mas nós vivemos numa ordem de cousas e podemos lutar com os *maesc*. E, sobretudo, temos o *Comsomol*, onde seguramente seremos admitidos, sendo os dois da mesma origem proletária.

Silva se tranquilizou então e eu a acompanhei a sua casa.



## TERCEIRO CADERNO

Dezembro 3, 1923.

Silva e eu fomos designados candidatos para o Comsomol. Bom. O mau é que obrigam a gente a frequentar as reuniões do alvéolo e não há tempo para isso.

Darei um jeito nisso.

Dezembro 4, 1923.

Hoje, durante as aulas, a Milícia se apresentou na escola perguntando por Zin-Palna. Perguntaram:

— Alioja Chikin é seu aluno?

Ela disse que sim.

— Então, queira aceitá-lo mediante recibo, porque não nos quer dar o endereço e nós não temos onde alojá-lo.

— Porque é que ele foi parar entre os milicianos? — perguntou Zin-Palna.

— Foi detido numa batida contra os *goljos*.

Zin-Palna disse:

— Não. Não posso aceitá-lo. Levem-no para o coletor de desamparados.

Alguns meninos ouviram isso e imediatamente a escola inteira sabia do caso. A campanha souu convocando uma reunião geral. De todos os lados vinham meninos depois de terem abandonado os livros; os que estavam no laboratório, dando a lição se puseram a correr sem terminar a frase...



Os *maesc* abriram os olhos surpreendidos. Porque, normalmente, sabe-se da reunião com antecedencia e agora, aquilo de improviso, no meio da aula. Os jovens reuniram-se na sala. Havia um murmúrio intenso. Zin-Palna appareceu toda pálida. Os outros *maesc* estavam tambem muito trêmulos.

— Quem tocou a campainha convocando reunião geral? — perguntou Zin-Palna.

— Eu — respondeu Serioga Blinov.

— Porque, durante as aulas?

— Pois, porque toda a escola está ao par da grande injustiça. E todos querem protestar.

Serioga falava aos arrancos, muito pálido.

— De que injustiça você está falando? — perguntou Zin-Palna.

— A escola não acolheu Chikin. E' nosso companheiro e era claro que nós deveriamos ser consultados.

Todos vociferavam:

— Muito bem, Blinov! Abaixo os *maesc*!

Zin-Palna levantou a mão e ficou assim muito tempo, porque havia um barulho infernal.

— O assunto deve ser estudado detalhadamente. Vocês dizem que é uma injustiça, mas não posso aceitá-lo. Primeiro, porque isto não é um pensionato e não temos lugar para ele viver. Depois, viveu com os desamparados e seguramente sofreu algum contágio que poderia ser por demais nocivo. Depois de tudo, tem um pai. Assim sendo deve ser levado à casa do pai e não à escola.

Levantei-me e protestei:

— Levá-lo para o pai é impossivel porque seu pai vai matá-lo. E' um homem feroz e se vê que a vida familiar de Alioja não é nada agradável, desde que fugiu para um porão entre escombros.



— Que porão?

— O mais conhecido — respondi.

— E como é que você sabe? Riabtsev?

— Porque estive lá e ví Chikin.

Os rapazes gritaram:

— Muito bem! Bravo!

Mas eu continuei:

— Peço que não gritem. Sou membro do Comitê e sou obrigado a isso.

— Bom — disse Serioga Blinov — A escola protesta contra a administradora que, sem consultar os alunos, enviou Chikin ao coletor. Além disso, podíamos ter enviado a Milícia ao porão para trazer Chikin para a escola.

— Mas, que faremos com êle? perguntou Zin-Palna.

— Iremos à sua casa e exigiremos do pai que não o maltrate.

— E ele vai obedecer. — disse Elnikitka irônica.

— Nos obedecerá melhor que a vocês — respondeu Serioga —. E em todo o caso, pedimos o parecer dos professores. Tem a autonomia sua significação nesta escola ou não?

— Sim, sim! — gritaram todos os rapazes.

— Estou surpreendida com a má organização revelada neste momento — disse Zin-Palna — Classes interrompidas, uma reunião geral convocada... Bem, isto ainda passa, por se tratar de um caso extraordinário. Mas nesta reunião geral não há nem presidente, nem secretário, começa-se a discutir as questões do caso Chikin, fazem-se as cousas atropeladamente, sem ter resolvido algo relativo ao assunto principal. Recuso-me a tomar parte numa reunião semelhante e me retiro porque considero uma reunião deste gênero degradante para a escola.



E foi se embora. Atrás dela saíram Elnikitka, Almakfisch e outros *maesc*. Apenas Nicpetoj ficou. Calado, como se tivesse a boca cheia dagua. Os rapazes conservaram-se em silêncio, mas começaram logo a fazer novo alvoroço. Serioga bateu na mesa e disse:

— Considero esta questão de presidentes mais um preconceito. Pode-se passar perfeitamente sem presidente. E agora, rapazes, proponho que fiquem aqui apenas aqueles que não reconhecem a forma de autonomia regente nesta escola. Então decidiremos. A proposta é extensiva aos professores.

Nicpetoj levantou-se e saiu. Alguns dos pequenos saíram também. Das meninas saíram Zoia, e Lina. Ficaram os outros e estabeleceu-se a organização de uma "União". A "União" decretou não reconhecer a autonomia e elaborar um regulamento próprio, ao qual todos nós devíamos nos submeter. Suprimir os cumprimentos obrigatórios; entrar nos laboratórios, no auditório e na sala sem ou com chapéu, segundo o desejo de cada um. Seguir, além disso, um regulamento que será dirigido por Serioga Blinov e outros rapazes.

De um momento para outro a cidade me pareceu mais alegre. Já terminei, também, meu mandato como membro do Comitê.

Dezembro 5, 1923.

Temos dois partidos na escola: "A Escola" e "A União". Parece que os professores têm muito partidários. Hoje os "escolares" tiveram uma reunião para escolha do novo Comitê e a ela compareceu metade dos alunos. Os "unionistas" também se reuniram. O regulamento foi aceito, e segundo ele, ninguém depende de ninguém, apenas a autodisciplina é obrigatória.



Todas essas minúcias como saudações, foram suprimidas; mas cada "unionista" tem o dever de zelar pela própria conduta. Por exemplo: são proibidas lutas e fazer barulho durante as aulas. Para manter relações com os *maesc* e os "escolares" foi eleito um "comissário de negócios exteriores": Serioga Blinov.

Antes de mais nada encarregamos Serioga de conseguir dos *maesc* que Alioja Chikin fosse trazido para a escola, tirando-o do coletor. Houve depois um "meeting" e todos pronunciamos discursos.

Serioga me chamou para um canto e me disse que, como Nicpetoj gostava de mim, eu deveria ir indagar sua opinião a respeito dos "unionistas" bem como a de todos os outros *maesc*. Aceitei, é claro. Mas não posso compreender a necessidade da opinião dos *maesc*. Eles são uma cousa e nós outra.

De qualquer maneira fui. Nicpetoj me disse o seguinte:

— Acho a experiência deveras interessante. Acho também que vocês descobrirão logo, quão difícil é viver sem disciplina.

Contei que nós nos impunhamos uma auto-disciplina.

— A autodisciplina é uma espada de dois fios — disse Nicpetoj —. É boa por um lado, porque exclue a violência, mas de outro, é muito mais penosa que a disciplina imposta. Pense bem: é preciso estar constantemente atento aos próprios atos para não cometer uma falta... A gente se cansa rapidamente.

Perguntei-lhe então qual era a opinião de Zin-Palna.

— Vocês não a apreciam como devem — disse Nicpetoj — Crêem que ela é partidária do regime de opressão na escola, e que, por conseguinte, inimiga de todos os alunos. Mas não é verdade. Ela gosta muito de



vocês e, se se vê obrigada a manter a disciplina é porque sobre ela pesa uma grande responsabilidade. No que se refere à União, acha que deve-se deixar fazerem o que querem. Vocês mesmos se convencerão do absurdo de sua conduta.

Contei tudo a Serioga. Ele ouviu, mas não fez comentários. Na volta, acompanhei Silfida até a casa dela. Depois ela veio até a minha e no caminho falamos sobre a "União". Ela não crê que a coisa dure, mas aderiu por companheirismo, e agora sente a vida mais risonha. Contei-lhe que o mesmo acontecera comigo.

Apertamo-nos as mãos ao nos despedirmos. Nunca tínhamos feito isso.

Dezembro 6, 1923.

Tudo parece acomodado. Os *maesc* não tomam conhecimento da União e nós não tomamos conhecimento dos *maesc*. Tendo a União resolvido não caçoar dos "escolares", nós os deixamos em paz. Bem, a maioria deles são criancinhas e se há algum maiorzinho é porque, em princípio, pensam de modo diverso do nosso.

Estou fazendo o possível para entregar os trabalhos atrasados e poder me divertir durante as férias de inverno. Já entreguei a Nicpetoj o meu trabalho de novembro. O mais difícil para mim é história natural, e matemática também.

Dezembro 7, 1923.

Vanka Petujov não foi à escola e eu fui à casa dele. Parece que está de cama porque os desamparados deram-lhe uma boa surra; eles pensam que fui eu quem os



denunciou e, como resultado da denúncia, assaltaram-no. Tiraram-lhe as mercadorias. Ele quer entrar agora numa fábrica porque estão admitindo adolescentes. Perguntei como é que ele ía fazer para estudar e ele disse que menores só trabalham seis horas e têm toda especie de facilidades para o estudo.

Todos choravam porque é ele sòzinho que mantém a família. Fiquei muito impressionado. Não pude resistir por muito tempo á emoção e fui embora.

*Dezembro 8, 1923.*

Eu estava passando pela sala quando se estabeleceu uma escaramuça entre os "escolares" e os "unionistas". Eles nos atacaram atropelando Volodka Schmerz. Os nossos foram ajudá-lo e começou o barulho. Está claro que não estavam lutando a sério; era, por assim dizer, uma diversão.

Mas Zin-Palna apareceu e começou a bater o pé no chão e a gritar como uma louca:

— Chega!

Acabamos com a história, naturalmente, e ela caiu em cima da gente, gritando que estavam transformando a escola numa rua, que uma tal hostilidade não era possível e que a famosa autodisciplina dos "unionistas" estava se revelando muito pouco eficiente.

Então não pude resistir e disse que a autodisciplina não tinha nada a ver com aquilo, porque não estavam lutando a sério. Mas ela não me deixou terminar e disse que falaria comigo diante do Conselho da Escola.

Vamos ver. Enfim, entreguei meu trabalho de matemática correspondente a outubro. Falta-me pouco e estou me apressando o mais possível.



*Dezembro 10, 1923.*

Que dia tão divertido! Durante o recreio grande, nós, os unionistas, fomos para o patio, para jogar futebol. Não faz muito frio, a neve é dura e por isso é mais facil jogar.

Os "escolares" olhavam para nós cheios de inveja. Tinham muita vontade de jogar, mas, segundo suas normas escolares é proibido jogar futebol até a primavera. Pelo menos no patio da escola.

Podem jogar outros jogos que o professor de cultura fisica ensina, mas futebol não, porque, segundo Zin-Palna, o futebol é nocivo aos estudos.

O recreio tinha terminado, mas nós continuamos jogando. É uma pena que a noite caia tão depressa! Seguiriamos jogando ainda. A principio as meninas tambem jogaram, mas, mais tarde, quando organizamos os "times", nós pusemo-las para fora.

*Dezembro 11, 1923.*

Anteontem eu ví a negra Zoia e Lina saindo da igreja e ontem houve uma reunião do alvéolo para decretar a intensificação da propaganda anti-religiosa na escola. Entrei no laboratório de história natural, muito cheio naquela hora, como esse propósito e perguntei a Elnikitka:

— Elena Nikitichna, queira explicar-me essa história de Deus. Existe ou não?

— Eu já disse uma vez, Riabstev, que existe para uns e para outros não — respondeu. É uma cousa individual.

— Mas, em geral?

— Não há sobre isso uma opinião geral.



— E a história natural que é que diz? Existe ou não?

— A história natural não trata de problemas religiosos.

— Não pude fazer nada, mas não me dei por vencido. Fui andando pelo corredor quando a negra Zoia veio para perto de mim:

— Espere aí!

Parei e ela, curvando-se me disse ao ouvido:

— Odeio você. Não creio que você seja um homem. Embora tenha compaixão, e avise que você pagará por tudo. Você terá de responder por tudo!

— Perante quem?

— Você saberá. Os santos e os anjos abandonaram você.

Pensei que ia rebentar de tanto rir:

— Leve aos benditos anjos este presentinho!

E dei-lhe um beliscão. Ela saiu correndo como uma locomotiva. Eu não a persegui, não vou com ela; ela cheira a igreja, a azeite.

Hoje tive de me despedir do meu querido camarada Vanka Petujov. Veio para a escola pela última vez, já entrou na fábrica. Quis contar-lhe como estão as cousas aqui na escola, mas aparentemente já não o interessavam. Currou-se da surra. Vai ganhar vinte e três rublos e sessenta copecks.

— Não se ganha tanto vendendo cigarros — me disse ele.

Sinto imensamente a saída dele; primeiro, porque é um bom camarada, muito difícil de se substituir. Depois, é inteligente e tem um grande coração. Acho que a amizade comum rapaz é muito diferente que com uma menina, embora ela seja tão inteligente como Silva. É verdade que falo com ela sobre muita coisa,



mas não sobre todas: algumas ela não compreenderia. E depois, eu poderia ir com ela ao sótão dos desamparados? Ela talvez fosse, mais poderiam bater nela e não pode defender-se sòzinha. As meninas não podem, embora queiram, jogar decentemente o futebol, choram com frequência... Enfim, por uma serie de razões, não é possível uma amizade verdadeira. Com um rapaz é outra cousa.

É uma pena Vanka ir se embora! É verdade que nos veremos sempre, mas já não será a mesma cousa.

*Dezembro 13, 1923.*

Hoje houve outro incidente por causa da "União". Silfida foi entregar seu trabalho de novembro para Almakfisch e este suspendeu-a, embora ela tenha afirmado que tinha respondido a todas as perguntas e resolvido todos os problemas. Ela atirou-lhe então esta frase:

— É porque eu sou da União!

Almakfisch ficou muito irritado e, chamando-a de impertinente, expulsou-a do laboratório. Todo o grupo ficou indignado e enviamos delegados a Zin-Palna, exigindo que Almakfisch peça perdão a Silfida. Tomei parte na delegação, e, ao entrar na sala dos professores encontramos Almakfisch. Depois de ouvir a reclamação contestou:

— Está bem! Estou disposto a pedir perdão; mas antes Dubinina deverá pedir-me desculpas por me ter atribuído propósitos alheios ao ensino.

Tomei a palavra:

— Não sei se houve ou não propósitos alheios ao ensino, mas toda a escola sabe que você não pode ver Dubinina e tem sempre perseguido a menina.



Almakfisch ficou furioso. Gritou que eu era um grosseiro, um insolente, e, ou me punham um freio ou ele sairia da escola, porque não era possível trabalhar desse jeito. Jogou o livro sobre a mesa e saiu, enquanto Zin-Palna pediu-me para ficar um pouco para falar com ela. Explicou-me que se as cousas tomavam aquele rumo que estavam tomando, não era mais possível estudar; que nós, entusiasmados com a União, esquecíamos os estudos.

Respondi estar de pleno acordo com ela, mas afirmei que não apenas nós tínhamos esquecido, mas também os *maesc*. Que nós eramos jovens, com menos experiência que eles. Assim sendo não se deve chamar-nos de "crianças", "meninos insolentes e grosseiros", "crianças impertinentes",... porque isso origina sempre um precedente. Zin-Palna corrigiu-me dizendo que eu queria dizer incidente e não precedente. Em resumo: decidimos que pedirei perdão a Almakfisch e convencerei Silva de fazer o mesmo.

Na reunião do alveolo deliberou-se propor aos *maesc* e à União a criação de uma Comissão conciliadora que liquidasse o conflito. Serioga Blinov protestou; mas o delegado do Centro perguntou-lhe se queria que a escola se dividisse em dois verdadeiros partidos. A pergunta fez Serioga calar-se.

Dezembro 14, 1923.

A Comissão conciliadora, com os representantes do alvéolo, concordaram em suprimir os cumprimentos obrigatórios. Os direitos do Comitê escolar foram ampliados; por exemplo: os assuntos que só interessam aos alunos, serão a partir de hoje examinados exclusivamente pelo Comitê; nas reuniões de *maesc* e no Con-



selho da escola serão discutidos os assuntos concernentes aos *maesc* e aos alunos. Será permitido jogar futebol.

A União deixou de existir.

Dezembro 16, 1923.

Sem nos dar tempo para pensar que tudo havia passado, os *maesc*, de improviso, antes das férias de inverno, escreveram as características dos alunos, e quem quisesse podia ler as suas. Não me limitei a ler, copiei:

“Riabtsev, Costia. Quinze anos. Desenvolvimento mental insuficiente para a idade. Precisa de grande esforço para estudar. Grande confiança em si. Realiza as funções sociais com grande calor e um entusiasmo excepcional, mas cansa-se logo. Vence penosamente a idade crítica. É grosseiro, insolente e brusco ao extremo. A excessiva atividade dos centros sensoriais e motrizes lhe dá um egocentrismo áspero e doentio. Uma ideia subconsciente de uma vida futura fomenta sua luta contra os instintos. Essa luta produz alguns frutos, mas pouco visíveis até o momento. É um adolescente do tipo dos de Stenly Holl”.

Quem será esse Stenly Holl? Com certeza algum burguês como Dalton... Perguntei o que era egocentrismo para Nicpetoj e ele me disse que era um pouco pior que egoísmo. Então eu sou egoísta. Mas estou certo de que não sou, ainda que, está claro que ninguém consegue tirar uma ideia que entra na cabeça dos *maesc*!

O importante do caso é que registraram que tenho grande trabalho para estudar. É possível, mas não deram explicação alguma. A culpa é de Dalton. Sem Dalton meu esforço seria o mesmo que o dos outros alunos. No ano passado não fui pior ou melhor que os



outros. E ainda tinha tempo de ler. Mas agora, por causa de Dalton, não tenho tempo para nada. O registro de Silva é mais ou menos parecido. Falei com ela e estamos de acordo que o culpado de tudo é Dalton.

*Dezembro 18, 1923.*

Grandes festas porque trouxeram Alioja Chikin do coletor. Houve enorme algazarra e depois foram indicados Serioga e eu para irmos conferenciar com o pai. Alioja está fraco, pálido e não fala. Talvez a vida no coletor, com os desamparados, não seja das mais agradáveis.

Terminadas as aulas, levamo-lo à casa do pai. Ao entrar, vimos que o pai não estava bebido; batia a sola de um sapato. A mãe cosia. Apenas viram Alioja puseram-se a gritar. Serioga disse ao pai:

— Cidadão Chikin: trouxemos o seu filho. A escola garante que ele estudará direito, e, em geral, se portará como deve. Mas exige, que o senhor não maltrate seu filho.

O pai de Chikin deixou o martelo e disse:

— Vocês não têm direito algum de se meter nos meus negocios. Se eu quiser posso matá-lo. Ou, se quiser, posso deixá-lo viver. Mas foi na escola onde começou a roubar, o que quer dizer que foram vocês que o ensinaram.

— Na nossa escola não se ensina a roubar — respondeu Serioga —. E, se cometeu alguma falta, não reincidirá. E o senhor, cidadão Chikin, lembre-se de que, se o tocar, nem que seja com um dedo apenas, terá de prestar contas à escolã inteira, e será, além do mais, perseguido pela justiça.



Depois de sair paramos perto da janela e vimos a mãe dando de comer a Alioja, enquanto que o pai falava, amigavelmente, ao que parecia. Tranquilos, fomos embora.

*Dezembro 19, 1923.*

Encontrei com Lina no caminho para a escola. Ela se aproximou e disse:

— Pela última vez: Você falará comigo ou não?

— Pela última vez lhe respondo: Falarei com você como falo com todas as outras meninas.

Ela afastou-se depressa. Já se viu que bobagem! Nunca, na vida, me perguntou coisa alguma e hoje, de repente, vem com essa: "Pela última vez"... Ela mesma foi quem trocou de carteira e agora quer que eu fale com ela. Isso é influência de Zoia. Há meninas completamente loucas.

Cheguei na escola e encontrei todos estudando intensamente. Fui perguntando às meninas como iam de trabalho. Parece que quasi ninguem terminou os de dezembro, como eu! E pelo menos a metade dos alunos não entregou ainda os de novembro. Reuní, então, alguns e, fumando, fomos discutir um projeto no patio.

*Dezembro 21, 1923*

Mesmo que eu tivesse de escrever até às cinco da madrugada anotaria tudo o que me aconteceu hoje.

Decidimos anteontem acabar com Dalton, e ontem preparamo-nos o dia todo para isso. Quando os alunos chegaram hoje na escola encontraram pelas paredes rótulos e papeletas que diziam:

— Abaixo Dalton!



— Ao diabo com Dalton, o burguês!

Todos ficaram alegríssimos, naturalmente. Fomos, depois, para o piano aprender uma nova canção, escrita por mim:

*“Esgotou-se a paciência,  
Gritemos todos de vez  
Morra, mil vezes morra,  
Dalton, o maldito burguês!”*

Ao chegar, foram os *maesc* recebidos com esta canção. Os *maesc*, como se nada tivesse acontecido, entraram, cada um no seu laboratório. Mas ninguém foi entregar os trabalhos de dezembro embora alguns já os tivessem terminado. Em vez de ir para os laboratórios, todos se precipitaram para o pátio. Havia ali um boneco de palha com um chapéu descambado. Do pescoço pendia o rótulo: “Lord Dalton!” Pusemos o boneco no meio do pátio para que pudesse ser visto das janelas. Começamos a dançar ao redor cantando “La Carmañola”.

Depois, pusemos fogo em Lord Dalton, o burgues.

O porteiro veio todo assustado; mas vendo que não havia perigo tranquilizou-se e regosijou-se conosco. O espantinho ardia com grande estrépito e fulgor. Nós continuávamos cantando. Começamos uma nova canção:

*“... Ao diabo  
maldito burguês...”*

E assim, cantando, avançamos pela escola a dentro. Todos os *maesc* estavam à nossa espera e Zin-Palna perguntou se queríamos ou não fazer uma reunião geral ou se, devido àquele estado de espírito reinante, queríamos ir para casa. Alguns dos pequenos quiseram voltar para casa, mas os outros preferiram a reunião geral. Soou a campainha de convocação.



Antes de começar fui ao patio e ví no corredor um papel caído no chão. Peguei e li:

“Saibam vocês que nós, duas meninas, não queremos mais continuar vivendo. Motivos de tal decisão: primeiro, todos nos ofendem e perseguem. Uma de nós quer ver-se no outro mundo quanto antes e a outra quer lá ter por causa do amor não correspondido. Perdoamos a todos. Pedimos que nos sepultem segundo o rito da Igreja. Lego o meu almoço a Costia Raibstev e também o perdão. Quem encontrar este papel não o mostre a ninguém. Que nos enterre a ambas num só ataúde. Se aos suicidas não se pode enterrar segundo os ritos eclesiásticos, que sejam enterradas pelos métodos leigos, mas que celebrem uma missa em nossa intenção. Adeus!

P. S. Se quiserem encontrar nossos cadáveres, eles estão no laboratório de física.

LINA e ZOIA.

Saí correndo para a sala. A reunião geral tinha começado. Gritei:

— Depressa! Para o laboratório de física! Duas meninas estão se suicidando! Depressa! Talvez cheguemos tarde.

Toda gente se precipitou para o laboratório de física, *maesc* e alunos. Entrei entre os primeiros mas... não havia ninguém ali. Procuramos nas estantes e nos armários como se houvesse possibilidade de se esconder nesses lugares. De repente ouvimos uma voz que vinha do auditório:

— Estão aqui! as duas!

Naturalmente todos correram para o auditório, e, com efeito elas estavam lá. As duas, e vivas, sentadas numa carteira e chorando como Madalenas; tiraram-nas dali, e eu sentí um grande alívio porque só então percebi que enquanto procuravamos eu tinha a sensação perfeita de que me estavam estrangulando.



Lina e Zoia foram levadas para a sala dos professores, tomaram um calmante e os *maesc* e alunos me rodearam, perguntando como eu tinha sabido da cousa. Mostrei o papelsinho e contei como tinha achado. Zin-Palna me disse então:

— É uma vergonha! Esse bilhete foi deixado de propósito! Para começar elas não tinham a menor ideia de suicidar-se. Tudo isso foi apenas para chamar a atenção da escola. Serão expulsas.

Ao ouvir essas palavras fiquei aliviado e reparei que ninguém protestava contra as palavras de Zin-Palna. Apareceu Nicpetoj e contou que tinha indagado o meio que elas tinham escolhido para consumir o suicidio. Elas lhe confessaram que queriam morrer asfixiadas. Para isso fecharam a tampa da chaminé e abriram a portinha da estufa do laboratório de fisica e se sentaram ali. Efetivamente, havia um debil cheiro de fumo no laboratório de fisica.

— Mas, porque saíram do laboratório?

— De medo, respondeu Nicpetoj sorrindo.

Todos soltaram uma gargalhada. Mas Zin-Palna perguntou:

— Digam-me: qual o suicida que semeia papeisinhos pelo chão e os prega nas paredes dando todas as indicações para serem salvas?

Todos acharam que ela tinha razão.

— Isso significa que se trata de uma farsa. Alem do mais, elas sabiam perfeitamente, que antes de morrer asfixiadas alguem entraria no laboratório de fisica — continuou Zin-Palna —. Terei de chamar os pais.

Almakfisch que estava presente, disse:

— Do ponto de vista filosófico, trata-se de: quantitativamente de um transbordamento da época e qualitativamente, algo que se situa alem do bem e do mal.



Já ouvi isso uma quantidade de vezes. Ele o repete como um gramofone.

Neste ponto, Nicpetoj levantou o braço e pediu:

— Rogo-lhes que ouçam. Estamos edificando uma nova escola, uma escola livre. Vocês leram, ou ouviram contar que a escola antiga não era como a de hoje. Está claro que, como em qualquer construção pioneira, surgem toda especie de obstáculos. Hoje tivemos uma manifestação de protesto contra o plano Dalton. O sistema não agrada. Talvez vocês preferissem ser empurrados a força como na escola antiga. Que a instrução fosse imposta! É indiscutível a dificuldade do plano Dalton? talvez haja também de parte dos mestres grandes erros sobre a maneira de aplicá-lo. Mas tudo pode ser corrigido. Apenas aquele que não trabalha não se engana. A nova escola ganha vida no meio de tropeções, de um modo turbulento. Vocês se declaram contra a autonomia, contra o plano Dalton; tudo são dificuldades... Pouco a pouco as venceremos. Estas duas meninas quiseram colocar mais uma pedra no caminho, por inconciencia, por estupidez, e alegro-me que vocês tenham preferido perdôa-las. Não se podia esperar outra atitude da parte de vocês, os novos homens livres, nascidos da revolução, de uma época tempestuosa, mas jovem. Parece que nossa administradora se nega a perdoar as meninas. Mas estou com vocês e peço: não é preciso chamar os pais. E, sobretudo, não convém expulsá-las da escola. Creio que saberemos convencê-las de que devem abandonar suas ideias suicidas, convencê-las de que devem tentar compreender a escola livre, que devem se esquecer das trevas, dos desesperos e dos suicídios. Assim sendo, Zinaida Pavlovna, os meninos e eu, pedimos-lhe que perdoe Lina e Zoia.



Zin-Palna tentou dizer alguma coisa mas nós gritamos unânimes:

— Perdoe as meninas! perdão!

Zin-Palna teve de tapar os ouvidos.

— As meninas devem ser, de início, expulsas. Creio que esta será a resolução do Commissariado de Instrução Pública. Mas eu, de minha parte, preferiria não dar maior importância ao caso. Começaria por ser compassiva com elas, mas os alunos, devem, por sua vez, aceitar uma condição minha.

Aguçamos os ouvidos:

— Que condição?

— A seguinte — disse Zin-Palna. — Procurar compreender com maior reflexão o plano Dalton, não protestar contra ele com manifestações absurdas. Vocês reconhecem que é possível demonstrar a dificuldade do sistema mas não sua inutilidade. De outro lado, se querem demonstrá-lo, façam-no de uma maneira razoável, mas não queimando espantalhos. Eis as minhas condições.

Calamo-nos. Nicpetoj tomou a palavra:

— Bem, rapazes. As condições parecem-me aceitáveis. Temos possibilidade de discutir razoavelmente o plano Dalton. Se até hoje tal discussão não foi bem organizada, foi por falta de tempo e outras cousas. Então, aceitamos?

Vi todos levantarem as mãos, e eu, de má vontade, levantei a minha.

— Agora — disse Zin-Palna — perdão Zoia e Lina. E me encarrego de conferenciar com o Commissariado de Instrução Pública.

— Viva! — Viva! — gritamos todos em unissono e com tal estrépito que os timpanos vibraram — Bravo Nicpetoj! Bravo!

E Nicpetoj foi carregado em triunfo.



## SEGUNDO TRIMESTRE

### PRIMEIRO CADERNO

*Janeiro 1, 1924.*

Durante as festas assistí com os outros meninos à festa organizada pelo clube Operário. Nosso *alvéolo* se ligará com certeza a essa fábrica.

Silva e eu chegamos às dez da noite, mas ainda não tinha começado apesar da sala já estar cheia e fazer muito calor. Às onze chegou o conferencista e começou a falar dos diferentes deuses. Podia ter sido interessante, mas o orador estava rouco e cansado e todos ficavam prestando atenção no jeito como ele bebia água. De repente, no meio da conferência, olhou para o relógio e disse:

— Camaradas, perdoem-me, mas tenho de comparecer ainda a cinco reuniões!

E desapareceu. A conferência ficou por terminar. Ele devia não ter começado, isso sim. Depois, durante um tempo enorme, não houve nada e fiquei com sono. Até que o pano de boca se levantou e começou a farsa. Na cena, dois padres de países diferentes discutiam sobre qual deus era melhor. Entra depois um operário com uma escova e varre os dois. Não sei para que, mas entra em cena também um burguês, sem que a gente



saiba a título de que ele está ali. Entretanto é o melhor, o mais engraçado de todos. O mais gozado é que abaixam os calções dele e a gente vê a roupa interna debaixo da calça e por mais que ele as arrume constantemente, sempre se afrouxa de novo. Acho que se para fazer propaganda anti-religiosa, se pode empregar uma cousa que faça rir, conseguiu-se tudo. Porque os informes e as conferências, se são como a de hoje, resultam simplesmente odiosos.

Alem disso, assisti ontem, vespera de Ano Novo, tambem com Silva, a um espetáculo organizado pelos grupos primários da nossa escola. Representaram a "Borrallheira Vermelha". Era assim: havia duas irmãs burguesas e uma terceira lavadeira. Não sei nada a respeito do autor, mas acho que não são possíveis tais soluções, principalmente com três irmãs vivendo na mesma casa. Depois, as duas burguesas vão a um baile e a outra fica lavando a louça. Aparece então um individuo de camisa vermelha que lhe entrega um folheto de propaganda. A borralheira lê, põe uma roupa da irmã e sai correndo. No segundo ato, vemos um grande baile. As irmãs burguesas estão dansando e há muita gente com umas roupas estranhas. A borralheira aparece e começa a dansar. O Principe a convida, mas ela tem medo dele, foge e perde o sapatinho...

No terceiro ato o principe vai à casa das irmãs e se dispõe a experimentar os sapatinhos. E não serve para ninguem... Só à borralheira, como se fosse um anel no dedo. O principe então a pede em casamento; aparece então o individuo de camisa vermelha, anuncia a revolução e dá uns bofetões no principe. O principe foge atropeladamente e o de camisa vermelha o persegue. Saem então dos bastidores todos os atores e cantam com as irmãs a Internacional.



Havia muita cousa inverossimil, mas, naturalmente, não era possível querer mais daquelas crianças. Todos representaram muito bem. Fiquei com vontade também representar. Porque não organizamos, no nosso grupo, espetáculos? Vou falar com Niepetoj. Acho, em geral, o cinema mais divertido, pois lá a gente não precisa pensar; mas é mais interessante tomar parte como ator; pena que no cinema só se projetem sombras.

Depois da função as crianças dansaram. Cheguei perto da *maesc* e disse:

— A camarada não sabe que os bailes foram proibidos?

Mas ela respondeu:

— Em primeiro lugar, camarada Riabtsev, seria melhor não se meter onde não é chamado. Você já caceteia bastante o seu grupo, chega. Não é preciso vir se meter com o primário. E, se não gosta, pode ir embora. Não compreendo porque é que veio aqui.

Fiquei furioso, mas me controlei e decidí redigir uma nota para a reunião do alveolo. Olhei depois como dansavam e perguntei a Silva se ela sabia dansar. Disse que sim, mas que não gostava. Apesar disso, seus olhos brilhavam! Tinha o rosto iluminado e o laço brincava ao compasso da música. — Creio que se eu não estivesse lá ela teria dansado. Para falar a verdade, eu me sentia outro; as lâmpadas estavam todas acesas, e a música, embora houvesse apenas um piano, comovia o suficiente para dar vontade de fazer alguma cousa que não fosse normal; por exemplo: pronunciar um brilhante discurso, desfilar diante de todos com uma bandeira ou fazer uma pirueta. Mas dos nossos, não contando Silva, não havia ninguém.

De repente, Silva tomou a minha mãe e disse:



— Vladlen, não fico aqui nem mais um minuto. —  
Tínhamos combinado que ela me chamasse de Vladlen.  
Se você quiser pode ficar, mas eu vou embora.

Está claro que fui. Que podia fazer? No caminho  
Silva me disse:

— Se a gente for satisfazer todos os caprichos onde  
ficarão as ideias?

Não pude negar que ela tinha razão.

*Janeiro 5, 1924.*

Não tenho dormido quasi nada de noite. Quis  
verificar qual a razão. Poderia ser por causa dos estu-  
dos, mas durante as férias fiz muito pouca cousa. Estou  
atrasado, e nem se fala dos trabalhos de Dezembro; nem  
siquier entreguei alguns de novembro. Passeio e patino  
muito, de modo que não posso compreender a razão da  
minha insônia. Cheguei para Serioga Blinov e conver-  
sei a este respeito. Ele perguntou:

— Você lê muito?

— Sim.

Serioga disse que era por isso. Quando saí, quis  
verificar se era verdade. Acontece que durante as férias  
lí muito pouco; mas alguns fragmentos do que lí ficaram  
gravados na minha memória e de noite penso muito  
neles. Por exemplo: lí um conto chamado: "Encon-  
tro". Nela uma instrutora francesa mostra a um rapaz  
a perna acima do joelho. É verdade que o rapaz foge  
dela porque ela cheirava a suor; mas, de qualquer  
maneira, a cena ficou fixa na minha cabeça. Este conto  
está num livro amarelo da Biblioteca Universal. A  
gente estuda com as meninas, luta com elas, se encosta  
nelas e não sente nada; mas basta ler uma cena destas...  
e adeus sono! Porque será?



O mais sujo é que depois de ter pensado nisso, sem querer... zis, zás! pim, pam!

*Janeiro 11, 1924.*

No "A Bobina" veio uma coleção das palavras prediletas dos alunos:

"Animal, bruto, patife, canalha, maricas, idiota, demonio, porco, filho da mãe, oportunista, sacaninha, tapeador, sem-vergonha, ladrão..." e "tonto" e "estúpido" nem é bom falar.

Em continuação vem uma nota: "Algumas palavras não podem aparecer neste jornal para não ruborizá-lo de vergonha. Isso será incumbência do X."

No corredor, perto de "A Bobina" falamos com Nicpetoj. Ele acha a Imprensa moral de grande utilidade para a escola e perguntou:

— Que acham vocês que se pode fazer para melhorar o vocabulário?

Um dos meninos achou que não havia nele nada de mais. Mas, pouco a pouco, a gente pode tomar cuidado com o que diz. Que o Comitê proíba as palavras mais fortes e permita as mais fracas a partir de diabo, por exemplo.

No meio de risadas deliberamos só usar as seguintes palavras: bobo, porco, tonto, estúpido, diabo. As outras serão consideradas muito fortes.

Veremos qual será o resultado. Como a reunião não é oficial, mas particular, no corredor, as conclusões não são obrigatorias.

Nicpetoj chamou alguns rapazes e entramos no laboratório de sociologia. Não havia meninas entre nós; Nicpetoj disse:

— Tenho de falar com vocês a respeito do costume de proferir obscenidades. Acho que é uma profanação



do idioma. Que é que vocês achariam se os meninos viessem para a escola sujos, cheios de esterco e vermes?

Respondemos que está claro que seria intolerável.

— Pois é a mesma coisa com as obscenidades. É a mesma infecção na ordem intelectual. A escola antiga não podia lutar contra isso porque os alunos estavam numa situação de oprimidos. Para protestar diziam cousas obscenas. Mas vocês, contra o que querem protestar?

Não pudemos responder nada. Notei que não era a primeira vez que Nicpetoj tocava neste assunto.

*Janeiro 12, 1924.*

Farras clandestinas! Devem ser divertidíssimas. Vania Palkin contou-me tudo em segredo, sob juramento. É melhor eu não descrever nada porque de repente pegam este caderno... Mas estou inquieto... Estas farras são ou não permitidas pelo Comsomol?

*Janeiro 13, 1924.*

Hoje, depois das aulas, uma das meninas se sentou ao piano e tocou umas peças de dança. As meninas — grandes e pequenas, como se tivessem feito um acordo — se puseram a dançar.

Os bailes são proibidos; por isso, reuni alguns meninos e começamos a por os pés para que elas tropeçassem. Está claro que logo começaram os gritinhos e risadinhas. Os *maesc* apareceram logo e formou-se uma reunião improvisada. Estas são muito melhores, porque nas oficiais a gente se caceteia, enquanto que nas improvisadas, todos gritam, ninguém fica quieto, porque é sempre em torno de um assunto palpitante.



No começo, Zin-Palna perguntou porque os rapazes eram contra os bailes.

— Porque é uma falta de disciplina ideológica — respondeu Serioga Blinov —. Os bailes não trazem em si nada de educativo ou de sensato. Não produzem mais que uma aproximação sexual dos dois corpos.

Elnikitka interpôs-se:

— Creio que os rapazes se opoem aos bailes porque não sabem dansar. O futebol também não tem nada de educativo ou de sensato. É apenas uma diversão brutal, e, entretanto, os rapazes jogam e gostam de jogar o futebol.

Alguns rapazes gritaram que o futebol fomentava a cultura física.

— Mas os bailes também — disse Zoia.

— Não estou de acordo. — replicou Zin-Palna. Não se pode falar de cultura física em relação a bailes. Em todo o caso, os bailes são uma diversão muito sugestiva e, se fossem suprimidos, seria preciso substituí-los por outra. E com que? — Eu aconselharia a organização de outros jogos, podia dar-lhes um manual.

Tomei a palavra:

— Em primeiro lugar não se trata de um jardim de infancia, para que joguemos o jogo de galinha cega com as meninas. Além disso há outra diversão muito razoavel à qual ninguem fará objeção. Estive durante as férias na seção do primário e vi os pequenos representarem. Fiquei com vontade de fazer o mesmo. Porque não organizar funções teatrais? Acho que ninguem tinha pensado nisso.

— Tem toda a razão — respondeu Zin-Palna. Ninguem se ocupou disso. Se um dos professores quiser se encarregar disso, eu, por minha parte, não ponho nenhum obstáculo.



Dirigimo-nos todos para Nicpetoj e ele aceitou. Disse que ía procurar uma obra adequada. Depois nos separamos, mas Venia Palkin me chamou e me fez jurar que eu não diria a ninguém. Depois me contou que por ocasião do antigo Ano Novo tinha uma farra clandestina e me deu o endereço. É preciso ir às nove e já são oito. Disse ao meu pai que ía ao cinema, e ele me deu um *limardo*.

*Janeiro 14, 1924.*

É proibido falar e escrever sobre as farras noturnas. Se não contaria uma porção de cousas. Mas é segredo. Lá encontrei Lina e fiquei espantadíssimo.

*Janeiro 15, 1924.*

As tarefas escolares continuam no mesmo andamento e já não são tão penosas porque não faço mais parte do Comitê. Entreguei os trabalhos de novembro e parte dos de dezembro.

Nicpetoj trouxe hoje um livro e nos reuniu a todos no auditório.

— Riabtsev — disse ele — propôs que nós fizéssemos teatro e foi uma feliz ideia. Mas não havendo obras teatrais modernas, proponho que representemos Shakespeare. Precisamente o "Hamlet". Está claro que, à primeira vista, esta obra não tem nada de revolucionário, eu sei disso; mas é apenas impressão superficial. Ao contrário, aos poucos se vai percebendo a grande rebeldia latente em suas entranhas.

E começou a ler-nos imediatamente. Ele lê admiravelmente e dá gosto ouvi-lo; mas há muita falsidade



na obra. São desculpáveis, pois foi escrita a cerca de quinhentos anos e Shakespeare fê-la para a rainha e não para o operariado.

Vou transcrever as objeções que fiz ao "Hamlet" de Shakespeare:

"De início, se fala da guarda da entrada. Aparece um espírito. Depois Hamlet surge e o espírito o leva para longe e começa a contar o modo pelo qual foi envenenado. Acontece que o espírito é o do pai de Hamlet e, efetivamente tinha sido envenenado pelo seu irmão, isto é, pelo tio de Hamlet e rei sucessor do pai desaparecido. Já aqui há dois erros. Primeiro: os espíritos não existem realmente; mas, já que ele aparece, eu, no lugar de Hamlet fugiria correndo em vez de falar com ele, porque contra os espíritos não há armas que valham se lhes ocorrem estrangular alguém. Em segundo lugar, o espírito conta que foi envenenado enquanto dormia. Nunca ví falar dessa maneira de matar. Bom, mas isso passa: talvez naquele tempo era esse o costume.

"O maior erro de Shakespeare é o seguinte: Há um velho chamado Poloniom, que tem uma filha, Ofelia e um filho, Laerte. Hamlet corteja Ofelia e parece estar enamorado dela, embora isso não esteja muito claro. Laerte vive na França e o velho está constantemente preocupado com o filho, temendo que ele se torne um perdido. Depois, todos começam a notar que Hamlet está transtornado e atribuem o fato ao seu amor por Ofelia; mas, realmente, é o espírito o que o inquieta, e ele se finge de louco, de propósito, porque quer saber se o espírito disse a verdade sobre o envenenamento.

"Hamlet, já louco, organiza uma função teatral na qual representam como foi envenenado o rei, seu pai. O novo rei, isto é, o tio de Hamlet, assiste ao espetáculo, assim como a mãe do príncipe. Eis aqui um erro impor-



tante. Acho que mesmo naquele tempo não deixariam um louco organizar um espetáculo, mas fechá-lo-iam, sem mais explicações, num manicômio. Seja como for, os reis se sentam tranquilamente para assistir a função mas ao ver o que se trata, desandam a correr. Hamlet, de propósito, faz alardes de loucura. Primeiro senta-se no chão em vez de fazê-lo na cadeira; depois, interrompe a função dizendo disparates e grita desabaladamente: "O veado foi ferido pela flecha!" O rei se enfureceu e é isso mesmo o que Hamlet queria. Agora já sabe que foi realmente o rei quem envenenou seu pai. Apesar da origem burguesa, Hamlet é um rapaz de bom senso; sustenta um diálogo com a rainha, sua mãe, onde parece que esta lhe pede perdão, enquanto que o velho Polonio escuta atrás da cortina. Hamlet percebe e com sua espada o mata através da cortina, como a um animal. E, em consequência, Ofelia enlouquece, e Laerte volta da França e procura matar Hamlet porque este matou Polonio. Com este fim, Laerte envenena a espada e desafia Hamlet. Um duelo — era o nome que se dava naquele tempo a uma luta entre dois —. Para acabar com Hamlet, com mais tino, o rei prepara uma taça envenenada. Acontece que Hamlet mata Laerte e a taça envenenada vai parar nas mãos da rainha, sendo que depois, Hamlet atravessa o rei também com sua espada. Antes do fim, há uma cena em que Hamlet fala com umas caveiras mas isso me parece uma bobagem. Só a um louco ocorreria falar com caveiras. Mas Hamlet não é louco, apenas finge que é. "

A maioria votou a favor da obra. Eu me abstive. Creio que seria melhor uma moderna, com barricadas e lutas revolucionárias.

Zoia assistiu à leitura de Hamlet com grande atenção. Lina não apareceu, não sei porque.



*Janeiro 16, 1924.*

Até hoje não falei a ninguém a respeito das farras clandestinas. Segredo absoluto. Venia Palkin me disse que, em geral, ninguém fala sobre isso. É muito importante.

Mas, de qualquer maneira, tenho uma dúvida: Corresponderá à ideologia do Comsomol e à luta comunista em geral? Não quero falar com Silva a este respeito; não tenho confiança. Palkin, mesmo me disse que não devo falar com Silva porque ela é diferente. Não tenho ninguém para me aconselhar. Venia Palkin não é do Comsomol. Perguntar a algum dos antigos membros do Comsomol é perigoso; poderia deitar tudo a perder — Não sei o que fazer.

*Janeiro 17, 1924.*

Hoje acabou a nossa revolta contra Dalton. O instrutor apareceu e houve uma reunião geral. Falou-se da questão da organização da escola e dos estudos segundo o sistema Dalton. Uma caceteação dos diabos. Passei o tempo todo fazendo o esboço de um cartaz de propaganda. Zin-Palna contou que tínhamos posto fogo no espantalho de lord Dalton— Não havia necessidade de fazer isso. Foi uma criançaice: para que contar ao instrutor? Este começou a rir e disse:

— Vocês têm vivido sem precisar de ninguém, e agora não souberam orientar-se. A culpa é de todos, alunos e professores, e parece que é necessário introduzir hoje na escola um bisturi, isto é, uma intervenção minha. Creio que, depois, vocês passarão perfeitamente sem o bisturi. Agora pergunto: Quais os defeitos que vocês vêem no sistema Dalton e qual a maneira de eliminá-los?



Choveram acusações contra Dalton de todos os lados... Não havia manuais em quantidade suficiente, não dava tempo, principalmente para os que tinham cargos sociais... e outras cousas. Depois eu me levantei:

— E o pior de tudo — disse eu — é que o plano Dalton faz a cabeça estalar e as mãos tremerem.

Gargalhadas de todo lado.

— De que é que estão rindo? — perguntei —. Tive de passar noites inteiras sem dormir, sobretudo quando era membro do Comitê, e isso não me parece motivo para risadas. E todos estão na mesma situação. Além disso, se estuda muito menos. Antes, no nosso grupo, não havia ninguém que se arrastasse, e agora sim.

— Quem? — perguntou Zin-Palna.

— Eu — respondi, e todos tornaram a rir. Acho que também isso não é motivo para galhofa. — repliquei, incomodado —. Dalton me constrange como um saco ao meu redor. Não posso fazer nada sem me lembrar que não entreguei tais e tais trabalhos; os de matemática, os de história natural, os diagramas... Não há onde estudar, não dá tempo. Não há horas vagas, nem para ler, nem para patinar...

— Precisamente — interveio Elnikitka, a víbora — você, eu vi patinar durante as férias, Raibtsev —.

— Então? Queria que eu ficasse encerrado entre quatro paredes?

Ái o instrutor me perguntou:

— E porque, Riabtsev, você não entrega os trabalhos a tempo?

— Porque não dá; além disso, fui membro do Comitê.

O instrutor perguntou:

— Zinoida Pailovna: os outros também estão atrasados?



— Não. A maioria avança normalmente.

Levei a pior. O plano Dalton não foi suprimido. Nem o seria, embora todos os alunos estivessem atrasados. Nossa escola continua sendo comandada pelos *maesc*, e nós somos como esses servos que Nicpetoj conta que só eram livres depois de terem trabalhado o dia inteiro para o senhor. Os instrutores e os outros chefes sempre apoiam os *maesc*, embora eu tenha minhas dúvidas se nas outras escolas se dá o mesmo. O pior é que nós, do curso secundário, somos tratados ainda, como crianças.

Como despedida, Zin-Palna disse:

— A escola se estabeleceu definitivamente. Ao estudo! Ao estudo! Vocês se lembram de quem é isso?

— De Lenine! De Lenine!

E assim terminou a reunião.

*Janeiro 18, 1924.*

Os papéis foram distribuídos e Serioga Blinov ganhou o de Hamlet. Eu não representaria pior que ele. Mas terei de fazer Laerte. É verdade que vou esgrimir, mas mesmo assim, não é o mesmo. Aos diabos com todos! Tenho de me contentar com Laerte: sempre é melhor que nada. Ensaiei hoje a esgrima e a morte. Não saiu mal, principalmente esse pedaço:

“Que acontece comigo? Estou ferido! Hamlet tirou-me o florete. Estou perdido!”

— “A ti, e à rainha, vos perdeu o rei... o rei.”

A última palavra “o rei!”, é preciso dizer baixo, como quando a gente fala durante as aulas.



Com as meninas houve mais dificuldade. Na verdade, sem contar as serventes, não há senão dois papeis femininos: o da rainha e o de Ofelia. E, claro que todas queriam fazer Ofelia. Vieram trinta e duas meninas de vários grupos. Nicpetoj esteve ensaiando com elas, obrigando-as a ler, andar, se mover. Não conseguiu se decidir por nenhuma e deixou para amanhã.

No momento que ele saiu do auditório começou o barulho. Todas começaram a gritar. Uma dizia: — Você está muito mal, nem voz você tem! E outra: Você é muito baixa para Ofelia! Outra: Se o papel não for meu eu não farei parte do teatro! E entre tanta gritaria não se podia fazer nada. Propus que tirassem a sorte mas elas ficaram irritadas e eu consegui escapar...

Lina não apareceu. Não esteve também na escola e Zoia não ensaiou; ficou a uma certa distância das outras. Em geral, depois daquele incidente — o dela e de Lina, quando quiseram se suicidar, mas tiveram medo — ela está muito reservada.

Silva não assistiu à distribuição dos papeis pois acha que não tem jeito para o teatro. Quis convencê-la, mas ela não cedeu... Disse que já tinha ensaiado sem exito algum.

*Janeiro 19, 1924.*

Venia Palkin apeser de ser da praça Sujarev — o pai dele tem uma loja lá — é o melhor aluno do quarto grupo. Os *maesc* dizem que ele tem muita capacidade, e é verdade mesmo; todas as vezes que lhe pedí que me ajudasse a resolver problemas ou me explicasse história, sempre o fez de uma maneira admiravel. Tem uma imaginação fertilíssima. No ano passado começou a me



contar a história da América e me disse que estivera lá. Não acreditei porque para isso é preciso falar inglês, e Venia não sabe, segundo ele mesmo confessa. Fingi que acreditava e então me revelou confidencialmente que quer voltar para a América e que talvez me leve com ele. Foi então que eu ví que ele estava mentindo, mas ele dissimulou.

Entretanto, quanto às farras clandestinas, disse a verdade. Mas continuo com o pensamento firme que elas não correspondem à ideologia comunista.

Houve ensaio de Hamlet, e de noite apareceu no "A Bobina" uma caricatura de Serioga Blinov ameaçando com os punhos fechados os meninos que o rodeavam vivamente. Em baixo estava escrito:

— "Que foi, cidadãos? Assassinarão alguém? Porque esses gritos?"

— "Não é nada, estamos ensaiando Hamlet!"

Houve, de fato, grande alvoroço. Serioga tem uma voz profunda de baixo, e está se matando. Zoia ensaiou o papel de Ofelia e Nicpetoj afirmou que não estava nada ruim. E é verdade: está até muito bem, embora eu creia que podia ainda ser melhor. Trenei o manejo do florete — isto é — de uma vara — e queria que todos viessem ver; mas não chegamos a ensaiar o último ato. Não deu tempo.

*Janeiro 22, 1924.*

Parece que o mundo se afoga nas mais densas trevas. São três horas e dentro da madrugada e estou sentado a uma mesa, sem poder coordenar as ideias. Pensei que era uma farsa, mas vejo que não, que é verdade mesmo. O mundo escolar me parece mesquinho, repugnante como se todos nós fôssemos insetos apenas visíveis através do microscópio...



Os cristais da janela estão gelados pelo frio intenso e os arabescos são os de um ataude. Música triste ressoa nos meus ouvidos e ondulam no ar faixas negras. Sinto a cabeça oca. Não posso ordenar minhas ideias... (As três páginas seguintes estão riscadas a tinta).

*Janeiro 30, 1924.*

Tentei fazer versos e descrever tudo aquilo que ví, mas não consegui nada que me satisfizesse. Não havia palavras suficientes. Sinto ter crescido dez anos neste poucos dias e as palavras que, como rapaz, eu teria, fogem agora de mim.

*Janeiro 31, 1924.*

Até agora, não foi retomada a vida normal na escola.

A morte de Lenine impressionou todos de tal maneira e transtornou tanto a normalidade, que nem os estudos nem as diversões puderam começar. Os *maesc* nem falam dos trabalhos. Todos compreendem que é preciso estudar, mas, ao mesmo tempo, não é possível exigir-se que comecemos já a fazê-lo. Nicpetoj tem nos lido muito em voz alta. As meninas choram.

O papel de Ofelia será desempenhado por Zoia. Já é definitivo. Tivemos outro ensaio hoje mas esteve desanimado: todos liam seus papeis sem interesse. Não há entusiasmo.

Zinaida Pavlovna declarou que agora, o principal são os estudos, e que devemos fazer o possível para vencer todos os obstáculos.

Ela tem toda a razão deste mundo.



## SEGUNDO CADERNO

*Fevereiro 3, 1924.*

“A Bobina” abriu uma enquete, entre os primeiros grupos, sobre o problema:

“QUAL O FIM DA VIDA?”

Nestes dias, estamos todos penetrados de ideias serias e “A Bobina” recebeu muitas respostas das quais eu copiei as mais interessantes:

### PRIMEIRO GRUPO. A)

1. É preciso viver para o estudo, para conhecer o desconhecido. (Que farsa; V. Riabtsev).
2. Vivemos para estudar, para sermos felizes, para sofrer e ajudar o próximo. E para muitas outras cousas!

### PRIMEIRO GRUPO. B)

1. Vivemos e estudamos para criar um país forte e culto e para ajudar o próximo. Devemos saber que de grão em grão a galinha enche o papo e cada homem é um grão que vive e trabalha e produz obras grandes, pequenas e médias. Mas se o grão não faz nada, deve saber que estorva, que não está alimentando a galinha, que deve desaparecer. Por isso, esforçemo-nos por adquirir conhecimentos que nos permitam defender a Russia dos Soviets contra a maldita burguesia.
2. Vivemos para gozar. Estudamos para criar uma situação grata onde repousaremos. Gozamos quando nos lêem um livro interessante, quanto ouvimos uma conversa agradável. Sentimos também prazer ao entregar um trabalho.



3. Vivo para estudar e ser no futuro uma mulher culta. Não quero ser ignorante porque sofreria a opressão de todos.

## SEGUNDO GRUPO

1. É preciso estudar para ser útil ao país e a si mesmo. Se não o for para mim mesmo, terei morrido sem ter vivido. É preciso viver com proveito.
2. Creio que é preciso viver pela própria vida.
3. O pobre vive, trabalha, perde seu tempo para poder viver; um burguês também vive para viver melhor — naturalmente, é um inconciente. O homem de representação social trabalha para que a vida do próximo seja melhor, embora isso lhe custe às vezes, a própria vida. Em resumo, vivemos por uma vida melhor, se não para nós, pelo menos para os demais. É o exemplo de Vladimir Illich, nosso mestre recém-falecido.
4. É preciso viver para satisfazer às necessidades. (Eu gostaria de saber quem escreveu isso; mas os redatores do jornal não querem dizer. Esta resposta revela uma inconsciência absoluta e se assemelha menos a um homem que a um bruto. V. R.)
5. O fim da vida é a criação de um futuro sólido para as gerações futuras.
6. É preciso viver, para defender de armas na mão, as conquistas do proletariado.
7. Costuma-se dizer que o fim da vida consiste na criação de uma nova cultura para a nova geração. Mas isso não me satisfaz. Creio que o fim da vida é o seguinte: viver pacificamente, salvo ligeiras emoções. (De onde sairão tantos burgueses? V. R.)

## TERCEIRO GRUPO (o nosso)

1. Naturalmente, não é ficar olhando estupidamente como os outros lutam e conquistam, mas lutar e vencer por si mesmo.
2. Não dar satisfação a ninguém de nada e procurar saber de tudo por si mesmo. (Não está mal! V. R.)
3. O redator de "A. Bobina", ao fazer esta pergunta, pretendeu, pelo que parece, atingir altitudes filosóficas. Ou então, sentiu-se atacado por um medo horrível diante do vazio da vida humana. No primeiro caso, está tudo bem. No segundo, não.



É porque: "É preciso viver pela própria vida", é a única resposta à pergunta, apesar de estranho e unilateral. O fim e a substância da vida humana estão na própria vida, no processo da vida. Para compreender o fim e a essência da vida é preciso em primeiro lugar, amar a vida, penetrá-la inteiramente; e só então, seu sentido será claro, porque só então se estará vivendo. A vida não precisa de teorias, ao contrário de tudo aquilo que o homem criou.

É o que se sente, na inquietação da vida atual, quando é fácil tomar parte na vida social e política, quando se pode escolher a profissão que mais agrada. Avançar, alegres, por ter tomado conhecimento de uma teoria renovadora, palpitante e cheia de vida.

Antigamente, quando os alunos, aborrecidos com o ensino estéril, por uma vida tediosa, olhavam a lua e ouviam o rouxinol cantar, pesavam na inutilidade da vida humana e chegavam a perder o gosto e até o apetite pela vida. Terminavam por suicidar-se, deixando escrito que "não valia a pena viver". É o que se encontra na literatura anterior à revolução. Por exemplo "História de uma vida de tédio" de Tchecov, a "Vida do homem" de Andreiev. Podemos rir e perguntar: "É possível que realmente tenham existido estes tipos e autores, e estes autores tão alheios à vida, tão incompreensivos?"

Sim. Houve gerações daqueles que não viviam, apenas pensavam viver. Mas fracassaram rotundamente. Pertenciam à nossa pobre intelectualidade morta. Por isso, se esta pergunta tem um caráter pessimista, não tem lugar no nosso mundo contemporâneo. Pertence ao passado. Mas se a pergunta é sã, sincera, não é possível evitar respondê-la. Não citarei como exemplo as reflexões de Tolstoi, que afirmava que era inútil querer entender o sentido da vida porque o homem é semelhante ao cavalo que nunca perceberá a razão porque é chico-



teado. Ao contrario, é preciso ter fé na expansão ilimitada da intelligência. (Acho que foi um dos *maesc* que escreveu esta resposta. V.R.)

*Fevereiro 5, 1924.*

Houve ontem uma farra clandestina. Mas não me diverti. Meu pensamento estava no fim da vida. Encontrei Lina. Perguntei porque não aparecia na escola e ela respondeu: Não é da sua conta! Chamei-a de estúpida.

Ensaíamos Hamlet animadamente. Serioga Blinov mugia como um boi e se movia no cenário como um verdadeiro louco. Ocorreu-lhe fazer o seguinte: quando fala com o coveiro, em vez de jogar a caveira no fosso, arrojou-se na cabeça dele, para demonstrar que ele, Hamlet, estava mesmo louco. Ele dramatiza o papel com veemência. E no duelo, fui eu que fiz ele perder o florete, até que Nicpetoj chamou a atenção dizendo que estavam em cena e era preciso obedecer a Shakespeare. Ora, porque Serioga não aprendeu a esgrimir como se deve?

Zoia muda de roupa em cada ato. Não sei como tem tempo. Disse que vai ser assim no dia e está treinando. Quando fica louca e diz cousas absurdas, enfeita os cabelos com flores de papel, enlanguesce os olhos e canta com voz baixa, provocando em mim um sentimento vago de inquietação. Está ficando mais bonita. Que significação terá essas mudanças de traje?

A rainha tem dez criadas e como o cenário é muito pequeno e as camareiras permanecem nele todo o tempo, não é possível a gente se mexer. Brigamos sem-



pre, dizemo-nos insultos, a ponto de ás vezes o ensaio ter de ser interrompido.

*Fevereiro 8, 1924.*

Pedí há uns oito dias, a Nicpetoj, "Os colegiais", de Barin, do qual ele nos tinha lido uma cena onde apreciavam Kartachov e Korneva. Eu tinha ficado impressionado pela cena em que Tioma Kartachov, ao regressar a casa, vê, núa até a coxa, as pernas de uma donzela e...

Quasi não dormi de noite. Vejo sempre a donzela. E, está claro, pim, pam! zas, tras!. É desagradavel. Fico com a cabeça pesada, sem poder estudar.

*Fevereiro 10, 1924.*

Apareceu um número novo do "X", caçoando do "A Bobina" e da enquete sobre o fim da vida. Tem um artigo "*A respeito do fim da vida na nossa escola*". — Há pouco, "A Bobina" se dedicou a temas filosóficos e propôs o problema de esclarecer o fim da vida; em geral, X, como já se declarou várias vezes, procura fazer tudo pela escola e aproveita a ocasião para falar sobre o fim da vida no mundo escolar. Empregaremos o metodo indutivo, isto é, partindo do particular para maior brevidade, enunciaremos em destaque as tendências existentes sobre o problema. Os lemas seguidos são:

1. — Procure descobrir o que até hoje lhe é desconhecido. Por exemplo, descubra o "moto contínuo".
2. — A instrução é luz, a ignorância, treva!
3. — Viva a dansa!



4. — Viva a vida tranquila com pequenas emoções!
5. — Satisfaz as necessidades: não esqueça de assoar o nariz e ir ao...
6. — É nocivo estudar muito na adolescência! viva a vagabundagem!... e partindo do particular para o geral, exclamaremos: Amarrota-o, eu o conheço, mora na nossa rua!"

Acho isso idiota, sem graça nenhuma. O fim da vida é algo extremamente sério. É uma situação crítica saber ou não o que fazer.

*Fevereiro 11, 1924.*

Ví ontem o camarada Vanka Petujov. Está agora na fábrica. Ganha muito e sustenta toda a família. Aconselhou-me a entrar na fábrica, mas respondi que preferia terminar os estudos. Falei com ele a respeito do fim da vida e ele disse com uma simplicidade absoluta:

— Vivemos para edificar o novo regimen em substituição ao velho, já podre.

Era o que eu pensava, mas a enquete do "A Bobina" me confundiu.

Falamos também do problema sexual. Ele me disse:

— Não existe esse problema na fábrica. Se a gente gosta de uma menina a gente se aproxima dela e diz: "Eu gosto de você. Quer vir passear comigo?" Se ela não quer, vira as costas, senão ela vai com a gente.

— Então — perguntei — vai de fato passear?

— Claro. Como marido e mulher. Isso é tão necessário como o alimento. Sem comer não podemos viver. Sem isso, também não.

— Bom, e se vem uma criança?



- Quem pensa nisso quanto vai...
- E você, Vanka, também faz isso?
- Você achou que não?
- Não creio que você esteja dizendo a verdade absoluta, ao menos no que se refere a sua pessoa.

*Fevereiro 12, 1924.*

Os ensaios continuam. Serioga Blinov está sem voz, mas mesmo assim dá medo... Além disso, inventa truques novos. Por exemplo, hoje, quando o rei sai do espetáculo e Hamlet grita: "O cervo foi ferido com a flecha", Serioga gritou e atirou sobre o rei, agarrou-o pela garganta e começou a estrangulá-lo. Parecia louco de verdade. Nicpetoj pulou para o palco, segurou Serioga pelos ombros e disse:

- Que aconteceu?
- Quero demonstrar ao rei que estou louco.
- Em Shakespeare não está assim.
- E o que é que tem? É uma criação do diretor de cena.

— Acontece que o diretor de cena sou eu, e não você. E aqui apenas um deve mandar. Além disso, se vamos por esse caminho, Hamlet deveria pular muros e incendiar casas.

— O diretor deve dar liberdade aos artistas — respondeu Serioga. Senão não seremos artistas, mas sim marionetes.

— Deixo-lhe a liberdade que quiser, contanto que não recorra à estrangulação.

— Também aqui temos de suportar a opressão dos *maesc* — resmungou Serioga.

— Acho que os artistas devem ter liberdade. Eu, por exemplo, represento Laerte e Hamlet me atira fora



o florete. Mas eu faria assim: primeiro arrancaria o florete de Hamlet, deixá-lo-ia recolher generosamente e depois ele atirar-se-ia sobre mim.

Hoje, quando voltei da escola fui recebido por meu pai que estava com um ar preocupado. Perguntei o que era e, em vez de responder, estendeu-me um papel. Suas mãos tremiam. Eu lí:

“Queira observar o comportamento de seu filho Constantino. Recentemente tem mudado muito, no pior sentido. Frequenta uma sociedade onde bebe até ficar embriagado. Aprendeu a fumar tabaco forte e esconde tudo isso, enganando o senhor. Pagou de entrada dois *limardos* e se aproximou de rapazes e moças cuja companhia não pode fazer bem algum. Aos sábados, todos os sócios se reúnem no parque Ivanowsky, para passar a noite na farra. Por isso, é provável que Costia, pretextando alguma cousa, não tivesse dormido em casa na noite de sábado.

“Esta carta poderá parecer-lhe uma invenção absurda, mas tenho meios de provar que contem a verdade. Costia há tempos que aprendeu a enganar astutamente. O senhor é o único que pode ter alguma influência sobre ele.”

Fiquei aturdido. Papai perguntou:

— E' verdade?

— Não, papai, não é.

Nuvens passaram sobre seus olhos.

— Alem do que — insisti — se fosse verdade, o senhor já teria notado. Já voltei para casa cheirando vinho? Diga sinceramente.

— Acho que não, mas... eu não cheirei de perto.

— Mas papai, o senhor tem olhos ou não? não poderia perceber pela minha cara? O senhor me vê todos os dias.

Mas o velho não acreditava. Como convencê-lo?

— Veja o tempo que eu tenho para beber. O senhor sabe que quasi todos os dias nós temos reuniões.



Chego em casa morto de cansaço e, depois, me ponho a estudar. Nem um minuto livre. A história do fumo é verdade. Não quis contar para não entristecê-lo; mas a do vinho é mentira.

Enquanto falava minha cabeça trabalhava sem parar procurando o canalha que teria escrito aquela carta. Estava escrita com letra de forma para não ser reconhecida. E anônima. Será possível?...

Não pude adivinhar. Meu pai passeava pelo quarto, as mãos tremendo e eu sentia não poder consolá-lo. Aproximei-me e o abracei.

— Acredite, papai. E' tudo mentira. Nunca enganei o senhor. Porque iria começar agora? Pode ficar tranquilo, coma um pouco e se deite. Amanhã, se o senhor quiser, vá à escola e pergunte à nossa administradora... Quer?

Ele fitou-me nos olhos e declarou que não iria a parte alguma; que acreditava em mim. Mas não pude ficar tranquilo. Tenho de esclarecer esse caso. Quem teria escrito uma carta assim?

Não pude dormir até agora. Pela primeira vez na minha vida estou convencido da dificuldade de mentir a um velho como o meu.

*Fevereiro 13, 1924.*

Que cousa! Não foi só meu pai quem recebeu a carta; outros pais e mães receberam-nas semelhantes. Foram hoje, uns seis pais falar com Zin-Palna. Esta convocou imediatamente todos os filhos e falou com eles longamente. Todos saíam vermelhos como de um banho. Fiz uma porção de perguntas a eles, mas não me responderam.

Venia Palkin está muito pálido e não fala com ninguém. Acha que alguém descobriu a história das far-



ras e tem medo que exijam satisfações dele. Mas eu acho que não deve ter nada a temer. Se descobrirem, o que se tem a fazer é contar, simplesmente as cousas como são. De qualquer maneira, é preciso fazer com que não se descubra.

Lina voltou para a escola. Deu como justificação o fato dela ter estado doente. Veio com os olhos inchados de tanto chorar. O pai dela também recebeu a carta. Chorou o dia todo. No fim, eu não pude mais, aproximei-me dela e disse:

— Você chorando nos compromete a todos. Ainda não sabem de nada. Tudo ficará em segredo.

Mas ela se pôs a chorar mais ainda e, soluçando me atirou:

— E tudo por sua culpa. Você é que é o culpado! você! você! Só você... Se não fosse você, eu...

E se desfez em lágrimas.

Mas que tenho eu a ver com isso? Que culpa tenho? Dizem que ela quis se suicidar por minha causa mas não é verdade. E se fosse, tenho culpa, por acaso, dela se ter apaixonado? Sou responsável pelas farras? Nisso tenho tanta culpa quanto ela. Eu frequentava, só isso.

*Fevereiro 17, 1924.*

Hoje Zin-Palna convocou, com o consentimento do Comitê, uma reunião geral. Era para falar das cartas anônimas.

— Rogo a todos aqueles que saibam alguma coisa a respeito da origem destas cartas, que o exponham. Há muitos alunos preocupados com o assunto e dessa maneira, não é possível estudar.

Em vez de responder, o silêncio se estendeu pela



sala. Eu sentia alguma coisa de extremamente penoso. De um lado, tinha um juramento com os outros, mas por outro, compreendia, perfeitamente, que esse assunto precisava ter uma solução.

— Bem — disse Zin-Palna — vejo que ninguém sabe de nada. Neste caso, releguemos o caso ao esquecimento. Acho que a culpada é a imaginação fértil daquele que escreveu as cartas anônimas. De minha parte, eu agradeceria muito ao autor, que encaminhasse sua fantasia noutros rumos e não na provocação de um incidente nas tarefas escolares. E' preciso apressar a estreia de Hamlet. Vamos ensaiar todos os dias. O espetáculo pode, num grau consideravel, esclarecer as idéias e descarregar a atmosfera tensa em que caímos.

Quasi todos se puseram a rir, mas eu me sentia cada vez mais esmagado por uma pressão interior. Envergonhei-me quando mentí a meu pai; e agora, Zin-Palna, que crê realmente em nós todos, que está disposta a nos defender, tambem a ela estamos mentindo.

Deliberamos marcar o dia da estreia para o dia 20 de fevereiro, com a aprovação de Nicpetoj. E convidar o alveolo da fábrica ao qual estamos filiados.

*Fevereiro 18, 1924.*

Tenho de encontrar uma solução para o problema sexual, por que não posso continuar vivendo assim. Cheguei a tal extremo hoje, durante o ensaio, quando as meninas já estavam com as roupas e os penteados da peça, eu me apertei contra elas, aproveitando-me do pouco espaço que temos no palco e nos rompimentos. Não foi de brincadeira, mas com outra intenção. As meninas esquivavam-se e fugiam e Nicpetoj me ameaçou de expulsar-me e substituir-me, mesmo com pre-



juízo do espetáculo. Ainda bem que ninguém adivinhou a razão da minha maneira de agir. Ao contrário, todos diziam que eu tinha me emendado mas que aquele dia estava reincidindo.

Ah! se eles soubessem!

*Fevereiro 19, 1924.*

Parece que de hoje em diante não poderei mais falar com Silva. Não sei como dizer. Fomos, todo este tempo, bons camaradas, sem sentir por ela, mais que uma amizade de companheiro; mas, foi como se alguém tivesse me arrancado a língua e não pude remediar...

Silva é o membro principal da comissão do guarda-roupa, porque os outros não trabalham e foi ela quem fez quasi todos os trajés. Por isso assiste todos os ensaios e hoje compareceu ao ensaio geral. No laboratório de história natural, convertido em camarim dos artistas, ela cosia o meu traje de Laerte, que eu já vestira.

Enquanto cosia eu perguntei:

— Você gostaria de passear comigo, Silva?

— Como passear? — Nós não passeamos sempre?

— Não assim. De outro jeito, passear de verdade.

Ela parou de costurar.

— Mas nós não passeamos de verdade?

— Você não entende... — e calei-me envergonhado. Olhe, é, por exemplo, passear como marido e mulher.

Pensei que ela se zangaria, mas não. Baixou os olhos e perguntou:

— Você quer casar comigo? E' muito cedo para nós.

— Mas você não compreende, Silva — disse, procurando um pretexto para fugir do camarim. Não é



isso.. Não estou falando de casamento... Eu quis dizer que... Olhe... sair comigo... agora... estando na escola.

— E o que é que você faria?

— Bom, você vai ver... Por exemplo, eu beijaria você.

Refletiu e respondeu:

— Acho que eu não permitiria... Bom, e se eu deixasse. E depois? Que é que você faria?

— Com o diabo! — gritei, e puxando com todas as forças o fio que estava costurando, fugi.

*Fevereiro 22, 1924.*

Não tive tempo até hoje de contar como foi o teatro porque estive averiguando o caso das cartas anônimas.

Foi brilhante. Serioga Blinov rugia como o trovão, se agitava em cena como um louco, atropelava todos com tal ímpeto que o rei teve de dizer em voz bastante alta: "Acalma-te, demonio!" O espírito — Venia Palkin — fez muito bem a sua parte. Saiu, envolto num lençol, a cara branca, falando com voz sepulcral, sobretudo quando era por meio de um altofalante instalado sob o pavimento. Tinha de sair por um buraco, mas este estava entupido e teve de sair pelos bastidores. Nicpetoj estava nervosíssimo. Ficou nos bastidores com o libreto entre as mãos, e como não havia concha, os meninos disseram que nas primeiras filas se ouvia dois textos de uma vez. Não consegui deixar de atirar fora o florete de Serioga, porque ele não sabe esgrimir, mas ninguém notou que estávamos falseando Shakespeare.



Zoia esteve muito bem, melhor de todos. Ouí dizer que houve quem chorasse com a sua interpretação de Ofélia.

*Fevereiro 25, 1924.*

Zoia me deixou hoje preocupado. Depois do espetáculo está muito cheia de sí porque foi chamada à cena muitas vezes. Está completamente mudada. Não se veste mais de preto, está alegre, e não parece a Zoia de antes. Não quer mais falar da morte, embora alguns continuem, por força do habito, falando-lhe a respeito. Chamou-me no corredor e disse:

— Sabe? Vou contar um segredo para você.

— Qual? Faça o favor de não me vir com segredos.

— Mas é muito importante. Eu estou enamorada de você.

— O que?

— Deixe disso. Nada de orgulho. O amor não depende de nós; e não pense que por sua causa vou fazer alguma loucura. Pensei muito no caso e decidi que você deveria saber disso para meu desafogo. Isso não lhe dá nenhum direito sobre mim.

— Vá pro inferno. — respondi. E fui embora.

*Fevereiro 26, 1924.*

Que cousa estranha! As meninas começaram a cochichar entre sí e eu soube que era a respeito das farças. O mais importante é que Silva está com elas. Não falei mais com ela desde o dia da pergunta... Apparently, ela não me quer.



Conversei com Venia Palkin e decidimos fazer um contra-ataque.

*Fevereiro 27, 1924.*

Estou alegre e satisfeito comigo mesmo. Passei quasi todo o mês de fevereiro preparando um registro dos acontecimentos na China e Nicpetoj elogiou-o muito. Alem disso, encontrei o autor das cartas anônimas. E' Gorojov, um menino do segundo grupo, alto e esbelto. Porque acho que é ele? Pois bem:

Meu único ponto de partida era a carta dirigida a meu pai. Na escola, cada um tem sua tinta, e comecei a averiguar que especie de tinta possuia cada um. E' dificil porque todos, depois de escrever o que precisam, guardam a tinta. Procurei averiguar... e hoje tive uma ideia; entrei no laboratório de matemática quando o segundo grupo estava trabalhando, sem Almakfisch e gritei:

— Depressa. Tinta! Almakfisch mandou pedir tinta!

E peguei a do que estava mais perto e que era Gorojov, que se senta perto da porta. Gorojov gritou:

— Espere aí! tenho de escrever!

Mas eu não sou bobo. Fui para o auditório onde já tinha um frasquinho preparado, verti um pouco da tinta de Gorojov e voltei tranquilamente para o laboratório. Ví Gorojov e devolví-lhe a tinta. Ele olhou-me receoso mas não disse nada. Tenho observado e noto que sempre que olho para ele, ele muda de cor. Alem disso, é o único aluno do segundo grupo que frequentou as farras.

Comparei as tintas e são muito semelhantes: são bem escuras. Agora preciso ver a letra e então! Mas



isso é mais difícil, porque as cartas foram escritas com letra de forma.

*Março 3, 1924.*

Depois de muito esforço consegui um caderno de Gorojov e comecei a comparar as letras. São parecidas, a da carta e a do caderno. Fui falar com Gorojov e comecei sem mais preambulos:

— Foi você quem escreveu as cartas?

Mudou de cor e replicou:

— Você está louco?

Não cedi.

— Que é que você pode saber? que é que você pode saber?

Começou a gesticular e eu, muito sério, fui embora. Agora, segundo a lógica psicológica, ele deverá vir ter comigo, voluntariamente, e confessar a falta.

*Março 4, 1924.*

Estou metido numa trama. E' o seguinte: Fui entregar meu trabalho de janciro. Abri o livro de história e ví dentro um papel. Puxei e fiquei atônito. Dizia isso:

“Costia, em consideração a um antigo sentimento, venho avisá-lo que está se preparando uma campanha contra você e Venia Palkin, por causa das farras. Eles sabem de tudo. Cuidado.”

Mas, muito mais que o texto, o que assombrou foi a letra do papel. Os caracteres de forma eram idênticos. Não podia ser Gorojov. Depois de quasi ter brigado com ele, ele não me iria avisar, ainda mais, “em



consideração a um antigo sentimento". Procurei Nicpetoj e, em lugar de entregar o trabalho perguntei:

— Nicolas Petrovich, estarei agindo bem ou mal em averiguar quem foi o autor das cartas anônimas?

— E como?

— Observando e tirando conclusões.

— E porque?

— Porque o autor é um traidor dos companheiros.

— Olhe aqui, Riabtsev, isso é ser um agente policial voluntário, papel pouco digno, creia. Além disso, o assunto foi relegado ao esquecimento, para que desenterrá-lo?

Por pouco ía dizendo que ele ía ressuscitar, mas mordí a língua a tempo. Talvez seja mesmo melhor parar com as averiguações.

Enganei-me com Gorojov. Mas quem será o autor?

*Março 7, 1924.*

Lí o "Sanin" de Arzibachev e não pude dormir a noite inteira. De novo... pim, pam! zas, trás! Minha cabeça me doe horripelmente e não sei o que fazer. E se eu falasse com Nicpetoj? Tenho vergonha. Ele dirá: "Não lhe explicaram em história natural? E ainda acha pouco?" E depois, não posso contar-lhe tudo.

O pior é que sinto repercussões no meu estado mental. Fiz o seguinte: Peguei o caderno onde eu tinha copiado as respostas sobre o fim da vida e procurei o que eu tinha escrito: "Que mentira!" — e rasguei o que estava escrito, ao tratar da satisfação das necessidades. Efetivamente, se o homem se vê constrangido a satisfazer suas necessidades de uma maneira diversa dos outros, sofrerá, com certeza. Quando não as pode satisfazer, sofre também; vale a pena?



Chegando a este ponto nas minhas indagações eu me perguntei: "Isto é digno de um membro do *Comsomol*? De um homem colocado na vanguarda juvenil? Porque, embora eu seja apenas candidato do *Comsomol*, eu me considero um comunista convicto. Vejo que cometi muitos erros: ter tomado parte nas farças e, em consequência, ter mentido muito; e o principal: o problema do sexo. A burguesia e a intelectualidade resolviam o problema da mesma maneira pela qual eu o resolveria. Serei então um burguês? Sou um intelectual? Não me considero nem um nem outro; por isso devo resolver o problema de maneira diversa.

Março 12, 1924.

Acabei de voltar da reunião do alvéolo, que foi no clube da fábrica. Apesar de ser tarde, eu devo escrever tudo o que se passou, para não esquecer. Havia umas cento e cinquenta pessoas, das quais umas vinte eram alunos da escola e os outros operários da fábrica. De início as cousas correram como nas nossas reuniões, apenas um pouco mais enfadonha: relatório do Comitê local, relatório do escritório... Os operários caceteados começaram a inventar histórias e o presidente tinha de chamar-lhes a atenção a cada instante. Depois, passou-se a falar dos temas do momento e todos aguçaram os ouvidos.

Uma operária, Gulkina, apresentou uma petição pedindo uma subvenção para atender a um aborto. (Vou ter de perguntar o que é isso a Serioaga Blinov). Quando se leu a petição armou-se uma grande confusão. Alguns eram a favor da subvenção, outros não. Ivanov, secretário do alvéolo, um rapaz sério, disse:



— Como podemos dispor de meios se os sócios se atrasam três meses no pagamento das quotas? Com que faremos a subvenção? Temos por acaso um Banco?

Uma moça, muito irritada levantou-se. Ela fala em todas as reuniões e sempre se irrita:

— Se dermos subvenções a torto e a direito que é que vai acontecer? Todas vão querer abortar e quem vai dar à luz? Puschkin? Eu proponho algo concreto: que ela receba um livro que trate de abortos para que o leia.

Alguns ainda gritaram:

— Dêem a subvenção! A subvenção!

Parecia brincadeira, pois o secretário tinha dito claramente que não havia dinheiro. Uma moça tomou então a palavra e disse:

— Não se pode dar essa subvenção! Primeiro porque não há dinheiro, segundo porque — como já se disse — alguém tem que parir; e terceiro, e principalmente, porque ela pode morrer do aborto. Ou então ficar mutilada para o resto da vida. O aborto nem sempre dá certo.

Ouviram-se protestos contra a subvenção. Ivanov tornou a tomar a palavra:

— Já expliquei que o alveolo não pode dar dinheiro. Mas, “não dar” não é uma solução satisfatória. Vocês devem estar lembrados de uma outra petição de Gulkina, onde ela afirmava não ter onde se instalar. E’ preciso averiguar esse caso. Ela vive no outro extremo da cidade. A do aborto será negada; ela tem de parir mas também não podemos deixá-la nessa situação. Precisamos ajudá-la, arranjar um quarto.

Foi eleita uma comissão para averiguar as condições economicas de Gulkina, e todos se puseram a cantar “A nova guarda”... Tinha terminado a seção.



Quando voltei para casa, fiquei pensando que antes eu achava que a vida operária, e a vida interior do alveolo eram alguma coisa de extraordinário, qualquer coisa como uma fábrica que de noite resplandece; mas acontece que os operários brincam tanto quanto as crianças, e é fácil compreender os assuntos que os interessam. Pensei que precisaria de mais tempo para compreender tudo.

Alegrei-me profundamente. Primeiro, porque não estava mais sozinho; e, segundo, porque já posso ser útil à minha classe social. Pensei também no problema do sexo; mas esta vez minhas ideias tinham tomado outra direção, por causa da história de Gulkina. Petujov disse que aquilo era muito simples, mas não me parece que assim seja, desde que um alveolo de cento e cinquenta pessoas se deixa ficar perplexo ante o problema. Creio que o sexo pode dar origem a muitos padecimentos. Por exemplo: o aborto. De que jeito a mulher fica mutilada para o resto da vida?

Fiz mal em não frequentar as reuniões da fábrica. A gente aprende muita coisa lá. Perguntarei a Ivanov alguma coisa sobre isso.

*Março 17, 1924.*

Falei com Serioga sobre o aborto. Ele me explicou detalhadamente a significação da palavra. Parece que esses abortos podem fazer muito mal a uma moça, é melhor dar á luz filhos fortes e sadios.

*Março 19, 1924.*

Já tinha notado que fazia tempo que Venia Falkin deixou de aparecer na escola. Pensei que fosse por



causa das farras mas parece que há outras causas. Mas não quero meter-me. Espionar os camaradas é muito pouco digno.

Depois de brigar com Silva, não tenho mais com quem fazer amizade e passo o tempo com a negra Zoia. Ela me confessou que sempre me odiou porque eu caçoava dela, mas mudou de opinião depois do espetáculo, quando fiz saltar distraidamente o florete de Blinov.

Tenho estudado normalmente. As dores de cabeça passaram e os pim, pam! zas, tras! também. Todas as manhãs faço uma fricção em todo o corpo com neve.

*Março 21, 1924.*

Silva chegou perto de mim e disse:

— Riabtsev, minha opinião sobre você mudou completamente. Eu acreditava que você era de fato um verdadeiro comunista, fiel às ideias, mas vejo que era mentira.

— Nunca! — respondi. Como é que você pode saber de fato minhas ideias?

— Você sabe perfeitamente. Sei também o que você organizou com Venia Palkin.

— Não organizei coisa nenhuma; me limitei a frequentar. Então foi você a autora das cartas?

— E' o cúmulo! disse Silva, fitando-me nos olhos. Como é que você pode dizer uma coisa dessas?

Voltou-me as costas e quis ir embora.

— Epere, Silva... Você acha mesmo que não tenho ideias comunistas?

— Não quero mais falar com você.

E foi embora.

Fiquei muito mortificado, mas não posso fazer nada para suavizar a questão. Em certo sentido ela tem



razão. Embora eu não tivesse fingido. Preciso deixar isso claro.

Março 23, 1924.

Grande escandalo, um tanto inexplicavel. O pai de Lina, que é padre, apareceu. Perguntou por Zin-Palna e os dois estiveram conversando por muito tempo. O padre, todo vermelho, pretendia explicar alguma coisa a Zin-Palna, e esta não fazia outra coisa senão gesticular. Foi na sala dos professores e por isso ninguem pode ouvir.

Depois Zin-Palna, muito nervosa, saiu com o pai de Lina e voltou quando as aulas já estavam terminando. Depois os *maesc* fizeram uma reunião e nos deixaram ir para casa.

Março 25, 1924.

E' muito penoso escrever o que aconteceu; mas vou fazê-lo. Apenas cheguei na escola Zin-Palna me chamou:

— Quer me fazer o favor de ser inteiramente sincero?

— Sim — respondi, fitando-a diretamente nos olhos. Estou já farto de mentir.

— Você frequentou as reuniões organizadas por Palkin?

— Sim.

— Não lhe ocorreu que com isso não somente prejudica seus estudos como tambem toda a escola?

— Pela minha palavra de comunista como isso não me ocorreu.



— Que é que você pensava sobre a conveniencia desses fatos para a escola?

— Pensei que..., como era fora... não teriam relações com ela.

— Suponhamos que assim fosse... Você sabe o que aconteceu com Lina?

— Reparei que ela não vinha para a escola e pensei que isso tivesse alguma relação com as... farras... mas, juro, que não sei nada com certeza.

— Lina deverá abandonar a escola e ir para a Ukrania. Espero que você seja tão discreto a respeito desta conversa como o foi a respeito das farras...

— Zinaida Pavlovna, está claro... — disse e me sentí afogado — Mas creio que as meninas sabem de tudo melhor do que eu.

— Já falei com elas. Pode ir.

— Espere um pouco, Zinaida Pavlovna... Uma pergunta. O que aconteceu com Lina, tem alguma relação com o problema sexual?

— Sim — disse Zinaida com firmeza — pode ir.

Fui. Mas em vez de entrar na escola fui para casa. (Depois do dia 25 de Março, há muitas páginas manchadas de tinta).

*Abril 5, 1924.*

Recebi ontem uma carta de Lina. Diz o seguinte:

— “Costia Riabtsev: Não culpo você de nada e compreendo que eu sou a única culpada. Quando você receber esta, estarei tão longe de você que não ficarei ruborizada. Vou iniciar uma nova vida; e todo o passado, velho e sombrio, fica para trás, e será apagado para sempre. Quero que você fique sabendo que o caso com V. P. foi por sua causa, isto é, por raiva e desespero de ver você tão grosseiro comigo e porque o



nosso suicídio teve um desenlace absurdo. Agora, tudo acabou, para sempre, e sinto um alívio imenso... Aconselho você a não continuar nessa vida, porque você penetrará num mundo de trevas. Temos, os dois, toda a beleza da vida à nossa frente.

“Eu escrevi as cartas anônimas, porque sofria e queria acabar com tudo aquilo, sem saber direito como. Ocorreu-me então escrever as cartas, mas não senti alívio algum; ao contrário, fiquei mais abatida ainda pelo sofrimento. Só agora, ao ver-me livre, compreendi como fui idiota.

“Você fez mal em falar sobre “aquilo” com Silva... Você lembra... no camarim... Silva não é assim. Enquanto eu sofria tanto, ela cuidou de mim como uma verdadeira irmã, embora eu a repudiasse com maus modos.

“Adeus Riabtsev! Felicidades. Faça as pazes com Silva. E me esqueça para todo o sempre!

*Abril 10, 1924.*

Encontrei na rua com Venia Palkin. Estava com um sobretudo muito elegante, um cigarro na boca e uma bengala.

— Ah! Costia! — disse ele. Você continua defumando-se nessa fábrica de conservas?

— Continuo estudando.

— Que gosto! — Olhe aqui... Venha amanhã até em casa. Moro no mesmo lugar. Vai haver mulheres... Não como as suas, tão insossas, mas meninas estupendas. Fizemos um vinho novo. Venha!

— Porque não? — respondi. Vou. Mais alguém que eu conheça?

— Claro! É todos ótimos camaradas. Você vem então, não é?

— Irei sim. Até amanhã.



*Abril 12, 1924.*

Foi assim:

Cheguei mais ou menos às nove na casa de Venia, no Parque de Ivanowsky. Já havia ali umas doze pessoas, todas sentadas à mesa. Os pais não estavam em casa; saíam sempre quando Venia organizava uma farra.

Agora posso descrever tudo. Vou contar direitinho como são. Todos bebem e se entretêm com as moças, não como quando a gente passeia, ou na rua, mas de outro jeito. Abraçando-se e beijando. No meio da mesa, uma travessa de repolho em escabeche com azeite de linho muito gostoso; depois todos bebem o "samogon"<sup>(10)</sup> até ficar embriagados. Nunca vi mais do que abraços, mas compreendi que acontece mais do que isso.

Pois bem, quando cheguei, estavam todos sentados à mesa. Havia três da nossa escola, mas não citarei nomes. Rapazes, nenhuma menina. Apenas desconhecidas e todas pintadas.

Já estavam um tanto tocados. Apenas me viram, puseram-se a gritar:

— Ah! Costia chegou! Um copo! Venha a alegria!

— Venha! — disse; peguei o copo que me ofereciam e joguei-o ao chão. Isto vai mudar porque acabo de compreender o que é bom e o que não é. Vocês, meus queridos companheiros de escola, vão sair agora mesmo comigo e nunca mais aparecerão aqui. É uma indecência o que vocês fazem agora, e o que eu fiz antes. Mas antes de sair quero dizer a todos duas palavras:

— Ficou louco! — gritou Palkin.

— Não estou louco coisa nenhuma! Ao contrario, recobrei a consciencia dos meus atos. Você já imaginou

---

(10) Aguardente feita com alcool queimado.



as infâmias que isto pode produzir? Nunca pensou que a vida de uma menina ficou despedaçada — você sabe perfeitamente de quem estou falando. E ainda que, por sua culpa, nossa escola esteve a ponto de ser fechada? Você não diz nada? Embriague-se, faça todo tipo de infâmias com seus amigos, mas deixe nossa escola em paz!

Palkin se lançou sobre mim, mas atirei-lhe uma garrafa na cabeça e fugi com meus companheiros.

*Abril 15, 1924.*

De tanto eu me esforçar por entregar os trabalhos, sinto meu pulso tremer. Por causa dos acontecimentos passados, eu tinha desleixado muito os estudos e estamos quasi no verão. Se não entregar os trabalhos não poderei descansar no verão. Além disso, estão dizendo que haverá um curso de verão. Sempre pensei que fosse só para o primário, mas parece que não; de modo que iniciaremos as excursões. Seriooga Blinov afirma que o curso de verão porá em manifesto a incapacidade dos *maesc*; ele acha que se no inverno não conseguem cumprir sua missão, ainda mais no verão.

Tenho um amigo novo: Iuchka Gromov. Há tempo que ele está na escola e no meu grupo, mas não nos davamos um com o outro. É muito risonho e gosta de despertar a inteligência resolvendo problemas. Fiz-lhe algumas confidências; falci das farras; mas ele me afirmou que eram criancices e o que havia a fazer era esquecer disso quanto antes.

*Abril 17, 1924.*

Aconteceu uma coisa muito exquisita. Ontem, quando passei pelo laboratório de matemática, ouvi uma



risada estrepitosa... Entrei e vi Ninka Fradkina e Staska Velepolskaya, do quarto grupo, sentadas, uma em frente à outra, rindo às gargalhadas. O riso era contagioso e perguntei:

— Que foi?

As gargalhadas cresceram e de repente, notei que saía da garganta de Staska um som gutural que se transformou em estertor e fiquei amedrontado. Fui correndo chamar o *maesc* de serviço — Almakfisch —, voltei com ele e vimos as duas se desfazerem em pranto. Almakfisch me disse que se tratava de um ataque de histerismo. Fui procurar uma toalha, agua e conseguimos acalmá-las. Os meninos me perguntaram logo se eu queria me encarregar de curá-las; mas recusei, porque não sou mais membro do Comitê e isso é obrigação dos atuais componentes.

Estou muito ocupado. Há um mês, a Seção de Instrução Pública Provincial propôs à nossa escola tomar parte na luta contra os desamparados, incorporando-se à Proteção de Menores. Lembrando do caso de Alioga Chikin, que roubara seis *limardos* e se refugiara no porão rodeado de escombros, a escola me elegeu como seu representante na Proteção. Tenho, pois, ido lá, constantemente. Muito trabalho e tudo inutil. Dizem que depois de trabalhar com os desamparados durante três meses se vai para um sanatório de neurastênicos. Devia-se organizar partidas livres de meninos como eu, fazer lutas em cada esquina com os desamparados, e depois, fumar e beber aguardante com eles. Deste modo se conseguiria que ele nos aceitasse de melhor vontade e então poderiam ser instruídos. Ou então ler contos, como fazia Vanka Petujov. Já não haveria necessidade dos sanatórios. Há, porem, um obstaculo: a falta de tempo para fazer isso: nossos rapazes não poderiam estudar. Falei do meu projeto ao secretário da



Proteção, mas ele se pôs a rir. Em vez de rir ele deveria examinar o meu projeto. Não posso suportar o ridículo. De qualquer modo, o sistema dele tampouco é eficiente. E eu seguramente vou ter de deixar de trabalhar para a Proteção.

O pai de Alioja Chikin foi atropelado por um caminhão do Comissariado de Economia, e Zin-Palna se encarregou da educação de Alioja, tomando-o sob sua tutela. Toda a escola aprovou esse ato.

*Abril 20, 1924.*

Houve uma reunião do Comitê para tratar do caso de histerismo das duas meninas e eu assistí como figurante. Há um mês que há milicianos para descarregar o Comitê da parte administrativa. São dois. Passeiam pela escola como os policiais franceses no cinema. Pelo menos, têm o mesmo ar de idiotas. relatei o fato e fui embora. Ao que parece não tomaram resolução alguma.

Fomos várias vezes à fábrica de tecidos a que estamos filiados. Além disso, o alveolo e nosso *Comsomol* apenas influem na vida escolar e isso me parece ideal.

*Abril 21, 1924.*

Houve no auditório uma batalha formidável e Volodia Schmerz saiu com a cara toda ensanguentada. Ele apanha com tanta frequência que lhe demos o nome de "Saco de pancada". Está claro que os milicianos não puderam conosco e tiveram de chamar o *maesc* de serviço.

Na reunião geral foi examinado um novo projeto de autonomia, segundo o qual os Comitês escolares serão



eleitos por três meses em vez de ser por um. Dessa maneira o Comitê estará mais firme no tratar dos assuntos, cousa difficil de se conseguir num mês. Serioga disse que, quanto mais tempo atua o Comitê, tanto mais autoritário se forma e, além disso, que tudo dá no mesmo num Comitê dominado pelos *maesc*; mesmo que fosse eleito por um ano não conseguiria nada, por não ter prestígio entre os alunos. Zin-Palna disse:

— Vejo que Blinov retorna ao mesmo ponto. Quer conseguir que a escola se divida em dois bandos, precisamente em vésperas de férias. Espero que, simplesmente, isso se deva à aproximação da primavera.

Serioga respondeu que isso não tinha nada a ver com a primavera e que ele pretendia apenas expor sua opinião. Mas, como todos estavam muito nervosos, Serioga acabou por ficar zangado e falar alto. De repente Almakfisch gritou que Blinov já devia estar na Escola Superior há muito tempo e provocou um escândalo. Zin-Palna suspendeu a seção.

Depois disso, Serioga prometeu demonstrar aos *maesc* que ele, antes de mais nada era um revolucionário, e depois, aluno e só depois o resto.

*Abril 23, 1924.*

Veio no "X" o seguinte artigo:

#### O N-A-B-O"

"A encarregada plantou um nabo na aula de Autonomia. O nabo cresceu muito, muito. A encarregada se agarrou ao nabo, puxou-o, mas não pôde arrancá-lo.

"O Comitê escolar refletiu, chamou o Comitê de Economia, este se agarrou ao Comitê escolar, este à encarregada e esta ao nabo. Puxaram, puxaram e não conseguiram arrancá-lo.



“Chamaram o Comitê Sanitário. Este se agarrou ao Comitê de Economia, este ao Comitê Escolar, este à encarregada, esta ao nabo. Puxaram, puxaram, e não conseguiram arrancá-lo.

“Chamaram a junta dos *maesc*. Esta se agarrou ao Comitê Sanitário, este ao de Economia, este ao Escolar, este à encarregada, a encarregada ao nabo. Puxaram, puxaram e não conseguiram arrancá-lo.

“Não podendo resistir, a junta dos *maesc* gritou com todas as forças:

“Mili... cia... no! .

“Veio o miliciano tão sério como sempre. Agarrou-se à junta dos *maesc*, este ao comitê Sanitário, este ao de Economia, este ao escolar, o escolar à encarregada e a encarregada ao nabo. Puxaram, puxaram, e não conseguiram arrancá-lo.

“O miliciano chamou o projeto trimestral. O projeto se agarrou ao miliciano, o miliciano à junta esta ao Comitê Sanitário, este ao de Economia, este ao Escolar o Escolar à encarregada, a encarregada ao nabo. Puxaram, puxaram, e não conseguiram arrancá-lo.

“Ficaram perplexos, o suor escorrendo. E o nabo continua na terra.

“— Quando, diabos, vão arrancar o nabo? — perguntou um espectador.

“O “X” acha que *nunca*.”

Perto da parede onde “X” estava afixado, fez-se uma reunião. Serioga Blinov pronunciou um discurso muito vibrante e todos entraram num acordo que uma autonomia incapaz de realizar alguma coisa era inútil e, de uma maneira geral, era melhor prescindir dela. Mas deliberou-se que a discussão ficava adiada para depois da entrega dos trabalhos. Entretanto, ficaríamos calados.

Depois Serioga disse que os *maesc* não estavam à altura da missão e, por conseguinte, era preciso destituí-lo. E que, por um caminho rebelde era mais fácil viver e estudar. Muitos alunos estavam em desacordo. Eu, por exemplo estou convencido por experiência pró-



pria, que Zin-Palna e Nicpetoj cumprem perfeitamente sua missão.

Mais tarde, Nicpetoj e eu falamos enquanto passeávamos de cá para lá na sala de ginástica. Foi Nicpetoj quem veio falar comigo. Perguntou-me porque eu não era mais amigo de Silva. Expliquei que, por causa do caso de Lina, Silva suspeitou de mim, mas que meu erro se limitava a ter frequentado as farras.

— E, ela é muito boa — disse eu, mas muito irritável. E você, o que é que você acha dela?

— É muito severa comigo e com todos, mas se entrega por completo àquilo que quer. Riabtsev, você acha que eu sou feliz? — me perguntou de repente.

— É claro que sim.

— Você é um mau observador, Riabtsev.

— Olhe aqui, Nicolas Petrovich — disse eu — Acho que é infeliz aquele que está só, e que para se esquecer da solidão se entrega à atividade social. Também é infeliz aquele que não tem a quem pedir um conselho.

— E você, Riabtsev? Você é infeliz?

— Ninguém me compreende, Nicolas Petrovich.

Rimos juntos e nos separamos.

Como pode ser que ele seja infeliz quando todos gostam dele? Seriaga é o único que o ataca. Mas Seriaga está contra todos os *maesc* sem exceção.

Abril 26, 1924.

Fui à Proteção e cheguei quando a secretária estava ausente. Para passar o tempo me pus a folhear os papeis da mesa e vi uma tira comprida de papel escrita com uma letra incerta, junto a uma copia a maquina. Lí depressa e fiquei muito impressionada; mas, como não tinha nenhuma com quem falar a respeito, decidi



copiá-la. Bem depressa, claro, com medo que me surpreendessem. Tive tempo de guardar a copia no bolso.

A secretária entrou, logo depois de eu ter posto o papel dentro da pasta, embora esta tivesse ficado aberta. A secretária olhou-me um tanto receosa e perguntou:

— Que é que você estava fazendo?

— Esperando.

— Porque é que a pasta está aberta?

— Estive vendo uns papeis.

— Pediria a você que não se metesse com papeis secretos.

— Se são secretos porque é que estão esparramados em cima da mesa?

Ela ficou ofendida e disse:

— Camarada Riabtsev, você tem ideias estranhas a respeito do trabalho. E, em geral...

— E, em geral?... — respondi. Não tenho nada o que fazer aqui. Comuniquei-lhe o meu plano para a proteção aos desamparados e você riu.

Soltei um par de impertinências e fui me embora.

Em casa relí a cópia. O mais estranho para mim é que os grandes também padecem da tortura sexual e que esta seja castigada pela lei. Amanhã, sem falta, consultarei Nicpetoj, porque é muito doloroso ler tais papeis e não saber quanto de verdade eles contêm. Nos livros nunca ví nada disto.

*Abril 28, 1924.*

Quando estavamos entregando os trabalhos de matemática, Staska Velepolskaya, do quarto grupo, foi suspensa. Ao sair do laboratório parou um momento e caiu na gargalhada. Em torno dela havia meninas que iam entregar o trabalho. No princípio procuraram



tranquilizar Staska, deram-lhe agua, mas depois ficaram contagiadas e começaram a rir e soluçar entrecordadamente. Staska se arrojou ao chão, entre convulsões e as outras imitavam-na. Vieram os *maesc*, impondo calma. Quando conseguiram, Zin-Palna virou-se para Almakfisch:

Histerismo em massa. É preciso tomar providências.

A cena tinha durado cerca de 15 minutos. Depois mostrei a Nicpetoj a cópia furtada. Aconselhou-me a destruir o papel e dedicar-me ao preparo dos trabalhos, mas quando eu insisti, ele me explicou que se tratava de uma aberração sexual; que isso sucede apesar dos Soviets lutarem muito contra isso, organizando a cultura física e elevando o nivel de vida. Suas explicações não se satisfizeram. Era a primeira vez que eu via Nicpetoj perturbado.

*Abril 30, 1924.*

Ontem, depois da entrega dos trabalhos de física, houve outro caso de histeria em massa. Hoje, no "X" apareceu esta nota:

#### "O INSTITUTO DE HISTERIA

"Comunicamos aos nossos leitores que na nossa escola inaugurou-se um novo centro de ensino: o Instituto de Histeria. Quem faz o curso nesse Instituto recebe um diploma de "meninas de bem". As matérias são: bailes, flirt, dança, ataques histéricos de todo gênero, começando pelo guincho do rato e terminando pela gargalhada sardônica. Nesse centro, as meninas que mais se destacaram, foram as seguintes: N. T., S. v., L. d. e C. r.

"O "X" para facilitar o trabalho do instituto, propõe as seguintes medidas:

"1. — Instalação de um tonel de valeriana.

"2. — Instalação de um ídolo na sala de ginástica com a inscrição: *Estátua da Dor*, para que as aspirantes,



sem distrair a atenção das amigas, possam chorar no peito do ídolo, que deverá ser de ferro para que as lágrimas não corroam.

“O “X” crê que estas medidas serão de grande eficácia para regularizar o funcionamento do Instituto Histérico.”

Houve muita gargalhada diante do “X”. As meninas ficaram frenéticas e arrancaram o jornal no nariz de Zin-Palna, que estava começando a ler. Zin-Palna bateu o pé no chão e gritou:

— Aquele que se atreva a violar a liberdade de palavra da escola terá de se haver comigo! Coloquem de volta o papel, já!

As meninas trouxeram umas taxinhas e cravaram o X na parede. Nós, num canto, riamos como loucos.

Soube então de uma cousa. Perto do auditório peguei um papel amassado e li. Com a letra de Zin-Palna, estava escrito assim: “O Instituto Histérico”, e no verso: “A Redação”. Sentí-me burlado.

Acontece que, por alguma razão desconhecida, há assuntos de que apenas eu tenho ciência. E, a medida que o tempo passa, eles vão se acumulando e não tenho mais quem me aconselhe. Não falo com Silva, afastei-me de Serioga. Nicpetoj já é um homem maduro e não me compreenderia... Com quem mais poderia eu falar? Com ninguém.

Restam-me os trabalhos e o “diário”. Agora, este caderno é um íntimo amigo meu, a quem confio absolutamente tudo.

*Maio 10, 1924.*

Bravo! Entreguei a maior parte dos trabalhos. Nicpetoj me felicitou e disse que, de agora em dian-



te, podia considerar-me um membro do quarto grupo. A maioria do nosso grupo entregou tambem, e a negra Zoia e Silva entre eles. Iuchka Gromov está atrasado; não entregou matemática e sociologia desde janeiro, mas diz que são besteiras, e que tanto se lhe dá estar no terceiro ou no quarto grupo. Acrescenta que não quer ficar na escola e sim entrar para a cavalaria. Sua atração pela Cavalaria vem do uniforme com calças vermelhas. Parece mentira: qual a vantagem de ter ou não calças vermelhas?

Maio 15, 1924.

Zin-Palna anunciou hoje que só tomarão parte no curso de verão aqueles que ficarem na cidade. Os que tiverem onde ir passar o verão podem ir. Disse que ele ia se encarregar da direção, renunciando à licença. Os trabalhos serão os seguintes:

1. — Fazer uma pesquisa sobre alguma aldeia das redondezas e constituir uma diretoria de investigações.
2. Tomar parte nas excavações de antiguidades colaborando com os auxiliares do Museu Etnográfico.
3. — Realizar excursões de história natural.
4. — Excursões sociológicas, que consistirão em visitas a museus e antigas casas senhoriais. Os *maesc* dirigirão os trabalhos segundo a especialidade.

O curso de verão começará a funcionar a partir de 1.º de junho, quando se saiba exatamente quem fica na cidade e quem passa para os grupos superiores.

Maio 20, 1924.

Meu sapato se desfez inteiramente jogando futebol, e para não fazer papai gastar, coso todas as noites o



calçado com agulha e linha de sapateiro. O sapateiro me assegurou que vou ter de comprar outro par. Por causa de tudo isso quasi não tenho tempo de escrever.

*Maio 31, 1924.*

Iuchka Gromov tem uma irmã chamada Maria, maior de idade que anda sempre com meninos. Cheira a perfume e tem o nariz muito branco. Iuchka diz que a brancura vem de pós que ela usa, que, realmente, o nariz é azul. Quero verificar isso.

Seu pai é esfolador de gatos. Compra gatos, tira a pele e vende como se fosse de raposa. Papai conhece, mas diz que pele de gato não é prática porque estraga muito depressa.

Essa Maria se desfaz em amabilidades para mim. Ela me chama de "orfãosinho", me dá chá e doces. Iuchka pegou o costume de me chamar "o orfão de Kazan". Isso me mortifica ao mesmo tempo me dá uma sensação agradável de conforto.

O Comsomol interrompeu durante o verão suas atividades no club. Embora eu tenha frequentado pouco o club da fábrica, tenho muita pena que acabe. Além disso, Serioga Blinov vai passar o verão na provincia de Tambov e Zoia vai para a casa de uns parentes em Leningrado.

Às vezes fico pensando que estou completamente só numa terra deserta, que não tem ninguem ao meu redor. Fico então sentindo compaixão de mim mesmo.



## TRIMESTRE DE VERÃO

### CADERNO GERAL

*Junho 3, 1924.*

Zin-Palna esteve nos explicando o programa de verão que teremos de realizar. Começaremos a explorar, em todos os sentidos, a aldeia Golovkino, que fica a cinco-verstas da cidade. Entraremos em contacto com os camponeses, sem jactar-se de que somos habitantes da cidade. Pesquisar-se-á a vida que eles levam, e se dará explicações de temas que lhes interessem. A aldeia será medida em duas dimensões. E, em geral, serviremos de ponte entre a cidade e o campo. Isto, em primeiro lugar.

Segundo: recolher e anotar canções, casos, lendas e crenças populares, embora isto esteja mais relacionado com a vida e costumes. Para termos uma ideia da literatura épica, Zin-Palna leu-nos uns fragmentos da "Cavalgada", poema popular finlandês. Houve um pesquisador de lendas populares chamado Runeberg que percorreu a pé toda a Finlândia e conseguiu juntar uma serie de contos com os quais o poeta Lenrot fez um poema. Foi no seculo passado. Talvez a Runeberg fizessem faltas essas cousas, mas que significação têm



elas para nós? Não consigo entender. A quem poderá interessar esses preconceitos selvagens, tantos duentes e demonios?

Creio que os camponeses também não têm grande fé nessas farsas. Além do mais como fazer um estudo comparativo? Os finlandeses tinham gigantes. Junta-ram-se três para roubar um tesouro, batalhando com todos os espíritos malignos. Que comparação se pode fazer com a nossa Baba-Yaga montada num cabo de vassoura? Todas as nossas bruxas e demonios, são, em geral, terríveis e não têm nenhuma característica de herois. Além disso: os finlandeses dizem que não se deve matar rãs, porque estas, foram, em outras épocas, seres humanos; e que devem ser oferecidos dentes humanos às aranhas. Só consigo ver em tudo isso o produto da ignorância popular e não acho que vale a pena perder tempo. Seria muito melhor eletrificar as aldeias e divulgar nelas a cooperação, modo de propagar o socialismo. Mas Zin-Palna afirma que é preciso anotar isso também, porque essas cousas estão a caminho de desaparecer diante da luz elétrica, e então não será mais possível desenterrá-las.

Acho que ninguém faria tal tentativa. Disse isso a Zin-Palna e ela respondeu que eu não amava o idioma natal, a raiz de toda cultura. Diante disto eu não soube mais o que dizer e tive de tomar notas a respeito de Ukko, o estrondoso, de Peiva — o sol —, e de Tierems, o do martelo, que aniquilava os gênios — que medo, mãe! —. Teremos também de fazer, em colaboração com o Museu Etnográfico excavações de tumbas. Zin-Palna diz que, a umas oito verstas da cidade, há ruínas de uma antiga vila, consistentes de várias tumbas. O Museu acha que ali estão sepultados antigos guerreiros, com armas, cavalos e mulheres. Teremos de desenterrá-los e enviá-los para o Museu.



Vai ser muito divertido, sobretudo quando encontrarmos armas. Alí mesmo, sobre a tumba, faremos uma batalha em regra. Não creio que possamos fazer tudo este verão, porque os *maesc* também nos darão trabalho.

Agora então é que, definitivamente, não tenho com quem falar.

Junho 4, 1924.

Depois da reunião onde se explicou o programa de verão, aconteceu um incidente que me deixou muito impressionado. Ao sair do laboratório ví Volodia Schmerz dar um tapa nas costas de Silva. Ela estava ressentida e eu quis passar indiferente diante deles, quando ouvi Silva gritar seriamente:

— Costia Riabtsev, me ajude!

Quis continuar meu caminho, mas Silva gritou desesperada:

— Vladlen, defenda-me.

Volódia começou a rir com força, parou de lutar e perguntou:

— Que história é essa de Vladlen?

Enfrentei-o e dei-lhe a "ração do soldado vermelho" que o deitou por terra. Depois levantou-se e me agrediu, mas dei-lhe a "explosão da granada de mão"; dei um salto para trás, pois ele cuspiu, me mostrou o punho e foi embora.

Silva me disse:

— Fui injusta com você. Agora eu sei de tudo. Você me desculpa?

Respondí:

— Você sempre soube de tudo. Não tenho nada a perdoar.



— Não, não é verdade. Nicolas Petrovich acabou de me contar. Sejamos amigos de novo.

— Não pode ser — respondi secamente, e fui embora. Acho que ela ficou chorando.

*Junho 7, 1924.*

Fomos pela primeira vez a Golovkino. Os camponeses estavam trabalhando nas hortas. Eu estava encarregado da investigação de costumes. Aproximei-me de uma camponesa que plantava hortaliças e disse:

— Quer que eu ajude?

— Quem é você?

— Viemos fazer uma excursão, viemos da cidade.

— Vocês são alunos ou o que?

— Alunos.

— No povoado vizinho também teve alunos desses que medem a terra, mas acabaram roubando um cesto de roupa da tia Arina.

— Não somos ladrões.

— Quem sabe quem vocês são? É melhor que você vá embora e não atrapalhe.

— Escute: você acredita em demonios?

Aí ela se levantou, limpou a terra das mãos e gritou:

— Pedroooo...! Pedrooooo...!

Por trás de uma moita apareceu um camponês com uma forquilha na mão e veio direito para nós. A camponesa disse:

— Olhe, ele está dizendo que é aluno. Está falando de demonios, não sei porque...

Enfurecí-me e disse:



— Não vim para falar de demonios. Posso falar-lhe da eletrificação, do rádio... e além de tudo, posso ajudá-los nalguma coisa.

— Ah! Então você é um agente de ligação. — respondeu o camponês. Nesse caso não há objeção, se é sério... Mas, olhe aqui, rapaz, é melhor você vir domingo, no domingo nós estamos livres.

Fui embora sem ter conseguido coisa alguma. Andei atrás das casas. Em todas as hortas trabalhavam mulheres e crianças. De repente um cachorro com o pelo todo embaraçado veio ao meu encontro e começou a brincar ao meu redor. Eu, como faço sempre nesses casos, fiz um gesto de pegar uma pedra, mas a manobra não impressionou o cachorro. Ao contrário, atrás dele apareceram outros tantos, atirando-se juntos sobre mim. Ouí dizer que para afugenta-los o melhor é urinar-se neles. Como eram muitos, comecei a dar voltas para urinar de forma a alcançar todos.

— Que é que você está fazendo? — perguntou uma voz trás de mim. Virei a cabeça e ví o camponês já meu conhecido.

Ele afugentou os cachorros e eu continuei a andar. Mas dois passos adiante, tornaram a me rodear e um agarrou as minhas calças. Fiquei irritado, arranquei uma estaca da vala e comecei a dar golpes. Ouí logo, uma voz:

— Deixe esse pau! Deixe! Eles ainda despedaçam você.

Joguei a estaca fora. O camponês me perguntou:

— Mas que é que você está fazendo aqui?

— Vim explorar a aldeia.

— Engraçado — disse o camponês. Vêm... exploram... Porque você está quebrando a vala? E' sua?

Apareceu uma mulher gritando entre os arbustos:



— Sai, diabo! Andam, andam por aqui e depois levam um baú, como da tia Arina... Vanka! Vanka! — gritou frenética — Conte as galinhas! Veja bem as galinhas!

Não sei como conseguí sair daquela aldeia e atingir a estrada. Aos outros aconteceram cousas semelhantes. Dois quasi ficam presos com correntes porque queriam medir o terreno.

*Junho 10, 1924.*

Tenho medo que vá me acontecer a mesma cousa que no inverno, mas agora não tenho culpa. Estou, tambem, mais “conciente” que no inverno. Primeiro, por causa do que aconteceu com Lina, e depois, porque, segundo o papel roubado no escritório da Proteção, algumas cousas destas são castigadas por lei.

O pior é que Nicpetoj foi veranear e Iuchka Gromov não é digno de crédito neste assunto, de modo que não tenho ninguem com quem falar; estou absolutamente só. E’ o seguinte (e a cousa já dura vários dias):

Maria, a irmã de Iuchka resolveu organizar uma função teatral e dar a “A Declaração” de Tchecov, onde eu sou o noivo e ela a noiva. A obra não é moderna e é mesmo um tanto absurda, mas aceitei porque quero me certificar se sirvo para ator. Segundo o papel, tenho de beijar Maria. No ensaio, eu a abracei e beijei, mas ela exclamou:

— Ora! Você molhou toda a minha cara de saliva. Você não sabe beijar?

Todos — umas cinco pessoas — começaram a rir, e Iuchka gritou:

— Eh! está todo vermelho!...



Fiquei furioso e não queria mais fazer o papel. Vim para casa. Todos me rodearam e me rogaram que ficasse. Iuchka levou-me para um canto e disse:

— Mas você é tão bobinho! não está vendo que Maria quer conquistar você?

Não compreendi bem, mas então Maria veio ter conosco, empurrou Iuchka e me disse:

— Você é um bobo! Não é nenhuma desgraça não saber beijar. Eu ensino, quer? Quer? Venha esta noite ao jardim.

Eles têm um jardinsinho atrás da casa. Fiquei pensando... Tanto faz. Eu tinha tempo de sobra.

Fui de noite ao jardim dos Gromov. Ela estava me esperando com uma roupa transparente e de saia curta. Ela se apertou contra mim e disse:

— Olhe, primeiro, aperte os lábios e me beije nas faces.

Mas em vez da face beijei o nariz. Ela sussurrou:

— Bobo! não é aí!

Ensinou-me a beijar na boca, mas isso não era muito agradável, porque cheirava o tabaco e perfume. Ela fuma cigarros, um atrás do outro. Depois, me levou para um canto, me fez sentar num banco e se sentou no meu colo.

Mas aí, eu senti um cheiro forte de cachorro e disse:

— Onde é que estamos metidos? que cheiro!

Ela me abraçou e me sussurrou ao ouvido:

— Não é nada. São as peles de gato que meu pai pendura aqui.

Como é que eu ia não fazer caso, quando me parecia estar numa cloaca ou alguma coisa pior? Tive muito trabalho em tira-la do meu colo e fui embora, mas ela nem sequer ficou ofendida.



Desde então, tenho estado com ela várias vezes e sempre nos beijamos, como criancinhas. Não é muito agradável.

E isso não teria interesse se depois de cada encontro não viesse aquela sensação pim, pam! zas, traz! Isso me faz sofrer muito, ainda mais quando me lembro do papel da Proteção.

*Junho 15, 1924.*

Alioja Chikin mora na casa de Zin-Palna e mudou por completo. É muito compreensível que durante sua estada com os desamparados ele tenha se atrasado. Agora, ele vai ter de ficar mais um ano no terceiro grupo. Está magro, pálido e quasi nunca fala.

Zin-Palna conseguiu para a mãe de Alioja uma subvenção do Commissariado de Economia. A velha veio agradecer e quis ajoelhar-se, mas Zin-Palna indignou-se com aquilo. Tentei falar com Alioja, mas ele se recusa.

*Junho 20, 1924.*

Anteontem fizemos uma excursão com Elnikitka. Era de história natural mas acabamos falando tambem de sociologia, e Elnikitka não entende nada desta matéria.

Surgiu um incidente:

Era quasi todo o terceiro grupo — agora já é quarto — e alguns meninos do segundo. No caminho houve várias cenas de amor; por exemplo: Volodia Schmerz ficou todo tempo com Ninka Fradkina na plataforma do carro. Os rapazes, de proposito, passavam, um por um na frente deles, para ir ao tocador. Naturalmente,



Volodia ficou enfurecido, mas ele merecia; corteja todas as meninas, cada uma por sua vez, e se derrete em salamaleques como Harry Lloyd. Ninka ficava ofegante quando nos via e isso muito nos divertia. Elnikitka mandou que cantássemos em coro: “Chega depressa, anoitecer sereno!...” Começamos essa estúpida canção. O revisor apareceu, nos olhou com receio e disse:

— Pensei que os freios tivessem partido!

Em geral, a viagem foi muito divertida.

Quando chegamos a Solnechnoye, Elnikitka foi explicar história natural para as meninas, e nós nos pusemos a jogar futebol. Até que os meninos caçaram uma minhoca. Todos sabem que ela não morde, mas com tudo, surgiu um incidente; levaram-na para Elnikitka e perguntaram:

— Elena Nikiticha, que serpente é esta?

— É uma cobrinha da família das jiboias.

— Morde?

— Não. Sua boca é inofensiva.

Então Iuchka Gromov, que a tinha na mão, aproximou-se de Elnikitka e disse:

— Segure com a mão!

— Para que?

— Para nos demonstrar que não morde.

E quis po-la na sua mão. A minhoca se retorcia como se tivesse sido atravessada por alguma coisa. Elnikitka deu um grito e as meninas outro:

— Tire depressa! — gritou Elnikitka—. Não a deixe perto de mim!

Iuchka jogou a minhoca, não no chão, mas na cabeça de Elnikitka. Ela soltou um berro, como uma louca e nós nos pusemos a correr.



Vai se queixar de nós na reunião geral... Que se queixe! Sempre está se queixando de alguma coisa e já nem dão importância a ela. Não se pode fazer nada engraçado na frente dela e as meninas ficam tão sérias que não é possível aproximar-se delas com Elnikitka perto.

Fomos depois a uma fazenda. O curral está ocupado pelo soviet da Economia. A casa principal e os barracões estão intactos e declarados Museu Público. Toda especie de excursionista vai visitá-lo para ver como viviam antigamente os senhores, os proprietários e os burgueses.

Nós também quisemos ver.

— Posto que a excursão é de história natural, não podemos nos desviar. Vamos ao curral e ali explicarei tudo o que interesse.

Que interesse podíamos nós ter em vacas e touros? Se nós fossemos criadores, pode ser. Por isso, os meninos disseram:

— Nós não vamos ao curral.

Estavamos discutindo, quando saiu um homem vestido de marron, não muito velho, moreno. Elnikitka perguntou:

— É o senhor o encarregado?

— Sou — disse ele.. Sou o diretor.

Tinha uma voz rouca, como a de um gramofone quebrado e parecia que estava gargarejando agua.

— Então será que poderá nos explicar tudo? — perguntou Elnikitka.

— Sim senhora — respondeu ele.

— Bom, meninos, nesse caso, vamos — disse Elnikitka, desgostosa. Aparentemente ela não queria entrar porque tinha medo de não poder explicar tudo o que quisessemos.



O encarregado nos levou pelos aposentos.

— Aquí comia sua excelência, o proprietário, senhor Urosov. Aquí, S. Excia. tomava chá. Aquí, S. Excia. descansava. E aquí...

Elnikitka não pode conter-se.

— Porque tanta excelência? Estes são meninos soviéticos — nós meninos! — que não conhecem todos esses títulos. Fale com mais simplicidade, camarada encarregado.

— Porque não? — disse ele e soltou um soluço — é que há uma ordem no sentido de não alterar o... ambiente. Vejam estas paredes pintadas a fresco. E os anjos que voam. São cupidos. Esta mesa é de cristal. É proibido tocar nela.

Deu um novo soluço:

— Mas que diabo! É a cebola. Já volto. Esperem aquí.

E saiu.

— Que encarregado idiota — disse Elnikitka.

— Seria melhor que a senhora mesmo nos explicasse as cousas, disse eu.

— Você, Riabtsev, sempre se mete onde não é chamado.

O encarregado voltou, continuou explicando e eu reparei que ele não cheirava cebola, mas outra coisa.

— Que é aquilo ali, no teto? — perguntaram meus colegas.

— É a deusa Venus, e ao seu redor, Vulcano passeia na sua carruagem. É pastor porque tem um chicote. Esse quadro é de uma celebridade da Africa.

— Como se chama esse pintor?

— Esqueci. A gente também não pode se lembrar de tudo.

“Hip”; o som vinha atrás do grupo; tinha sido Iuchka Gromov.



O encarregado se sentou num banquinho, fechou os olhos e nos disse:

— Meus filhos, e você, professora de pedagogia vermelha, minha vista está um tanto turva. Mas não tem importância. Já vou. Foi a cebola que me fez mal.

Efetivamente se levantou e nós o seguimos. Levou-nos para um salão enorme, com sacadas à volta da parede. No centro havia um lustre notável e as janelas eram quasi como um campo de futebol.

— Aquí, sua excelência, o senhor Urusov rasgou a garganta.

— Porque foi que ele se matou? — perguntaram.

— Porque viu o fantasma.

— Que fantasma?

— “A Dama Branca”! — disse o encarregado com voz soturna. Essa “Dama” era tão delicada, tão corajosa, que o senhor Urusov não pode resistir.

— Senhor encarregado — disse Elnikitka. Suponho que você compreende o absurdo de tudo isso. Agora mesmo explicarei às crianças a falsidade desses fantasmas!

— “Hip!” — respondeu o encarregado. Maldita cebola! Que culpa tenho eu se me deram ordem de contar tudo tal qual aconteceu? Eu não estava presente, não podem exigir nada de mim. Mas o que eu vi mesmo, foi a aldeia inteirinha ardendo.

Apoiou-se na parede.

— Que aldeia — quis saber Elnikitka, visivelmente aborrecida.

— Espirsija. Se você, camarada, não está gostando das minhas explicações, porque é que não explica sozinho?



— Ele tem toda razão! Explique você — pediram alguns, de brincadeira, naturalmente.

— Não! Deixe o encarregado — gritaram outros.

— Vamos por em votação! gritei. Os que quisessem que Elena Nikiticha explique, levantem a mão.

A maioria levantou. Elnikitka ficou fera.

— Não explico coisa alguma. Vamos embora já.

— Porque? — fez o encarregado. É muito mais divertido estar com vocês. Venham à festa de Pokrov; minha mulher faz empadas com... carne.

Mas Elnikitka não se acalmava e ordenou que fôssemos com ela à estação. Quando chegamos à porta do Museu, começou a chover a cântaros e tínhamos de percorrer três verstas até a estação.

— Que faremos? Temos de esperar — disse Elnikitka.

Olhei pela porta e ví como o ceu estava carregado. O guardião do museu disse:

— Não vão. Depois vão ficar molhados até os ossos. Fiquem, passem a noite aqui. Nós traremos feno para os aposentos. Trarei quanto leite eu quiser do Soviet de Economia.

— Poderíamos conseguir pão? — perguntou Elnikitka indecisa.

— Dez, se quiserem — respondeu o encarregado. Eu, minha cara professora posso, se quiser, organizar um banquete. Vocês querem?

— Não estou compreendendo — disse com raiva Elnikitka. Mas em vista da chuva e como as crianças podem se resfriar, não há outro remédio; passaremos a noite aqui. Queira dizer às crianças onde é que eles poderão recolher o feno, e traga o leite e o pão. Pagaremos tudo.

Enquanto o encarregado trazia o pão e o leite, Elnikitka nos disse:



— Esse homem é muito estranho e sua cabeça não está funcionando bem. Não quero que vocês entrem com ele em nenhum gênero de conversação ou intimidade. Vocês iriam imediatamente travar relações com ele, mas eu não o permito.

E dizer que ela se permite proibir-nos de fazer alguma coisa! Se ela não tivesse dito isso, não aconteceria nada, mas depois dessas, resolvemos pregar um susto nela e nas meninas.

A chuva continuava e não podíamos correr pelo jardim. Assim, tivemos de brincar na própria sala. Escureceu, e como não havia luz, tivemos de nos deitar. Elnikitka, numa habitação e nós em outra. As meninas estavam com Elnikitka. Houve conversas e alvoroços sem fim de maneira que Elnikitka teve de nos repreender várias vezes. Quando todos se calaram, Iuchka Gromov cochichou:

— Agora!

Tínhamos ficado com a toalha onde tinham vindo embrulhados os víveres trazidos da cidade. Iuchka enrolou-se nela e fomos, nas pontas dos pés para a sala para acabar de combinar e ensaiar um pouco. Apenas entramos vimos no outro extremo uma luzinha apenas perceptível. Foi tão inesperado que sentí um ligeiro mal-estar. Iuchka me agarrou a mão:

— Espere Costia! Que é aquilo?

— O encarregado, com certeza.

— Ah! que susto! Vamos ver o que ele está fazendo.

Fomos chegando silenciosamente e vimos que a luz brotava de uma portinha debaixo da galeria. A princípio tivemos um certo medo. A porta estava aberta e podíamos ver o interior. Espiei e ví:

Sobre a mesa um fogareiro e no fogareiro uma chaleira cujo fundo estava ajustado a um tubo grande; de-



pois, uma bacia e sob esta uma garrafa. A maquinasi-  
nha estava acesa e perto dela, num banco, estava o  
encarregado.

— Está distilando — murmurou Iuchka. Eu sei.  
Minha tia faz assim tambem. Olhe. A garrafa está  
já cheia pela metade.

Dei um passo para ver melhor, a porta rangeu, o  
encarregado estremeceu e abriu os olhos. Soltou um  
palavrão, dos mais obscenos, se inclinou sobre a garrafa,  
empurrou a bacia e tornou a se sentar.

— Vou soltar esse diabo de trapo — disse Iuchka  
— não posso mais.

Eu tambem estava quasi rebentando de rir, até o  
ponto de ter de tampar a boca e o nariz. De repen-  
te Iuchka estalou. O encarregado se levantou num pulo  
e veio até a porta. Nós nos apertamos contra a parede,  
ele abriu a porta de par em par e ficou olhando  
a sala.

— Espionando outra vez! — resmungou o encar-  
regado. Bom, bom! Eu ainda te pegarei e puxarei  
as tranças.

Senti uma vaga inquietação. A quem estava ele  
se dirigindo? Iuchka me cotucou. Mas eu não estava  
mais disposto a rir. O encarregado voltou as costas,  
inclinou-se, pegou a garrafa e ía beber, quando Iuchka  
deu uma gargalhada tão estrepitosa que retumbou por  
toda a sala.

— Quem é? — gritou o encarregado e se precipi-  
tou para a sala. Olhou em nossa direção, deu um gri-  
to estridente e começou a correr para os quartos ocupa-  
dos pelos excursionistas.

Iuchka tirou a toalha e saímos tambem correndo.  
para a galeria. Escondemo-nos atrás de uma sacada  
e continuamos a olhar. Nas habitações em que os nos-  
sos dormiam se armou uma confusão medonha. Quem



gritava mais era Elnikitka. Vimos o encarregado entrar correndo na sala — tinha parado de chover, e tudo podia ser visto à luz da lua —; atrás dele, os meninos. Por fim vinha Elnikitka, envolta no casaco.

— Por alí Foi por alí! — disse o encarregado apontando na nossa direção. Ela estava lá. Alta, grande, tocando quasi o teto.

— Mas quem é ela? — quiseram saber os meninos.

— A “Dama Branca”.

— Você a viu claramente? — perguntou Voledia Schmerz (reconheci pela voz) —. Talvez tenha sonhado.

— Sonhar! Ví, como estou vendo você. — respondeu ele. Mas agora já não está mais; deve estar em outras habitações.

— Já que ela não está, vamos dormir — disse Elnikitka com voz sonolenta. E se voltar o senhor pode bancar o guarda e nos deixar em paz.

— Perdão, professora... Diante de cousas como estas a gente precisa despertar nem que seja o próprio pai!

Depois, os meninos e Elnikitka foram embora e o encarregado, lampada em punho, examinou os cantos e voltou para o quarto.

Permanecemos ainda uns dez minutos na galeria e depois descemos, muito cautelosamente para a sala. Na metade da escada, mais ou menos, vimos, vindo de outra porta — abaixo da galeria, mais à direita — avançar uma sombra. Por pouco eu gritei, mas Iuchka me apertou a mão:

— Quem será? — sussurrou numa voz trêmula reveladora do medo que estava sentindo.

A sombra deslisou pela parede, foi até o centro e avançou para nós. Parecia que meu coração ia parar de susto! A sombra avançava tão silenciosamente!



Mas, em lugar de subir as escadas, dirigiu-se ao quartinho do encarregado. Ouvimos um estrépito, um rugido, golpes e a sombra saiu do quarto para a sala.

— Cachaceiro! — gritava a sombra. Então você se esconde para distilar? E ainda me bate! Espere, que eu conto tudo ao encarregado quando ele aparecer. Onde já se viu coisa assim? Meter-se na dispensa, distilar e embebedar-se!

— Cala a boca, diaba! — rugiu o encarregado, segurando a sombra pelo pescoço. Tem aí uns excursionistas dormindo. Você vai acordá-los e depois eu fico com a responsabilidade. Cala a boca, senão eu arranco essas tranças! Palavra que arranco.

Descemos as escadas e corremos a largos passos para o nosso dormitório. A sombra calou-se.

— Está vendo! — os meninos saíram um pouco e ouviram tudo. Você está me matando, bruxa odiosa!

Caimos no feno, rindo como loucos, até que Elnikitka abriu a porta do quarto dos meninos e disse com um tom solene:

— Naturalmente só podia ser Riabtsev. Mas pode ficar sossegado que isto eu não perdôo. É' uma infâmia inominável!

— Pelo que me importo! — respondi, mas a vontade de rir tinha passado.

De manhã, um homem de óculos azues veio nos acordar e perguntar que tal tínhamos passado a noite. Era o verdadeiro encarregado que acabara de chegar da cidade. O primeiro não era mais que um guarda, e por isso dera aquelas explicações absurdas. O verdadeiro encarregado disse que o guarda tinha servido na casa do proprietário Urusov. Parece que vai ter de ser despedido: não foi a primeira vez que se fingiu do verdadeiro encarregado.



Na volta rimos muito de Elnikitka por ter tomado um guarda bêbado pelo encarregado e ter escutado a sério um colosso de explicações absurdas. Se é especialista em história natural, porque há de se meter em sociologia?

*Julho 6, 1924.*

Embora Zin-Palna esteja com uma aparência abatida e preocupada — será que ela está doente? — fomos ontem de novo a Golovkino. Essa excursão poderia ter tido um final bem triste se a serenidade de espírito de Zin-Palna não nos tivesse ajudado. Antes da partida, fui ao alvéolo da fábrica, e, embora não encontrasse o secretário, consegui uma ordem ao Comsomol de Golovkino, afim de que este nos auxiliasse na investigação da vida e costumes populares.

Era domingo, e a aldeia estava em festa. Muitos já estavam tocados desde de manhã, e, por desgraça, os membros do Comsomol tinham ido a uma reunião do Comitê Revolucionário, a umas vinte e cinco verstas. Eis o que aconteceu:

Zin-Palna procurou o presidente e pediu auxílio para nossos trabalhos de pesquisas. O presidente não veio pessoalmente e enviou conosco seu filho, um menino de quinze anos. Começamos a medir o terreno, desenrolamos a fita, e fomos logo rodeados por mulheres, moças, rapazes e crianças que ficavam olhando o que fazíamos. Decidi aproveitar a ocasião e, enquanto os outros mediam, comecei a indagar a respeito dos costumes. Aproximei-me das jovens e comecei a conversar. Pedí-lhes que cantassem alguma coisa, mas elas riam, se escondiam atrás das outras dizendo que não conheciam nada.

— E qual de vocês já viu um genio? — perguntei.



— O genio está aqui — disse uma, apontando-me com o dedo.

Um rapazinho aproximou-se de mim dizendo:

— Não se meta com nossas moças. Você veio para isso?

Tirei a ordem e mostrei. Ele a olhou e disse:

— Ela não nos está dirigida. Se você é do Comsomol, vá com o Comsomol e deixe nossas moças em paz.

Discuti com ele, mas observei que estavam me empurrando e que os nossos estavam apreensivos.

Mediam por trás das casas, onde havia as hortas, e os rapazes da aldeia que rodeavam os alunos, penetraram numa horta, colheram verduras e depois acusaram os nossos de furto. Uma mulher veio gritando, xingando Zin-Palna e ameaçando-a com os punhos.

— Você tem de vigiá-los: para isso que é professora.

Zin-Palna respondeu secamente:

— Não posso responder pelos meninos da aldeia. Quanto aos alunos estão todos aqui comigo.

— Mas eu os vi. Olhe! Foi este quem roubou.

— E se meteu com as moças! — vociferaram os moços.

Zin-Palna então, gritou com sua voz de baixo, estrondosa, deixando-me atônito porque nunca pensei que ela pudesse gritar assim:

— Como é que você se atreve, Riabtsev? Como é que se atreve a meter-se com moças?

O alvoroço cessou, como que por encanto e eu tirei a ordem que apresentei a Zin-Palna.

— Bom, e daí? — perguntou.

— Desde que estou investigando costumes, tenho ou não o direito de pedir que cantem uma canção.

Aproximou-se então um rapagão muito fornido de carnes, que estava examinando-nos em silêncio e disse:



— Fora daqui! Vocês não têm nada a fazer na nossa aldeia.

E as moças de longe:

— Boa viagem! — gritavam rindo.

Um bêbado se aproximou vociferando:

— Conheço esses diabos. Vêm por causa do imposto! São agri... men... so... res. Ao diabo com eles!

— Põe fora a ponta-pés! Ou com estacas! — gritavam de todos os lados.

A camponesa roubada lançou-se sobre Zin-Palna, mas Alioja Chikin agarrou-a pela mão e a impediu de agredir.

— Hei! Camponeses! Venham! — vociferou a mulher e um moço segurou Alioja pelo ombro.

— Um momento! — gritou Zin-Palna com a mesma voz estrondosa, enquanto seu único dente amarelo brilhava. Deixem-me explicar!

Fez-se silêncio.

— Vocês querem nos espancar sem ao menos saber porque estamos aqui. Queremos apenas o seu bem. Queremos ser seus amigos na cidade e para isso, precisamos ter um plano da aldeia.

— E depois? — perguntaram das últimas filas.

— Em primeiro lugar, vocês terão uma mão protetora na cidade; segundo, saberão a quem se dirigir; terceiro, ajuda-lo-emos em tudo; quarto, mandaremos jornais; quinto, conseguiremos empréstimos de sementes... Numa palavra, seremos bons amigos.

— Mas porque é que não disse isso antes, camarada? — perguntou o rapaz fornido de carnes.

— Ninguém perguntou — respondeu Zin-Palna. Além disso, dirigí-me ao presidente e ele nem sequer quis falar conosco.



— Sim, sim! E' isso mesmo — gritou alegremente o bêbado —. Com ele é preciso cuidado: "Sou uma autoridade soviética!"

— Bom, continuou, Zin-Palna. Vamos embora. Agora tanto faz, o trabalho ficou perdido. Até a vista. Venham à nossa escola. Deixaremos as senhas. Viremos outro dia. Vamos.

— E o meu roubo? — perguntou a camponesa.

— Ao diabo com ele! — replicou o bêbado. Como se fizesse falta. Não viu que são sábios? E quem é você? E' preciso ver a diferença.

Os moços foram conosco uma boa parte do caminho gritando:

— Amigos! Amigos!

Ao chegarmos na escola, Zin-Palna disse:

— Camaradas: o prometido é devido!

— Sim, sim! Nós cumprimos! — gritaram todos.

*Julho 10, 1924.*

Estou convencido agora, que Dalton tem uma certa razão de ser. E' verdade: é muito bom inteirar-se pessoalmente de tudo e desconfiar do que os outros dizem, porque sempre fica-se muito longe da realidade.

Foi ontem a função teatral na casa dos Gromov. Representamos "A Declaração". Depois do espetáculo, Gromov, pai, convidou todos para ceiar. Durante a ceia todos tomaram vinho e eu também. Quando acabou, todos ficaram ali ainda muito tempo e logo Maria me levou para o terraço, muito escuro. Batí contra a porta e fiquei com um galo na testa, mas não disse nada. Talvez eu estivesse meio tocado já. Maria me levou até a dispensa...

Quando tudo terminou senti de repente um cheiro forte de podridão, que provocava náuseas.



— Que nojo! — disse. Que é isso?

— Meu pai guarda aqui as peles. Não faça caso — sussurrou Maria, e não fale tão alto.

Mas não pude resistir mais e fui para casa. No caminho tive tonturas, sentia o coração palpitante e fiquei muito mal. Não gostaria que Silva soubesse dessa ventura. Vai ser difícil ela saber. Iuchka quasi não fala. E ela anda agora quasi sempre com Schmerz. Que será que viu nele? O mais estranho é que Silva não vê que ele corteja todas as meninas e que ela é uma entre tantas. Deve ser mortificante para o orgulho feminino, ainda mais tratando-se de Silva. Porque ela é muito orgulhosa, talvez a mais orgulhosa de todas as nossas meninas.

*Julho 13, 1924.*

Fui hoje a Golovkino e, por precaução, levei comigo Vanka Petujov, que está de férias. Falamos no caminho acerca do problema sexual. Repetí-lhe o conteúdo do papel que eu achara na Proteção e perguntei a opinião dele sobre aquilo.

— E' possível, disse, que ainda haja alguns que façam essas infâmias, herança do antigo regimen. Agora, não é preciso apelar para isso..., porque se pode fazer tudo de um modo simples e normal.

Disse-lhe que eu não compreendia alguns dos termos do papel, mas acreditava que essa "simplicidade" também devia ser repugnante e, sobretudo depois.

— Não sei. Talvez seja por falta de costume — disse Vanka. Depende, também, de com quem se faz.

— Pois... por exemplo... Se é com uma mulher de mais idade que eu...

— Ah. São repugnantes — respondeu Vanka — e nunca se sabe o que querem.



Falando de assunto tão palpitante, chegamos sem perceber a Golovkino. As moças estavam no campo — era sabado e anoitecia. Dansavam de uma maneira divertida: faziam uma corrente e davam muitas voltas. Em redor estavam os moços. Uns traziam o acordeon e outros apenas olhavam.

— A gente pode ficar olhando? — perguntou Vanka.

— Têm tabaco? — perguntaram os moços.

— Como não?

Fumamos. Os moços:

— Podem olhar quanto quiserem.

Depois, todos se aproximaram de nós, olhando-nos atentamente. Fiquei um pouco envergonhado.

— Meu amigo sabe contar histórias — disse Vanka.

Deu um cotucão para que ele ficasse quieto, mas as moças me cercaram.

— Conte, camarada. Conte uma bem interessante.

— Mas eu não sei contar! Não é verdade.

Vanka olhou-me com seriedade e disse:

— Nunca mentí na minha vida.

Pensei um pouco e respondi:

— Há um país chamado Finlândia onde existem muitos lagos e pedras que em outras eras era habitado por gigantes...

E continuei narrando o poema Kalevala. A maioria se sentou à minha volta, escutando. Naturalmente, tirei todos os nomes estranhos, como Veyemeinen e outros; mas contei as lendas e tradições populares, como por exemplo, a proibição de matar rãs. Apenas disse que, segundo os finlandeses, as rãs tinham sido em outras eras seres humanos, uma moça exclamou assustada:

— Senhor! E nós, que as enterramos no formigueiro.



— E porque? — perguntei.

— Para fazer enfeites com o osso — gritaram rindo os moços. Amiutka, quem foi que você quis conquistar?

Depois cantamos e dansamos todos juntos — embora eu nunca tivesse feito isso na minha vida. Ali, com eles, achei muito divertido. Na volta, Vanka me disse:

— Se tivéssemos querido, poderíamos ter ficado e nos divertir com elas a noite toda. Qual foi a que você gostou mais?

Mas eu não quis falar disso. Vanka tem, para esses assuntos, uma simplicidade absolutamente canina.

*Julho 18, 1924.*

Hoje papai me perguntou:

— Escute, Costia, é verdade que a administradora da escola fica com a subvenção da mãe de Chikin?

— Tá louco? — respondi assombrado.

— E porque não havia de fazê-lo? Ela mantém o menino e deve cobrar os gastos.

— Mas seria uma farsa, papai! Não. Seria arrancar o sustento de uma pobre velha. E depois, quanto será que lhe dão?

— Dizem que uns vinte rublos e uns quebrados.

— Pode cuspir na cara de quem disse semelhante cousa.

*Julho 30, 1924.*

Accitando a proposta do Museu Etnográfico, fomos ontem de madrugada a um ponto convencionado, perto da aldeia Petuchkovo. Quando chegamos, os auxiliares do Museu já estavam cavando; houve uma pausa, tomamos alguma cousa e começamos a cavar. O tempo transcorria lento, o calor apertava, tiramos as blusas.



Uma hora depois a pá de Iuchka bateu contra um objeto metálico. Saiu da terra um redondel negro. O auxiliar mais velho examinou o objeto e disse:

— E' um botão.

Ficamos com vontade de parar de cavar, quando começamos a encontrar ossos. Eu também encontrei um, e o auxiliar me disse que era uma tibia de cavalo. Reunimos um consideravel montão de ossos, quando de repente apareceram uns rapazes que nos perguntaram:

— Têm licença para a escavação?

— Claro, responderam os auxiliares.

Mostraram a licença, mas os camponeses insistiram:

— Não podemos deixar vocês continuarem, porque vocês se propõem extrair terra e o terreno é nosso, pertence à aldeia de Petuchkovo. O direito de cavar aqui caducou.

Discutiram longamente, se insultaram até que enfim eles ameaçaram de juntar todos os vizinhos de Petuchkovo para mandar-nos para fora. Um dos auxiliares declarou então:

— Vamos cavar todos juntos. Somos dezessete e temos pás. Daremos também umas a vocês. E daremos também o ouro e outras cousas que encontrarmos. Se vocês ainda assim não estão de acordo, então chamem a aldeia inteira.

Houve uma conferência entre eles, mas, aparentemente, não lhes agradava repartir o ouro entre todos. Pegaram, por fim, as pás, e começaram a cavar. Mas notei que eles cavavam sempre se afastando da gente. Os auxiliares advertiram-nos mas eles não obedeceram. Só se encontrava ossos e mais ossos.

— E' estranho — disse um auxiliar — nunca se encontrou numa tumba tantos ossos de animais.



Os rapazes cavaram uma meia hora. Depois desistiram e foram embora. Um deles ainda perguntou:

— Para que querem vocês tantos ossos?

— Eles nos interessam — respondeu-se-lhes, porque por meio deles pode-se saber a época em que se construiu a tumba e muitas outras cousas.

— Então vão lá, naquele vale — disse o moço — Aqui só há cavalos e lá há também vacas enterradas.

— Que cavalos? — perguntaram os auxiliares.

— Há uns dez anos houve uma epidemia de animais. Enterraram os cadáveres aqui e no vale. Mas no vale tem mais.

Tivemos que nos mudar para outra tumba. E por mais que cavássemos só encontramos uma moeda do tzar.

Os auxiliares diziam que era um erro do plano, um equívoco no assentamento da situação das tumbas. Acho que seria melhor, antes de dar início às escavações, começar por pedir informações aos camponeses.

Julho 22, 1924.

A escola está cada vez mais animada. Cada vez temos mais alunos. Serioga Blinov também voltou. Tive com ele um diálogo violento.

— Decidi, definitivamente — disse Serioga — provocar uma revolução na escola. Todos sabemos que os *maesc* não correspondem às expectativas. Temos falta de um espírito são, cheio de vida, e não essas cousas que nos alimentam.

— Não sei — respondi — mas creio que isso é contra o que disse Lenine. O que é preciso é estudar e entrar quanto antes nas escolas superiores.

— Ouí dizer que você se filiou ao partido dos meninos-modelos.

Fiquei muito irritado e acabamos por brigar.



Meu pai falou de novo a respeito de Zin-Palna.

— A sapateira Chikina contou aos vizinhos que não recebe a subvenção,

— Talvez seja algum desconto, uma porcentagem.

— Não, replicou meu pai. Ela disse que uma parte vai para a administradora que está encarregada de manter Alioja. E que se ela tivesse a subvenção inteira ela também seria capaz de vestir, calçar e dar comida a Alioja.

— Mas isso é uma farsa, papai. Já disse e torno a repetir. Zin-Palna não receberia um *Kopek* da subvenção.

— Pode ser, mas ela terá de provar. A mulher ameaça de levar o caso ao tribunal.

— Que estupidez!

Julho 25, 1924.

Chegou o inspetor e sua chegada teve o efeito de uma bomba. Estamos nos fins de julho e já há mais de metade dos alunos. Hoje, precisamente, estávamos com a ideia de fazer uma excursão ao bosque; mas, em vez disso, houve uma reunião geral com o inspetor. Este, em primeiro lugar, anunciou uma inspeção geral na escola, na qual devia tomar parte um delegado dos *maesc* e outro dos alunos. Houve grande gritaria, mas por fim foi eleito Serioga Blinov. Os *maesc* elegeram Elnikitka.

Correu um boato entre os meninos — não compreendendo a origem — de que havia uma denuncia contra a nossa escola, dizendo que nossa escola é de tendências burguesas e que os *maesc* não são à altura de seus deveres. Fiquei indignado, mas uma parte dos alunos começou a murmurar entre si, e entre eles Grichka Blinov, irmão menor de Serioga. Depois, mandei que um dos meus se aproximasse do grupo que cochichava e cinco



minutos mais tarde eu soube que, caso façam algumas perguntas a eles, pretendem acusar os *maesc*, acusando-os de portar-se como na escola de outros tempos. Falei, em voz alta, contra um tal injustiça, mas a maioria permaneceu na expectativa, sem pender para o lado deles nem para o meu.

Grichka Blinov foi suspenso em sociologia, matemática e russo; por isso vai ficar mais um ano no segundo grupo.

A Comissão revisora foi conferenciar na sala dos professores. Naturalmente, ninguém nos disse nada, e Seriaga Blinov está inchadíssimo. O partido dele recebeu novas adesões. O meu conta com os mesmos aderentes de antes. Ao passar pelo auditório espiei para dentro e vi Silva e Volodia Schmerz, sozinhos lá dentro. Quis perguntar-lhes qual a opinião deles, mas deixei-os em paz. Enquanto me afastava fui me lembrando de Silva, meu apoio, minha companheira fiel em todas as situações difíceis. Agora eu não tinha ninguém com quem contar. Fiquei aborrecido e aquilo me doeu, porque nunca fui culpado diante de Silva, nem o sou agora. Passeio longamente no patio da escola. Depois fui para casa. Mas meu estado de espírito continuava o mesmo.

Que é que ela vê nele?

Julho 28, 1924.

Escrevi uns versos embora seja muito pau fazê-los:

*Tuas palavras profundas ainda ressoam em mim,  
Ainda vibra em mim teu elétrico contato  
Em meio da confusão da escola.  
Hoje, tua voz é para outro... Que fazer?  
Minhalma perto de tí, está cheia...  
Longe, fica vazia, completamente vazia.*

Serão bons estes versos?



Julho 29, 1924.

O inspetor chamou alguns meninos e interrogou-os a respeito dos relatórios fornecidos pelos *maesc*. Os *maesc* têm estado muito nervosos, estes últimos dias. Nicpetoj começou a interrogar-me, mas não pude responder porque minha cabeça estava muito longe.

— Mas é incrível! — exclamou Nicpetoj — que o inspetor proceda dessa maneira. Antes de mais nada deveria, reunir o Conselho da Escola.

Depois de tal conversa, o inspetor me chamou. Entrei na sala onde, além do inspetor estavam Elnikitka, extremamente pálida e Serioga Blinov de olhos baixos.

— Bom, companheiro Riabtsev — disse o inspetor — conte tudo o que sabe a respeito das relações da encarregada com alunos.

— Camarada: responderei no Conselho da Escola.

— Tenho plenos poderes.

— Pois apresente-os ao Conselho.

E fui embora.

Procurei depois Zoia e disse:

— Você se lembra do que me disse na primavera?

— Sim — respondeu assombrada.

— Então posso confiar plenamente em você. Leia estes versos. Não se trata de você... Que é que você acha deles?

— Sei perfeitamente que não se trata de mim — disse Zoia lentamente, e começou a ler os versos. Demorou muito. Pensava, aparentemente, em cada palavra.

Eu tinha interesse em conhecer a opinião dela, mas ela continuava em silêncio. Por fim, perguntei:

— Que é isso? Você quer decorá-los?

Vi então que chorava. E disse bruscamente:



— Você não tem direito de me mostrar estes versos, se são dedicados a outra...

Tirei o papel de suas mãos e fui embora. E entenda-se as mulheres!

Na sala de ginástica dei de cara com Silva e Volodia Schmerz. Passei por eles e disse sobre o ombro:

— Os inocentes pagam pelos culpados!

— Não se meta comigo, Riabtsev que eu não me tenho metido com você.

— Mas eu tenho vontade — respondi, continuando a andar.

Silva ficou me olhando perplexa.

Julho 30, 1924.

A Comissão Revisora continua a agir e dizem que os *maesc* mandaram um protesto ao Comitê Central. Parece que está havendo aí uma provocação. Falei com alguns meninos e decidimos tomar providências.

Aconteceu o seguinte: fui à casa dos Gronov e encontrei Maria sòzinha. Ao me abraçar disse que eu era um bandido por ter demorado tanto em ir vê-la. Respondi:

— Acho que isto é uma aberração sexual.

— Porque? perguntou abrindo muito os olhos.

— Venha cá. Vou ler uma cousa para você — disse eu e fomos para o jardim.

Peguei o papel roubado na Proteção e lí em voz alta. Maria ficou toda ruborizada e exclamou:

— Que nojo!

Eu também tenho nojo ao estar com você!

— Porque? — disse Maria, e apesar do pó, continuou ruborizada —. Pensei ser agradável...

— Não! disse resolutamente —. Não quero ser um.

— Você é um menino bobo e nada mais.

— Bom.



— Alem disso. Você não tem direito de me abandonar. Os tempos mudaram. Posso apresentar uma denuncia contra você afim de que você pague os alimentos.

Continuou gritando, mas saí sem fazer caso da história. Para exigir o pagamento dos alimentos é preciso ter havido algum filho... Não sou nenhum bobo.

(Aqui no caderno geral de Riabtsev, está intercalada uma folha de papel, enrugada, escrita a máquina, com o timbre do Commissariado de Instrução Pública.

## CÓPIA

“Depois de ler a minha carta, vocês me chamaram de bobo, anormal, idiota... Mas não é isso; sou um homem absolutamente normal, como todos vocês, com a única diferença de eu ser um operário e vocês intelectuais. Sou analfabeto e vocês letrados. E porque sou analfabeto? Porque as condições da vida operária eram horríveis, vivia-se numa ignorância completa, e, por isso, a educação dos filhos dos pobres era não somente anormal, mas até repugnante, porque os pais, ou por tristeza ou por alegria, organizavam frequentes orgias que terminavam em lutas e discussões. O pai batia na mãe, jogava os filhos, ou bêbados, nem tomavam conhecimento da presença destes, chamando as cousas pelos seus nomes. Bêbados ou sóbrios, falavam sem pudor diante da prole; não davam de comer, mas maltratavam-na sem piedade. Foi esta a educação que recebi. Sou um mutilado moral e fisicamente. Sou um doente, mas sem culpa alguma. O culpado é o ambiente onde me criaram, a sociedade que faz nascer uma vida tão anormal. É preciso tomar medidas contra esta enfermidade, não na forma de reclusão, mas de uma maneira mais justa e razoavel. Tenham vergonha de castigar inocentes, mártires infelizes.

“Os Commissariados de Instrução Pública e de Justiça condenam estas cousas a cinco anos de prisão, mas eu sou filho de um pobre operário, fui criado em condições



anormais, não me lembro mais como, quando e porque caí no onanismo.

Sou um desgraçado. Sou pederasta desde dez anos, todos me desprezam e as autoridades me ameaçam com a prisão... A quem poderei queixar-me? Quem me compreenderá? De qualquer maneira, resolvi dirigir-me ao nosso Governo do Proletariado, pedindo que se dê tratamento aos onanistas e aos pederastas, mas nunca castigo. Quero curar-me. Dêem-me pois, possibilidade de fazê-lo. Não tenho culpa. Alguem deve tê-la, não eu. Quero uma possibilidade de me curar. Salvem-me ou então me fuzilem, mas não quero ir para a prisão! Temo o castigo e por isso não assino, sei que prenderiam. Tenho trinta e cinco anos e vejo os desamparados se entregando a estas cousas, crescendo mutilados moral e fisicamente, como eu. E para o Governo Proletário nada de bom pode resultar disto, apenas um enorme dano. Salvem-nos, salvem-nos!

"Seu discípulo: onanista, pederasta, sádico... Sociedade, eis os teus frutos! Recolhe o que semeastes! Não tendes direito de nos castigar! Castiga a ti mesma: 26 de mar..."

*Julho 31, 1924.*

Hoje foi um dia decisivo. De manhã mandei alguns camaradas e às quatro da tarde foi convocada uma reunião geral conjunta, do Conselho da escola e Comissão Revisora.

Alem de Elnikitka nenhum outro professor compareceu.

Reuní minha turma e ocupamos as primeiras fileiras, bem em frente à mesa presidencial. Coloquei Iuchka Gromov atrás da mesa da Comissão Revisora, por causa de suas magnificas faculdades vocais.

O inspetor abriu a seção:

— Camaradas. Estou aqui como representante do Instituto de Inspeção, nomeado pelo Centro, para examinar a vida dos centros de ensino e, caso seja preciso,



intervir para liquidar qualquer questão. Não posso afirmar que nesta escola tenha havido abusos manifestos; mas, com tudo constatei tendencias indesejaveis... A Comissão presidida por mim, conclui o seguinte:

— Eu não assinei! — exclamou subitamente Elnikitka.

Empalideceu, e teve de se recostar no encosto da cadeira. Trouxeram amoníaco, ela aspirou e voltou a si.

— Chegamos à seguinte conclusão — prosseguiu o inspetor — antes de mais nada que os professores não correspondem ao seu dever...

Fiz um sinal:

— Fo..ra! Embusteiro! Isso é mentira! — gritaram de toda sala os meus satélites.

— Abai...xo ! rugiu Iuchka quasi nos ouvidos do inspetor, que estremeceu. Staska Velepolskaya, que era o presidente, começou a tocar a campainha, mas não conseguiu restabelecer o silêncio até que eu fiz outro sinal e o bando ficou quieto. Das últimas filas chegou a voz isolada de Grichka Blinov!

— ... que frescura, Riabtsev!

— Peço que não se torne esta reunião uma cousa personalista, não se deverá atacar individuos isolados.

— Camaradas — continuou o inspetor — a Comissão resolveu trazer à reunião geral, depois de esclarecer os fatos, é claro, a seguinte pergunta: "Podem ou não permanecer na escolar os professores que carecem de prestígio?"

Tornei a fazer um sinal. Quando o estrépito foi dominado, Serioga Blinov disse:

— Estou agindo aqui como companheiro de vocês e como membro da Comissão, eleito por todos...

— Uma aguia bicéfala, não é? — gritei eu.



— Em todo o caso, não sou uma víbora monocéfalacalorada. (Não sei o que ele quis dizer com isso).  
Camaradas: Apoio a proposta da Comissão Revisora, em vista das seguintes considerações: nossa autonomia está aleijada dos dois pés e perdeu toda a importância; O ensino se realiza sem sistema e não está em contacto com a vida; a escola não está filiada a nenhum ramo da industria...

— Porque não falou antes, Blinov — assoprou Elnikitka — Você é membro do alvéolo...

— Se vocês, camaradas — prosseguiu agora o inspector — querem ouvir-me com tranquilidade, direi o seguinte: A Comissão não pretende tomar uma providência definitiva — isto depende do Centro — mas apenas discutir as questões já mencionadas e dar forma legal à opinião da escola.

— Peco a palavra — disse eu. Temos aqui o secretário da fábrica à qual estamos filiados, mas ele pode falar depois: agora falarei eu. Serioga Blinov: Passou você a noite em Solnechnoye, como o fez Elena Nitikichna? Viu a "Dama Branca"? Teria você por acaso nos defendido quando os camponeses quiseram surrar-nos? Serioga Blinov: você desistiu das férias e passou conosco o verão como Zin-Palna? Você recolheu Alioja Chikin à sua casa, quando morreu seu pai? Teria você nos explicado todas essas questões que nos preocupam grandemente, até o ponto de deixar-nos a cabeça estalando como o fez Nicolas Petrovich? Você afirma que a escola não está em contacto com a vida... E onde esteve você quando nós com perigo de vida, fizemos pesquisas na aldeia, recolhemos material para história natural e ajudamos a cavar tumbas? Você estava deitado, de barriga para o ar no feno? Então você, Serioga, corresponde às expectativas e Zinaida Pavlovna não? É isso o que você queria dizer?



Nesse momento, sem sinal algum, houve uma confusão dos diabos. Uns a meu favor, outros contra. O secretário disse:

— Não estou de acordo com o camarada inspetor no que se refere a agir irracionalmente e em desacordo com o alvéolo. Não há provas de que a escola não conte com o alvéolo. Se o camarada se tivesse dirigido ao próprio alvéolo, diretamente, teríamos dito que a escola, embora com pequenas restrições, trabalha normalmente. Seria estranho que no alvéolo não se tivesse conhecimento de que os professores não correspondem à missão delegada. Ao menos, eu estou ouvindo isso pela primeira vez. O camarada Blinov agiu irracionalmente por não ter informada o alvéolo sobre o assunto. Disso deduzo que ele estava pouco firme nas suas convicções.

— Eu acreditava que se tratasse de um assunto puramente escolar.

— Não, camarada Serioga; é um assunto social — replicou o secretário; e preciso declarar aqui que, se não fosse pelo camarada Riabtsev, que, ao que parece, compreende os deveres da juventude vermelha melhor que muitos, o assunto poderia terminar de forma lamentável...

— Viva Costia ! — gritou Iuchka Gromov.

Mas fiz-lhe um sinal e ele calou-se. Ví Zin-Palna que entrava.

— Quando a filiar-se à industria, camarada inspetor, é ao que estamos decididos antes de mais nada. — continuou o secretário. Venha alvéolo e nós lhe faremos um relatório. Quanto ao caso do orfão Chikin, a quem a encarregada recolheu, o alvéolo agradece por meu intermédio a Zinaida Pavlona. E ainda pelos seus abnegados vinte anos de labor social...



Os aplausos explodiram. Pensei que o teto vinha abaixo. O secretário sorriu, gesticulou e se encaminhou para a saída. Gritei quasi na orelha, porque o barulho era tremendo:

— Onde é que você vai?

Respondeu aos gritos:

— Vejo que vocês se arrumam muito bem sem mim!

Olhei em volta. E o inspetor? Tinha se eclipsado. Apareceu Elnikitka, que se precipitou para mim. Quis escapar, mas foi inutil; ela me alcançou e gritou:

— Mudei de opinião a seu respeito, Riabtsev. Estou interessada no que você tem em mente.

Zoia agarrou a minha mão:

— Costia... Você deve fazer definitivamente as pazes com Silva... Veja, que quem diz sou eu.

Ví Silva atrás dela. Olhou-me e disse:

— Vladlen!

Peguei sua mão e a apertei.

*Agosto 5, 1924.*

Passo o dia todo no campo de futebol porque não temos tido nada o que fazer na escola. Papai resolveu gastar e me comprar botas e isso me permite jogar no segundo time, porque nele não são admitidos quem não as tenha. Sou o extrema direita e ás vezes substituo o centro-avante. Tentei fazer de goal-keeper, mas o capitão me destituiu porque eu não era muito eficiente. Mas eu acho que o goal-keeper não deve ficar parado esperando o goal. Fiquei muito mortificado, porque o posto de goal-keeper é o de mais responsabilidade e, além disso, durante as partidas sempre o aplaudem, enquanto ninguem se lembra dos extremos. Mas



tive de me submeter porque um time de futebol é uma coletividade que precisa manter uma disciplina rigorosa, porque senão fracassa. Iuchka Gromov é esquerda-avante, mas sempre perde a bola. Já dissemos a Iuchka para trocar de modo porque se ele continuar assim, seremos sempre derrotados. Mas ele continua, e diz que o célebre esquerda-avante Kukuchkin joga da maneira dele e é mais fácil chegar assim ao goal inimigo. O capitão ameaçou-o de rebaixa-lo para o terceiro time e não deixa-lo jogar nas partidas importantes. Iuchka prometeu emendar-se, mas ontem treinamos com o terceiro time e ele fez a mesma cousa. O capitão passou um pito. Iuchka desculpou-se dizendo que não entendia bem o jogo e que ao passar na frente do goal inimigo, corre o risco de ouvir o apito. O capitão disse que era bobagem, e que devia passar com a "parte traseira". Todos começaram a rir, mas eu, quando voltava para casa, disse a Iuchka:

— Acho que vão por você no terceiro time.

Iuchka disse que não se importava. Mas se fosse eu, deixaria de jogar futebol, pelo menos nesse campo.

Agosto 6, 1924.

Quis demonstrar que o futebol desenvolvia o orga-  
vocou uma reunião geral e propôs que viessemos todos  
os dias para trabalhar regularmente com os *maesc*.  
Quem não quiser não precisa, ou pode vir só para to-  
mar parte nas excursões e passeios. Quem quiser tra-  
balhar não deverá faltar nem um só dia e, tem de pro-  
meter cumprir a promessa. A grande maioria aceitou,  
porque os estudos não se realizam por programas, mas  
por grupos. Uns vão estudar radio, isto é, instalarão  
um receptor na escola — estes trabalharão com Almak-



fisch — outros organizarão com Nicpetoj uma função teatral.

Zin-Palna propôs um curso Puchkin. Disse que Puchkin foi tão genial que merecia ser decorado. Volodia Schmerz perguntou porque tinha sido morto. Zin-Palna explicou que havia um tal Dantes que cortejava a mulher de Puchkin, e este se sentiu na obrigação de desafiar o rival. O duelo teve um fim trágico para Puchkin. Se fosse eu, não teria desafiado Dantes, mas levado para um canto e lhe amassado a cara. E se nem assim parava de cortejar minha mulher, teria lhe dado uma facada em baixo do ventre. Esse Dantes, era pelo que se vê um calhorda do tipo do Schmerz, que galanteia em turnos todas as meninas.

Houve uns rumores fantásticos na escola, principalmente entre as meninas. Ficavam cochichando nos cantos e fazendo caras misteriosas... No fim é tudo uma bobagem muito grande.

O caso é que no ano passado, aconteceu, em Moscow o seguinte: Uma menina vestida de cor de rosa compareceu ao consultório do dr. Sneguirev, dizendo que sua mãe estava doente e pedia ao médico que fosse visitá-la. Deixou o endereço e foi-se embora. Mal a menina saiu, o médico lamentou não ter perguntado mais alguns detalhes da doença para saber que remédios levaria consigo. Chamou a enfermeira e ordenou que fizesse a menina voltar; mas esta afirmou não ter visto entrar menina alguma. O médico chamou o porteiro que fez a mesma afirmação. Perplexo, o médico foi à casa do endereço deixado pela menina e encontrou, efetivamente, uma mulher doente. Atendeu-a e ela lhe perguntou quem tinha dado o endereço. Quando falou da menina a mulher se pôs a chorar, dizendo que sua filha tinha morrido três dias antes, e que o cadaver



estava no quarto ao lado, porque ela não tinha coragem de enterra-lo. O médico foi na direção apontada e viu efetivamente, sobre a mesa, a menina de cor de rosa que tinha ido ao consultório.

Segundo esta história, os defuntos podem agir depois de mortos. Quando me contaram não pude deixar de cuspir com desprezo.

Agosto 7, 1924.

Aconteceu uma coisa desagradavel: uma discussão com Zin-Palna. Eu, como os demais, prometí ir regularmente à escola, mas hoje passei todas as horas de estudo jogando futebol e só fui à escola depois das aulas terem terminado. Encontrei Zin-Palna no caminho, e ela me declarou que nunca esperara tal coisa de mim.

— O que que você não esperava?

Respondeu:

— Esta infração da disciplina, o querer desorganizar os estudos.

Disse-lhe que era ainda verão e era muito natural passar mais tempo ao ar livre que em lugares fechados. Que, em geral, era preciso dedicar-se o mais possível à cultura física.

Mas Zin-Palna replicou que em tudo deveria haver organização, e que, uma vez dada a palavra, não se podia faltar. Além do que, o futebol não é cultura física, mas simplesmente um jogo prejudicial, comparavel ao vício do fumo, ou da bebida.

Quis demonstrar que o futebol desenvolvia o organismo e o sentido da coletividade; mas ela acrescentou que os resultados desse jogo são justamente o contrário. Senão vejamos: que sentido de coletividade tinha desenvolvido em mim, desde que eu faltava ao estudo coletivo de meu grupo, precisamente por causa do futebol?



Em resumo: algo muito desagradavel. Era preciso lutar pelo futebol.

Passsei sòzinho pela escola e já estava pensando em ir para casa quando Silva me chamou. Sentamo-nos no auditório e conversamos. Conteí a história do futebol e Silva me disse, que, segundo sua maneira de pensar, Zin-Palna tinha razão, porque os meninos ficavam entusiasmados demais com o futebol. Discutimos o assunto, mas Zoia surgiu misteriosamente:

— Costia Riabtsev, preciso falar com você.

Levantei-me e fui ter com ela. Levou-me para o patio, sentamos lá e ela começou:

— Quero contar a você uma história. Desculpe ter interrompido seu colóquio amoroso, mas o fato de você ficar a sós com Silva pode despertar suspeitas, não só entre os meninos como também entre os *maesc*. Quero muito a Silva, mas sua conduta nestes últimos dias não me agrada...

Fiquei zangado e disse:

— Se você quer continuar falando desse jeito, vá para o diabo! Não tenho colóquios amorosos com Silva e nós nos tratamos como camaradas. Além disso não vejo nada de mais na conduta de Silva. Que suspeitas é que pode despertar? É tudo mentira, e não compreendo a razão do seu ressentimento para com ela.

— Calma... Sente-se disse Zoia. Chamarei você para contar uma história. Escute: ontem meu irmão chegou ao meio-dia. Está com uma mão vendada. Contou-nos estas histórias: ele é aviador e estava fazendo serviço como tal em Sujum. Um dia, nas redondezas de Sujum ele bebeu muito vodko num boteco de Sujum. E voltou para casa. Como soldado, tinha o seu revólver. Era de noite, e havia uma escuridão completa. Meu ir-



mão disse que no Meio Dia as noites são mais escuras que aqui. Pois bem; ía andando e se desviou do caminho, talvez por causa de ter bebido demais. Bom. Estava tão escuro que não se via nada. Meu irmão continuou a andar quando de repente viu ao longe umas luzinhas brilhando. Pensou que fosse alguma aldeia tártara, e se encaminhou para elas. Na entrada da aldeia um homem barrou a passagem: "Onde vai?" Meu irmão respondeu que ía a Sujum. O homem se offereceu para levá-lo para a estrada; meu irmão aceitou e começou a andar atrás do desconhecido, com a mão no revolver, por precaução. Foram andando, deixaram para trás a aldeia, e meu irmão começou a tropeçar em pedras. "Aonde estamos indo?" perguntou, tirando o revolver. Nesse instante o desconhecido pegou uma lanterna elétrica e acendeu-a bem nos olhos do meu irmão. A mudança foi tão brusca que meu irmão fechou os olhos, sem querer, mas levantou a mão com o revolver. Nesse momento alguém deu um murro na mão e o revolver caiu. O desconhecido trazia numa das mãos o revolver e na outra a lanterna. Atrás havia um indivíduo, com outro revólver e os dois obrigaram meu irmão a seguí-los sem mais palavras. Meu irmão foi obrigado a obedecer.

— Pois eu teria dado com a cabeça no ventre do primeiro tirando o revolver e depois matado o outro com um tiro.

— Sei! Prove... O outro teria disparado pelas costas; Bem; pois meu irmão seguiu o desconhecido no meio das trevas. O que ía na frente levava a lanterna. Iam por umas pedras de formato estranho. Ao chegar em certo ponto, os desconhecidos, tomaram de uma pá e ordenaram a meu irmão que cavasse. Ele pensou estar cavando a própria sepultura, mas como era alvo de do-



is revolveres, começou a cavar sem mais protestos. Sentiu que a terra era fofa e cedia facilmente. Abriu uma fossa de meio metro e sentiu que a pá tocava um objeto sólido. Disse aos desconhecidos: "Não posso continuar cavando, porque a pá bateu numa coisa dura". Um deles se inclinou e cravou o punhal na massa dura e tirou várias tabuas. Apareceu uma fossa profunda e negra. Os indivíduos mandaram meu irmão descer por ela, mas este perguntou: "Para que?" "Se você fizer mais uma pergunta nós mataremos você!" foi a resposta. Que ele podia fazer? Desceu.

— Eu não desceria por nada deste mundo!

— Que é que você faria?

— Não sei... Agrediria os dois... Tudo é preferível a ser enterrado vivo.

— Bom, pois meu irmão desceu. A fossa era profunda, de uns três metros. Os desconhecidos iluminavam o caminho. Quando meu irmão atingiu o fundo eles gritaram: "Levante o ataude!" Que ataude? "Olhe bem, está lá em baixo!" Meu irmão olhou à sua volta, eles levantaram a lampada e viu por fim o ataude, envolto numa fazenda branca. Segurou-o, quis levantá-lo, mas não conseguiu. "Está muito pesado, não posso." gritou para cima. "Então tire a fazenda!", meu irmão obedeceu e lhes entregou o caixão. "Abra o ataude." Ele se pôs a abri-lo. Por pouco rebenta os dedos, e não conseguiu: "Não posso, está fechado com pregos ou tornos"! "Tome este punhal." Deram-lhe o punhal. Meu irmão agarrou-o, introduziu-o na fechadura apertou e soltou a tampa. Dentro do ataude estava uma linda jovem, toda envolta numa fazenda semelhante à que cobria o ataude. Os desconhecidos perguntaram: "A mulher está aí?" "Está? Como está vestida?" "Está com uma fazenda branca como a do caixão:" "Tire a



fazenda". Não havia outro remédio e ele tirou, eram uns 60 archins...

— Quantos em metros?

— Se você começa a caçoar, eu paro de contar. Bom, pois meu irmão tirou a fazenda e deu-a aos de cima. "Agora, disseram-lhe, traga a mulher." "Meu irmão tomou o corpo, levantou-o com dificuldade e começou a subir. Eles agarraram o cadaver; mas, ao que parece, este se enganchou nalguma cousa, ou eles pensaram que meu irmão o arrastava para sí ou talvez pensassem em usar o punhal como talher... Enfim, em vez de crava-lo no cadaver, cravaram-no na mão de meu irmão. Este gritou: "Porque você está gritando?" "Como não gritarei se me feriram a mão?" Dizendo isso, soltou o cadaver que caiu no fundo. "Bom, então tire os enfeites dos dedos." Meu irmão vendou a ferida, mal e mal, com um lenço, e se agachou para desempenhar as ordens. Mas não conseguia e parecia que o cadaver puxava as mãos para trás. "Não posso!" "Então corte os dedos com o punhal". "Não, eu não faço isso!". "Porque não?" "Não faço!" repetiu meu irmão e perdeu o conhecimento. Não sabe quanto tempo durou o desmaio, mas quando voltou a sí viu um ceu coberto de estrelas, como se fora dentro de uma moldura, e não conseguiu se lembrar de onde estava. Ficou alí cinco minutos, quando de repente viu surgir no quadrado um rosto de olhos ardentes. Assustado deu um grito terrível e a cabeça desapareceu. Meu irmão tornou a desmaiar. Quando recuperou os sentidos, encontrou-se numa pequena habitação, e, junto dele, um juiz instrutor. "Você é Travnikov?" perguntou o juiz. "Sim". "Conte o que houve." Meu irmão fez um breve relato. "Tudo parece verossimil, disse o juiz, você está agora na casinhola do guarda do cemitério tártaro.



Mas explique algo inconcebível: “Como é que isto está no seu bolso?” E mostrou-lhe um dedo mutilado com um anel posto. Meu irmão olhou aquilo, disse que não podia explicar, e pediu ao juiz que abrisse o inquérito. O juiz respondeu que os desconhecidos eram ladrões do cemitério, que, com a ajuda de meu irmão, tinham saqueado a tumba de uma princesa recém-enterrada. A cabeça que tinha aparecido no alto da tumba, era a de um bandido, mas duma quadrilha extinta. Quando meu irmão gritou, o bandido assustou-se tanto que se precipitou como um louco e partiu o crânio no mausoleo próximo.

— E encontraram os dois primeiros?

— Sim, reconheceram-nos por causa da fazenda. Foram vendê-la no mercado de Sujum quando surpreenderam-nos. Depois, no interrogatório, confessaram que tinham posto o dedo no bolso de meu irmão para despistar o juiz. Depois disso concederam uma licença a meu irmão e ele veio para casa.

— Isso é tudo?

— E’.

— O caso da menina morta também é invenção sua?

— Mas, você não acredita? A menina morta podia muito bem ter ido ao consultório do médico.

— Já sabia. Tinha de ser cousa sua.

Levantei-me e chamei:

— Silva! Silva!

A negra Zoia ia atrás de mim sussurrando:

— Não está! Não está!

E não pude falar mais com Silva. Tinha ido embora. Zoia me seguia, instigando-me.

— Ela não ia ficar aí esperando você... Como se você fizesse alguma falta.



Percebi então a manobra. Zoia tinha feito tudo para me separar de Silva. Com que fim? Fiquei irritado. Dei-lhe a "ração de soldado vermelho". Ela se pôs a chorar e eu fui-me embora.

Agosto 8, 1924.

O "X" apareceu inesperadamente depois de um longo intervalo. Publicou uma balada enorme que começa assim:

Já falamos todos telegraficamente.

Nossa divisa é: "Concisão, rapidez!"

Hoje fica tão difícil

descrever liricamente uma noite de lua!...

Aproximadamente

Seria assim:

A noi de lu to lan

dos cin la ro en de ba bur

do ovi do comi domes."

Quem teria escrito isso? Kolka Paltusev e eu resolvemos falar em linguagem telegráfica. É rápido, cômodo e ininteligível para os outros.

Agosto 9, 1924.

As meninas que podem ser qualificadas de bobas, e que são a maioria, não me agradam. Mas um que merece esse nome entre os meninos é Iuchka Gromov. Contou a toda a gente minha aventura com Maria. Não sei quem puxou-lhe a língua. Essa história de falar por falar é uma grande estupidez.

Hoje fez outra bobagem. Entrou como uma bala no laboratório de física quando os *maesc* não estavam e gritou como um louco:

— Nicpetoj está enamorado de Staska Velepolskaya.



Todos rodearam-no, perguntando como é que ele sabia. As meninas então, mostraram-se insaciáveis. Iuchka contou que tinha visto Nicpetoj e Staska passeando no patio; que se meteram atrás da lenha e Nicpetoj segurava a mão de Staska, falando com grande entusiasmo.

Iuchka tinha se escondido do outro lado e ouvira tudo.

Se Iuchka não tivesse comadriado antes sobre minha aventura com Maria, talvez eu não me importasse com o que ele estava dizendo. Mas agora, percebi, o quanto ele gosta de mexericos, e que é impossível confiar nele.

Foi iniciado o curso para estudo da obra de Pushkin. Zin-Palna deu-nos a biografia e, de improviso, Schmerz, querendo mostrar sua cultura, perguntou:

— Que sentia Pushkin quando sua mulher estava prenhe?

— Se você estivesse fazendo esta pergunta a sério, eu responderia; mas como é para fazer um graccjo, um de nós, ou você ou eu, deverá se retirar desta sala.

Volodka negou estar fazendo brincadeira, afirmando que tinha lido as cartas de Pushkin, numa das quais ele comentava isso com sua mulher. Todas as meninas gritaram, interrompendo maiores explicações:

— Fora, fora Schmerz! Isto aqui não é uma poeilga, é uma aula!

Volodka teve de sair, envergonhado.

*Agosto 10, 1924.*

Hoje, no futebol, Iuchka Gromov pôs-se a comadrear sobre o caso de Nicpetoj e Staska. Uma verdadeira infamia, porque nem todos os futebolistas são



alunos de nossa escola. Por isso ordenei a Iuchka que calasse a boca.

— E se eu não calar?

— Quebrarei sua cara!

— Quebre, se for homem!

Não quis tentar; entrei num acordo com Kolka Paltusov que jogava no centro avante do terceiro time e decidimos fazer Iuchka passar um mau bocado. Quando os avantes do terceiro time estavam com a bola, Kolka Paltusov se precipitou sobre Iuchka que, segundo o costume, tomara a dianteira. Eu, com o pretexto de pegar a bola das mãos de Iuchka cortei-lhe o passo, enquanto Kolka avançava por detrás, dando-lhe um golpe tremendo no cogote. Iuchka caiu gritando furioso:

— Isso é *foul* de Riabtsev! Grande valentão!

Sujo!

Todos viram que não tinha sido eu. A única coisa que aconteceu foi o capitão dar um pequeno pito em Kolka por ter jogado um pouco brutalmente. Quanto a Iuchka nem podia andar, tão dolorido e inchado tinha o pé. Os rapazes tiveram de levá-lo para casa na maca.

Quando voltava com Kolka, ele me disse:

— Escon <sup>(11)</sup>

Segundo o combinado eram proibidas explicações das frases telegráficas. Cada um deveria adivinhar por si mesmo. Remexi os miolos mas não conseguí saber de que se tratava.

— Estimado companheiro?

— Não!

— Estupendo comerciante?

---

(11) Tradução impossível por se tratar dum jogo de palavras.



— Também não. Como é que não compreende. Estou contente.

Resolvi vingar-me de Kolka e durante a volta inventei uma frase complicadíssima. Chegando em casa, disse, como despedida:

— Esfidevoc kopa!

— Que copa? — perguntou distraído.

— Não tem nada a ver com copas. Eu disse “Esfidevoc kopa”. Até logo. Adivinhe se puder.

Kolka pensou e disse logo:

— Esfinge de voz suave...

Não pude me conter e caí na gargalhada.

— De que esfinge você está falando? De que voz suave? Que história é essa?

— Nada. É uma cousa que eu li. É algum nome próprio?

— Não. É uma palavra telegráfica.

Vendo que Kolka não adivinhava mesmo, pus-lhe a língua e quis entrar em casa. Mas Kolka, ansioso por saber o sentido da frase, pediu tanto, com tanta insistência que por fim me cansei e lancei-lhe ao rosto:

— Sou fiel às bandeiras de outubro, Kolka Pal-tusov!

Eu estava vingado.

*Agostô 11, 1924.*

Temos na escola uma menina que todos chamam de tamanco. É muito rechonchuda, e todos a empurram, esmagam-na contra a parede e fazem-na gritar como se fosse um peixe. Essa história de “peixe” é modo de dizer, porque, na verdade, os peixes não podem gritar.

Hoje encurralamos Tamanco num canto, quando apareceu Elnikitka e pôs-se a gritar que aquilo era uma infamia, e que ia denunciar-nos diante do Conselho da



Escola e mesmo diante do Soviet de Commissários do Povo.

Perguntei:

— Mas, de uma forma concreta, que foi que fizemos?

— Vocês sabem melhor que ninguém — gritou ela —. Não venham com hipocrisia. A cousa está bem clara!

Vieram então algumas meninas de mais idade e todas se puseram a gritar atôa, que os meninos são insuportáveis, que já se atrevem a se meter com as meninas. Não pude me conter e afirmei que tudo aquilo era mentira, que sempre tínhamos tratado Tamanco daquele jeito e ninguém tinha se incomodado. Como eu já estivesse fora de mim, acrescentei, que achava que Elnikitka não estava com o juizo perfeito. Quando ela ouviu isso, juntou ao seu redor todas as meninas, como uma galinha os pintos, e anunciou solenemente:

— Riabtsev torna a revelar-se em todo o seu esplendor. Pensei que se tivesse emendado, mas esta infâmia que acabo de ouvir, demonstra suas verdadeiras ideias.

Todos rodeavam Tamanco e levaram-na pelo braço. Ao que parece foram me denunciar.

Dez minutos depois appareceu Nicpetoj, nos reuniu e começou a ler uma verdadeira conferência sobre o problema do sexo. Depois, leu um conto de Turgueniev. "O primeiro amor", onde se descreve a paixão de um jovem por uma moça de mais idade. Torcemo-nos de rir.

Perguntei a Nicpetoj:

— Qual o fim desta leitura?

— Demonstrar-lhes como uma obra de arte descreve um amor ideal, verdadeiro.

Eu quis esclarecer o assunto e perguntei:

— O senhor acha que nós não sabiamos?



Nicpetoj ficou um tanto desconcertado.

— Olhe aqui, alguns *maesc* acham que o conceito que vocês têm do amor e do problema sexual desvia-se do verdadeiro caminho.

— Mas em que se baseiam?

— Por exemplo, na maneira de vocês tratarem Lena Orlova (é o nome de Tamanco.) Acham que as relações de você com ela tomaram um mau caráter.

— Opinião de Elena Elnikitka — disse.

— Não; infelizmente, não é apenas ela que tem essa opinião. Participam dela a encarregada, Fischer, e Ludovica Carlovna (a professora de canto).

— Mas, sinceramente, que é que fazemos de mau? — respondi indignado.

— Isso de encurralar Tamanco. Não é cousa que se faça... Todos o fizeram sempre e nunca aconteceu nada...

— Não é verdade. O caso de Lena Orlova sempre preocupou os mestres — disse Nicpetoj. E o mais grave é que Lena não se opõe a isso. Você, Riahtsev, deve saber que se pode estar com meninas que não se opõem... Mas, ficou decidido acabar com estas brincadeiras e falar-lhes da ética e moralidade marxistas.

Quando Nicpetoj ia saindo eu o alcancei no corredor.

— E você? Acha que nós somos ou não culpados?

— Não creio que você seja culpado. Mas acho conveniente parar com tais brincadeiras. Elena Nikitichna teme que você seja capaz de perverter alguma das meninas, porque — segundo ela — você teve, este verão, uma aventura seria, com a irmã de Gromov.

— E como é que ela sabe? — perguntei, sentindo que estava ficando vermelho, extremamente envergonhado.



— Mas, é verdade que houve alguma coisa? — perguntou, muito serio.

— Que é que você quer de dizer com “de verdade”? Resistí... Acho que isso não deve interessar ninguém... Por exemplo, seria agradável para você, se comessem a dizer que está enamorado de Staska Velepolskaya ou coisa parecida?

— O que? Quem foi que disse? — interrogou Nicpetoj precipitadamente, muito surpreso.

— Pois é. Não é agradável, não? São mexericos e há pessoa que se metem onde não são chamadas. Acho que isso está contra a ético e moralidade marxistas.

— Aquí, você tem toda a razão, Riabtsev. — disse Nicpetoj algo constrangido. Os mexericos são uma herança do velho regime, de um passado maldito. Revelam um conceito mesquinho da vida. Eu, por exemplo, nunca lhe oculte, Riabtsev, que Silfida Dubinina me agrada; mas ao mesmo tempo, eu gosto dela como ser humano e não como mulher. É o que acontece com Velepolskaya. Seria muito estranho que eu viesse procurar aventuras aquí na escola.

— Silva não tem nada a ver com isto — respondi. Ninguém se atreveria a dizer que entre Silva e eu há alguma coisa do que amizade e companheirismo. Além do que, ela e eu, somos tão ardentes aspirantes à revolução mundial que nossas relações pessoais caem num segundo plano. Estão mesmo num terceiro, ou talvez décimo lugar.

— Não duvido — disse Nicpetoj. Tenho tal ternura por Dubinina que não poderia crer que ela fosse capaz de transpassar o limite... Bem, Riabtsev, você poderia me dizer, como camarada, quem se dedica a divulgar



esse mexerico absurdo a respeito de mim e de Velepolskaya?

— Não. Não posso, porque você o suspenderia, nem que fosse só em sociologia!

— Nunca! — exclamou Nicpetoj, e enrubecendo muito, continuou: Eu não confundo assuntos pessoais com os sociais. Afinal de contas não me interessa saber o nome do charlatão, mas apenas isto: É aluno, ou um dos grandes? Ou é um professor?

— É um menino.

— Obrigado, Raibitsev — disse Nicpetoj, se despedindo. Em todo caso, você pode estar certo. No caso de Orlova defenderei sua causa, porque estou convencido de seus sentimentos a respeito.

— Pois, escononus — disse, como despedida.

— Que foi? — perguntou Nicpetoj.

— Estou contente com você. É para não dizer adeus, que é uma palavra religiosa.

— Você está começando cedo a mutilar a língua natal! — disse Nicpetoj um tanto desgostoso. Já a mutilaram mais do que deviam.

— Não estou mutilando, mas inventando.

— Homem! Uma invenção pior que o normal — objetou.

Separamo-nos.

*Agosto 12, 1924.*

Representaram hoje a "Carmem", no jardim de Verão. Fui com Silva. Sempre tive grande desprezo pelas óperas, porque cantar em vez de falar é um artifício e fica muito difícil entender as palavras; mas esta vez chegou a me interessar. Quando se apagaram as luzes da sala e acenderam-se as do palco, tive uma sensação



estranha. O maestro da orquestra tomou o aspecto de um mago. Começou a opera. Esta vez entendi o enredo, apesar de ser tão fantástico.. Um militar se apaixonou por uma operária. O militar se chama Don José. Depois, não entendi direito porque é que aparecia uma moça chamada Micaela, que cantou durante muito tempo. É assim nas óperas: de repente aparece alguém — não se sabe porque, nem para que — e começa a cantar e a mover os braços. Depois Carmem se enamora, por sua vez, do militar; mas este devia levá-la por causa de um delito à comissária. Ele leva, mas Carmem dá um empurrão e foge. Depois ela dança numa taberna — não entendi isso direito: quem é ela, operária de uma fábrica ou simplesmente uma moça dessas —. Depois vem o toureiro e canta suas façanhas; gostei muito desse trecho; E o toureiro era um bonito rapaz; Não há rapazes assim na vida. Depois, Carmem, de repente, se enamora do toureiro — talvez porque ele é mais bonito que Don José — e promete alguma coisa, mas não entendi direito o que. O toureiro sai e entra Don José. Carmem dança, quando aparece um chefe gordo e põe Don José para fora, porque também ele ama Carmem. Don José desembainha o sabre e por pouco mata o chefe, mas nesse momento entram uns sujeitos com um pano em volta da cabeça e salvam o chefe. Depois disso, Don José se torna bandoleiro.

No terceiro ato, os bandidos querem atacar e saquear o toureiro, que tinha ganho muito ouro nas corridas. Carmem e Don José vão também com eles. Os bandidos se escondem e deixam Don José atacar sozinho o toureiro. Aí aparece Micaela, mas Don José a põe para fora. Silva disse que Micaela é noiva de Don José, mas acho que não, porque ele gosta de Carmem e se fez bandido por causa dela. Por



fim, aparece o toureiro, e Don José dispara mas erra o alvo. Quer matá-lo com a faca, mas o toureiro tira a sua e eles lutam. Não sabem esgrima e lutavam de uma maneira muito feia. Mas nesse momento entra Carmem e os bandidos e conseguem separá-los. Não entendi também porque é que deixam o toureiro ir-se embora. Talvez ele não tivesse dinheiro. Silva disse que não era isso, que eles não queriam saquear, mas eu entendi que queriam e todos têm o direito de entender operas como quiserem.

No quarto ato, as corridas vão começar. Não sei quantos touros devem haver, mas devem ser muitos, porque além do bonito, há em cena outros vinte com lanças e capas. Todos mexem muito os braços, porque querem ver a corrida. Quando todos saem, Carmem entra, pois também quer ver a festa; mas Don José não deixa, porque tem ciúmes do toureiro. Ela, num grande esforço, consegue se livrar e vai para a praça; mas então Don José mata Carmem com punhal.

— Que cousa horrível, os ciúmes! — disse Silva quando voltamos. Você sabe que eu tive ciúmes de você?

Abrí muito os olhos, assombrado.

— Mas é que... — e não terminei.

— Que? Já sei o que você quer dizer. Mas lembre-se — sei por experiência — para sentir ciúmes, não é preciso estar... Enfim, não é preciso estar enamorado. A gente pode sentir ciúmes de pessoas inocentes. Eu, por exemplo, tinha ciúmes de Nicpetoj, e mesmo de objetos, e sabe do que tenho mais ciúmes? Do seu diário. Se você quiser que eu não sofra, você precisa me deixar ler.

Depois disso, o silêncio caiu sobre nós. De um lado, não quero que Silva sofra por causa do meu diário,



mas por outra, como é que posso deixá-la ler? Seria como se eu começasse a falar de cousas íntimas, a respeito das quais eu até tenho medo de pensar.

Silva disse:

— Então você não sente por mim nenhuma... consideração. Se você sentisse não precisaria pensar tanto em me dar ou não o diário.

— Escute, Silva — respondi. O diário é o mais íntimo de um homem. Você quer ver o mais profundo do meu espirito, mas há lá cousas que você não deve saber.

Silva então se deteve, e disse secamente:

— Bem, adeus.

— Como adeus? Sua casa está longe!

— Mas desde que entre nós não há nada em comum, porque precisamos estar juntos? — disse. Vá pelo seu caminho que eu vou pelo meu.

— Espere, Silva. Como você pode dizer entre nós não há nada em comum? É mentira. Ao contrário, entre nós, há muito em comum. Mas suponho que você queira que eu me dispa e fique de cueiros na sua frente.

— Se você quiser falar dessa maneira asquerosa é melhor procurar outra companhia.

Fiquei profundamente magoado.

— Não disse nada de asqueroso. Nem compreendo porque você sente asco. E como é que você pode dizer que não tenho consideração? Escute:

E li meus versos:

“Tuas palavras profundas, ainda ressoam em mim,  
Ainda vibra em mim, teu elétrico contato  
Em meio da confusão da escola.  
Hoje, tua voz é para outro... Que fazer?  
Minh'alma perto de tí, está cheia...  
Longe, fica vazia, completamente vazia.”



— Você não diz nada com esses versos. E eles são pessosimos. O diário deve ser muito mais interessante. Você me acha tão criança, que não seja capaz de levar as cousas a sério? Escute: se eu der a você o meu diário você me dá o seu?

— Você tem um diário?

— Para você — acentuou Silva — eu posso dizer... Tenho.

— E você me dá para ler?

— Claro, porque considero você meu amigo. Mas a condição é ler o seu.

— Posso pensar até amanhã?

— De maneira alguma! Isso não se deixa para amanhã. Pensei que você fosse um homem, e venho ver que é apenas um menino.

Embora a situação fosse penosa, eu tinha grande vontade de ler o diário de Silva. Disse por fim:

— Mas você precisa prometer que nunca falará a ninguém a respeito. Compreendeu? Nem comigo. Como se você não tivesse lido.

— Dou a minha palavra — disse Silva solenemente. E para provar que não é só curiosidade, amanhã mesmo trarei o meu.

*Agosto 13, 1924.*

Muitos meninos da escola foram ver a Carmem, e gostaram tanto que querem fazer uma ópera na escola. Eu propus que fosse a própria Carmem e que eu fizesse o papel de toureiro — já ensaiei. Kolka Baltusov poderia cantar a parte de Dom José: tem uma voz de soprano tão forte, que poderia passar por tenor.

Mas Iucovica Carlovna disse que tanto Carmem, como outra opera qualquer não está no nosso alcance,



e nunca poderíamos fazer nada que valesse a pena. Tirou da bolsa uma opera infantil, intitulada "Alarme no país dos cogumelos" e propôs que a ensaiássemos. Depois ela tocou. Já ví representarem muita bobagem, mas nunca pensei que se pudesse escrever — e com musica! — tamanha asneira. Por exemplo: começa com uma canção da rainha dos nabos, que diz:

*Ai, ai, ai!*  
*Rei*  
*me ameaças*  
*tão tunante!*  
*Não me importa*  
*nada, nada.*

Que quer dizer? Não compreendo, nem creio que ninguém compreenda. Ouvi um pedaço e fui logo embora.

*Eu, escond...*  
*Eu, era t...*  
*Pim, pom...*  
*Para casa!*

Ludovica Carlovna perguntou o que queria dizer aquilo, e eu respondi que era melhor ela explicar antes o "Alarme no país dos cogumelos". Que naturalmente viriam no espetáculo muitos sub-chefes, os camaradas, e nos dariam uma boa vaia, e bem merecida. Carlovna respondeu que, na sua opinião era uma opera encantadora, e, se eu não queria tomar parte, que ao menos não atrapalhasse. Fui embora, e com ela ficaram apenas os pequenos do primeiro grupo. Silva me disse que tinha esquecido o diário, mas que traria no dia seguinte.



Agosto 14, 1924.

Lí o diário de Silva e fiquei com a impressão de que ela esconde alguma coisa. O diário é interessante, não há dúvida, mas incompleto. Mas, não é possível adivinhar o que é que falta, porque Silva não põe as datas, como eu. Escreve tudo em seguida.

Eu também não darei o meu completo, mas apenas o caderno do primeiro semestre.

*(Aqui há intercalado no caderno de Riabtsev outro caderninho de papel pautado, com a seguinte inscrição):*

### C-A-D-E-R-N-O

De Silfida (Eudoxia) Dubinina, aluna do quarto grupo do ensino secundário.

O caderno começa com uns versos de Yesenin:

*"Não sinto, não chamo, não choro."*

Depois, versos de Tiutchev, Balmont, Buin e "O louco" de Apujtin. Em seguida, o texto:

Quero e devo experimentar tudo, tudo.

A vida, na literatura é uma coisa, e outra, completamente diversa, na realidade. É muito mais fácil viver na fantasia que na realidade. Mas é preciso lutar contra essa tendência.

Que é a vida? Uma novela.

Qual o autor? Anônimo.

Que fazemos? Lemos — soletrando —,  
Rimos, choramos e dormimos.



É difícil acreditar que Karamsin escreveu no século XVIII... E, entretanto, foi Karamsin. A princípio escrevia epigramas, e depois, história.

Z. P. disse que tenho um estilo literário. Perguntei-lhe o valor disso na vida, e ela disse que é um reflexo da cultura. Um homem culto tem horizontes mais amplos.

Minhas relações com Stasia V., como antes com Lina G., consistem no fato de eu servir de válvula de escape para suas efusões. Não sinto nisso nem prazer, nem desgosto. É a mesma coisa. A amargura de Stasia não é tão violenta e suas lágrimas são pouco ardentes. Lina tinha motivos muito mais sérios para se desesperar.

Contudo, nos momentos mais críticos, olhando para mim mesma, me convencia de que nada é tão querido à gente mesma que a própria pele e, que a vida é muito mais terrível que as desgraças passageiras. Já percebera isso há tempo, há uns cinco anos, desde o início de minha vida consciente.

Acho que todos os jovens de minha idade têm consciência disso, e se não, pelo menos, sentem-no. Mas isso não tem importância. Além do que, toda a nossa geração compreendeu que, apesar do terrível da vida, é possível e é nosso dever lutar com ela e vencê-la. Então, não será mais tão terrível, e nos oferece até uma face risonha. Estas ideias não são minhas, mas me dou por satisfeita delas me terem penetrado e lançado raízes no mais profundo de meu ser.



Isso dá força e possibilidade de lutar com a vida. Eu, em todo o caso, nunca faria um disparate como o de Zoia e Lina. Foi uma bobagem enorme, e o fato de não conseguirem o que queriam tornou a coisa ridícula. E isso é o pior do mundo.

Quando estou só, minh'alma se enche de sensações estranhas. Uma separação absoluta da terra, como se eu flutuasse no vácuo. E isso, acontece principalmente à luz da lua.

Faço falta a alguém? Creio, às vezes, que não. Começo então a procurar febrilmente alguém que precise de mim. É porisso que sirvo de válvula de escape às efusões alheias.

Sei ler porque meu pai é tipógrafo. Desde menina só vejo livros e aprendi a ler com cinco anos.

Relí tudo o que escrevi e fiquei pensando; tudo depende de meu humor. Posso até chorar, embora ninguém pudesse ter conhecimento disso. Ou, por exemplo, rir às gargalhadas, sem conseguir me dominar. Faço o possível por me controlar, porque, senão, perderia completamente o meu freio particular.

Ontem Stasia V. veio me ver, para falar de seus amores. Acho que faz muito mal em se torturar. Tanto faz! Ela nunca será admitida na escola superior, porque é analfabeta e não quer terminar o quinto grupo. Seria melhor que se casasse e ficasse em paz.

Acabou de terminar o escândalo domestico. Meu pai chegou, um tanto tocado e começou a ralhar com mamãe. E se agarraram pelos cabelos. Mamãe gritou:



“Socorro, Dunika!” e papai “Silfida, não se meta. Crianças não devem presenciar as diversões dos mais velhos!” Foi repugnante e se meu pai não tivesse ido embora, eu iria, não sei porque.

Terminei “Guerra e Paz”. Eu gostaria de ser Natacha Rostova, mas é impossível. Natacha tem uma vida verdadeira, completa, mas ela não é mais que uma sombra. Acho que Natacha tinha aspirações ideológicas, mas Tolstoi as escondia, como proprietário e conde — representante do feudalismo.

Costia R. parece com o Nicolas Rostov, mas não é tão bobo. Zoia T. parece a princesa Maria Bolconskaya, mas é mais linda. Apesar disso, a beleza de Zoia não me agrada: é muito estranha. Depois, ela se penteia de uma maneira muito descuidada. Em geral, a respeito de beleza as opiniões diferem muito. Eu, por exemplo, não vejo o que certo individuo vê em Stasia V. Tem o nariz chato falta um dente da direita, e quando anda mexe os braços como um militar. Mas um homem que eu sei, morreria por ela.

Percebo perfeitamente, a vulgaridade do que escrevi, mas não pude me impedir.

Se for sempre castigada, espero perder este costume tão feio. Se, em lugar de estudar, eu trabalhasse na fábrica seria, talvez, muito mais fácil; mas pode ser que não, porque conheço exemplos da vida da fábrica a qual está filiada nosso alvéolo de Comsomol.

Um é este: certa menina de dezesseis anos, se casou com um jovem da mesma fábrica, e todos começaram a caçoar dela. Acho isso inconcebível. Desde que o Governo permite o casamento aos dezesseis anos, que cada um case quando queira.



Por minha parte, não me casaria agora. (E já tenho direito, porque em julho fiz a idade legal.) Conheço vários casais e a maior parte é infeliz. Tenho o exemplo de meus pais. Meu pai, antes, não bebia, mas agora, desde que está contra ela, começou a embriagar-se.

Mas, de outro lado, quero experimentar tudo, tudo. Até conhecer tudo, não ficarei sossegada.

Compreende, perfeitamente, a necessidade de se dominar e se controlar. Há em mim, duas forças em luta e não sei qual vencerá. A que me empurra para todas as experiências se chama Dunka; a que me contém, eu a chamo de Silfida. Esta é mais forte e Dunka é uma tonta, sem ideias.

A respeito da ideologia. A ideologia ajuda a viver, é verdade. Mas nem sempre a gente pode se orientar. Por exemplo, no caso da dança. Sempre achei que não se devia dançar, e outro dia, no clube da fábrica, eu os vi dansando. Fui falar a respeito com o secretário Ivanov, e perguntei:

— É permitido dançar?

— Mas, quando foi proibido?

— Então, porque é que dizem que é uma trivialidade, e, segundo uma expressão de um colega, apenas um roçadinho?

— É que todos se tornaram demasiadamente sabidos. Não impomos o baile a ninguém. Quem quiser se divertir que se divirta, contanto que não prejudique os demais.

Muito compreensível! Às vezes a ideologia se torna inacessível; mas dela depende a orientação da vida.



É mais fácil compreender a literatura que os atos da vida diária. As obras literárias podem ser lidas muitas vezes, e depois, a gente pode ficar pensando sobre o que leu, enquanto que os assuntos quotidianos têm de ser resolvidos imediatamente.

É na escola onde a gente fica em situações difíceis, mais frequentemente, e precisa se orientar por si mesma, porque não há quem consultar, nem tempo para isso. Sobretudo, nos litígios entre professores e alunos. Tem havido frequentes motins. E o inspetor disse que nossa escola é mais um bando de espadachins. Está claro que não é verdade. Há muitas desordens, mas vivemos numa época revolucionária e as cousas têm de se passar assim.

Zin-Palna nos fez estudar Pushkin e é muito interessante trabalhar com ela. Estamos analisando o poema — Eugenio Oneguin. Precisamos notar, sobretudo as ideias. Oneguin está completamente imbuido da ideologia feudal-burguesa-naturalista-patronal. É muito comprido mas não há jeito de dizer de outra forma.

Isto não é uma deshonra para Pushkin, porque não viveu com a ditadura do proletariado e o regimen soviético. Viveu sob o tzarismo, e seu representante Nicolau I oprimia Pushkin, exilando-o para Kichinev e mais tarde para sua terra natal.

Não posso compreender que Pushkin fosse arabe, e é surpreendente como, apesar de seu sangue ardente meridional, tenha podido escrever uma obra tão fria como Eugenio Oneguin. Zin-Palna contou que no tempo de Pushkin as jovens ficaram encantadas com o tipo de Tatiana. Não posso entender como numa época de



tanta perversidade, Tatiana pudesse ter sido uma ideal. Talvez porque não houvesse mulheres semelhantes. Pushkin, o romântico, inventou a figura de Tatiana, como inventou também a de Onegin.

É difícil explicar porque sinto que não gostaria de ser Tatiana, e porque jámais serei como ela: é preciso entregar-se ao amor, se é leal, e não afogá-lo. Em geral, Tatiana não é meu tipo. Nunca participou das lutas revolucionárias, e a vida sem elas é impossível. Por outro lado, Tatiana me agrada porque foi capaz de dirigir seus atos, segundo seus desejos, e isso é uma grande cousa.

Acho isto concebível exteriormente, mas intimamente, a luta sempre existe. Está claro que isto era mais fácil para Tatiana, porque não era "outubrina" e Silfida, e agia apenas segundo a moral naturalista-paternal. (É a opinião de Nicolas Petrovich).

A maioria das minhas colegas querem ser artistas de cinema ou bailarinas. Não têm a preocupação de estudar; o essencial é entregar os trabalhos, e não se importam com o que fica, ou não fica, na cabeça. É, pois, muito compreensível que a maioria delas seja tão ignorante quanto Stasia V. Uma menina do quinto grupo me disse outro dia: Logo que terminar a escola, vou ser artista de cinema e vou para a América. É o meu programa de vida." Apenas uma minoria quer se empregar nas fábricas depois da escola.

Zoia está me perseguindo. Onde vou, ela vai também. Que será que ela quer de mim?



Fui à reunião do alvéolo e falou-se a respeito da organização deficiente do trabalho social na nossa escola. A culpa é dos próprios alunos, e não dos *maesc*, é a opinião deles. Serioga Blinov declarou que era irremediável porque na escola tudo é feito segundo a vontade dos *maesc*, e a própria autonomia, não é mais que "um inválido apoiado nas muletas dos *maesc*". Responderam que nós é que somos os culpados, devido à nossa pequena atividade. E que, além disso, havia um programa enorme de trabalhos sociais. Serioga informou-os a respeito dos jornais murais e circulantes. Objetaram que nós não tínhamos organizado um plano de colonização e que nossos colonos — como são todos os grupos dos pequenos — se dedicavam a passear pela sala ao som da marcha militar e a brincar. Serioga quis protestar, mas fecharam-lhe a boca dizendo que é muito fácil falar para justificar a inatividade, mas que o trabalho prático nesse sentido é mais difícil. Enfim, passaram-nos uma repreensão em regra. Precisamos trabalhar a sério.

Agosto 17, 1924.

Disse a Silva que o diário não estava completo e ela não protestou. Foi correta. Disse ainda que queria ficar com ele mais uns dias para ler com atenção, e dei-lhe os três cadernos meus do primeiro semestre. Antes, eu os lí, para me certificar de que não havia coisa alguma que ela não pudesse ler. Vamos ver o que ela diz.



Agosto 18, 1924.

O incidente com Tamanco ameaça de ter um fim desagradavel. Parece que deu margem a várias conferencias entre os *maesc* — Nicpetoj me contou — e que Zin-Palna insistiu em levar todos os culpados — a maioria dos alunos — ao tribunal escolar-social. Mas Elnikitka declarou que, se não tivesse sido Riabtsev, os outros não teriam feito nada, e, conseqüentemente, só eu deveria ser julgado. Tamanco passeia, vermelha e mal humorada porque já foi chamada várias vezes para prestar declarações. Mas Silva, me assegurou que se sente muito orgulhosa por ter provocado tanto reboliço.

Indaguei de Nicpetoj qual seria o castigo e ele me disse que achava que não passaria de uma repreensão pública. Ofereceu-se para me defender pessoalmente diante do Tribunal e me aconselhou que elegeisse um defensor entre meus camaradas.

Pensei muito e disse a Silva que não sabia quem elegeer. Ela então perguntou se eu fazia alguma objecção a que ela própria fosse o defensor.

— Mas como é que você vai me defender? — perguntei.

— Você vai ver, não se preocupe. Você apenas precisará dizer "sim" ou "não".

Aceitei.

Agosto 19, 1924

Recebi um golpe no pé e estou coxeando, mas continuo indo às aulas. Iuchka Gromov foi quem me acometeu ilegalmente, porque estava jogando, como eu, no segundo time e não tinha nenhum direito de se jogar sobre mim. Deixe meu pé ficar bom e ele vai ver!



Agosto 20, 1924.

Houve, hoje, um escândalo formidável na escola. Vou escrever em ordem para depois entender facilmente.

Foi no auditório, durante as aulas sobre Pushkin. Há dias, Zin-Palna pediu que redigissemos uma crítica do Eugenio Oneguín. Todos fizeram e entregamos três dias atrás—o quarto e o quinto grupo também assistem este curso. Hoje, apenas nos reunimos, Zin-Palna entrou apressada, sentou-se com ar misterioso, colocou sobre a mesa os nossos cadernos e papeis e ficou em silêncio. Nós, com ela. Três minutos se passaram e eu comecei a tossir ligeiramente. Volodia Schmerz não pôde conter o riso. Então Zin-Palna disse, bruscamente: "Se Alejandro Sergueyevich Pushkin vivesse ainda, teria morrido agora ao ler, apenas décima parte dos disparates que vocês escreveram sobre a sua obra."

Ficamos um tanto constrangidos, mas depois começamos a rir. Zin-Palna prosseguiu:

— É claro que nem todos se distinguiram neste sentido. Há alguma coisa boa; mas, como exceção, acentua apenas a regra geral. Um exemplo:

Pegou um caderno e leu em voz alta:

"Pushkin foi um marxista e um novelista. Por isso escreveu toda uma novela com o título de Eugenio Oneguín, onde se matizam as lutas de classe que houve na sua época. Mas Pushkin era burguês, e por isso não podia escrever nada a respeito do proletariado, e só escreveu sobre a burguesia. Depois casou-se e escreveu um conto para os cursos primários, entitulado "Conto do tzar Saltan e seu jornaleiro Balda.". Depois foi morto num desafio e enterrado. Mas Eugênio Oneguín pode ser lido até hoje."



A gargalhada era geral, mas Zio-Palna olhava gravemente, e por fim, disse:

— De quem estão vocês rindo? De vocês mesmos? Para que o saibam... Isto é do Gogol, cujas obras vocês devem ter lido com a mesma atenção com que leram Pushkin.

— É possível que todos tenham escrito dessa maneira?—perguntou Silva.

— Disse que há exceções. Mas estas não modificam a impressão geral. Aqui está um resumo de Oneguin que merece ser lido do princípio ao fim.

Tomou a folha e leu:

“Eugênio era filho de um cavalheiro libertino. Tatiana foi uma proprietária que lia novelas, maltratava os criados e usava espartilho. Estava fascinada por Oneguin, e obrigou sua ama a escrever-lhe uma carta. A ama enviou o neto com a carta à casa de seu vizinho. Tatiana estava enamorada de Oneguin. Mas guardava sempre sob a almofada; visitavam os pobres e sofriam de melancolia. Mas o poeta Lensky quis proteger Tatiana. Lensky é o contrário de Eugênio e brigavam todos os dias. Um dia Oneguin disparou o revólver e deixou-o no lugar. Tatiana se casou depois com seu amigo, o general, e chegou a viver no meio de grande opulência. Dissipavam tudo em banquetes, e chamava a atenção da própria corte. Mas seu marido era um mutilado. Eugênio tornou a ver Tatiana e ficou fascinado, mas tinha uma capa que o descobria. Eugênio foi à casa de Tatiana, e declarou-lhe amor. Ela disse que estava casada com um general e queria ser fiel. Assim termina a história de Eugênio.”

— Quem escreveu isso foi Staska Velepolskaya—gritou do seu lugar Iuchka Gromov. Vi ela escrever nessa folha.



Esse grito terminou as gargalhadas. Staska se levantou de um salto, ficou muito vermelha, quis dizer alguma coisa; mas, por fim começou a chorar, e fugiu do auditório como um bólido. Mas a cousa não parou aí.

— Espero, Gromov, que você tenha apreciado os efeitos da intemperança no falar — disse Zin-Palna depois de um breve silêncio. Quem mandou dizer alguma coisa? Gritando, não conseguirei elevar o nível cultural de Velepolskaya, nem farei com que estude mais. A única coisa que se poderia obter, era que ela deixasse de frequentar a escola.

Silva levantou-se e disse — o que me deixou assombrado:

— Não, Zinaida Pavlovna, estas cousas devem ser discutidas publicamente. Se for para não fazer caso, ou deixar passar, com indiferença não haveria necessidade do ensino secundário.

As meninas começaram a murmurar entre si, mas Silva continuou:

— Não agrada às meninas o que estou dizendo? Pois não me atinge e continuarei falando. É muito natural que não agrade. Se lhes interessa mais a academia de dança, porque não vão para lá? São muitos aqueles que gostaria de estudar e não puderam entrar na escola. É preciso dar-lhes uma oportunidade para fazê-lo.

A maioria das meninas levantou-se e começou a gritar, mas o ruído impedia que se entendesse. Algumas, com os olhos chamejantes, pretendiam agredir Silva. Uma, frenética, ameaçou-a com os punhos fechados.

Não se acalmavam e Zin-Palna, com um soco na mesa e batendo o pé no chão, gritou:



— Silêncio! Não esqueçam que estamos na aula. Estava vermelha de indignação. Mas já reparei que ela tem um secreto prazer nos escandalos, embora finja indignação.

Quando fez-se novamente silêncio, Zin-Palna propôs que se elegesse um presidente e se fizesse uma apuração sobre a conduta de Iuchka Gromov. Tinha ou não o direito de revelar o nome de Staska Velepolskaya?

Embora seja um tema individual — disse Zin-Palna — proponho uma discussão ampla do assunto, isto é : Pode-se tolerar no quinto grupo do curso secundário uma ignorância total, como a refletida na análise de Eugenio Oneguin?

Serioga Blinov que não falara até então, disse:

— Vivemos aquí estudar e não discutir problemas.

— Devo confessar que você, Blinov, me surpreende.

Você — continuou Zin-Palna — partidário fervoroso dos debates amplos sobre todos os assuntos, agora vem se manifestar contra este? Está claro que se a maioria não quiser, retirarei minha proposta, e estou disposta a retomar o curso de Pushkin e suas obras. Como vocês se lembram, no curso anterior, dedicamos dois meses ao estudo desse poeta.

O assunto de Velepolskaya terá de ser examinado pelo Conselho da Escola e pela Assembleia Geral.

— Não! — tornou Silva. A opinião de Blinov não é obrigatória. Eu, por exemplo, acho que o assunto merece discussão imediata, e que seja dada uma resolução indicando as medidas que deverão ser tomadas e adotadas pela escola.

Começou a votação e a metade dos alunos manifestou-se a favor do debate e a metade contra. Serioga disse:



— Eu saio. Foi aqui usada uma medida que os professores adotam em casos como este. Antes de votar Zin-Palna nos ameaçou dizendo que levaria o assunto a um Conselho da Escola e à Assembleia Geral. É lógico que sua proposta tenha juntado certo numero de votos, e que o debate se efetue contra a opposição da maioria. Este gênero de ameaças pode ser chamada de violência, pressão moral. Por minha parte, renuncio à minha faculdade de intervir numa discussão organizada por meios violentos.

— Você não deixa de ter certa razão, Blinov — respondeu Zin-Palna; mas você tem de concordar comigo que fatos como a composição de Velepolskaya e o despropósito de Gromov, não podem nem devem passar despercebidos, tanto pelos alunos como pelos mestres. Que posso fazer? Proponho uma medida que pode ajudar uma orientação futura; uma medida que a meu ver é sensata e, para uma parte dos presentes, aceitavel. Mas você me diz que veio estudar e não discutir. E querer levar o assunto ao Conselho ou à Assembleia Geral, você qualifica de violência. Isso nos leva a pensar que você, Blinov, quer escamotear o assunto, e por motivos que eu ignoro.

— Que saia de uma vez! — gritei. É muito aborrecido ouvir estas discussões e não leva e nada. De duas uma: discussão ou estudo. Essa história de falar pelo gosto de falar, não traz conclusão alguma.

— Claro! É isso mesmo! — gritaram os meninos. Ou um ou outro!

Alguns saíram atrás de Blinov, mas a maioria ficou e resolveu começar o debate. Fui eleito presidente.

Zinaida Pavlovna foi se sentar na minha carteira e eu fiquei no lugar dela. Iuchka Gromov tomou a palavra:



— Não vejo delito algum na minha conduta! Disse-se que era Staska e que mal há nisso? Que não escreva essas cousas!

— Não grite! Ninguém perguntou nada. O que você está dizendo não tem sentido. Sente-se. Quando chegar a sua vez, você será chamado. — disse eu.

Iuchka protestou dizendo que eu não sabia presidir, e que não tinha direito de fazer advertências. Mas todos gritaram dizendo para ele ficar quieto, e ele teve de se retirar. Silva pediu a palavra:

— Sei que minhas palavras provocaram certa animosidade entre algumas meninas, mas isso era inevitável. Mas é pelo bem delas. Dentro de uns meses, o quinto grupo deverá ingressar nas escolas superiores e começar a vida real. Qual a sua contribuição? O que nos leu Zinaida Pavlovna, não pode ser qualificado como falta de cultura, mas como ignorância absoluta. O pior de tudo é que Velepolskaya não achou oportuno consultar nem professores nem alunos que possuem mais conhecimentos que ela. Escreveu ao Deus dará... Minha proposta concreta é a seguinte: Que o nosso quinto grupo tome cuidado e liquide sua ignorância antes de entrar na Escola Superior.

Volodia Schmerz: — Zinaida Pavlovna disse que ao ler nossas composições Puchkin morreria de novo. Mas acho que era preciso deixá-lo morrer, porque ele era de origem burguesa e nós, segundo a canção, somos "A jovem guarda de operários e camponeses."

— "Não vemos em que isso venha ao caso, camarada Schmerz — interrompi — Faça o favor de se restringir ao assunto e não dizer bobagens. Senão, serei obrigado a retirar-lhe a palavra.

— Bom: vou me restringir ao assunto; Creio que Gromov tinha o direito de revelar o nome do autor da



composição, porque o fato de Velepolskaya conversar longamente com os *maesc*, mesmo a sós, não demonstra sua cultura...

— Está retirada a palavra ao orador — disse então. Não faltava mais nada senão começar com mexericos.

Schmerz deu uma gargalhada fingida e sentou-se. Mas eu continuei:

— Se você não se comportar melhor terei de pedir que se retire.

— Mas como ficou educado, Riabtsev! — tornou Schmerz. Você está querendo ser eleito pelo Conselho?

Irritei-me: — Por alusões à pessoa do presidente, peço a Schmerz que se retire.

— Não sou nenhum pimpolho e não saio daqui sem mais aquela.

— Que história é essa de pimpolho? Vamos?

— Bom eu vou. E o “pimpolho” é das cartas de Puchkin. Aconselho você a lê-las. Acabaria assim com a sua ignorância, Riabtsev.

E foi-se. Acho que fez tudo isso para demonstrar que eu não tinha lido as cartas de Puchkin.

Uma das meniñas maiores pediu a palavra e falou contra Silva. Disse que a culpa da ignorância não era dos alunos mas dos *maesc* — ela tem uma certa razão e que não se devia permitir que analfabetos chegassem até os grupos superiores. Falava com um tom patético e o debate teria terminado sem incidentes, quando, de repente aconteceu o seguinte:

Nicpetoj entrou precipitadamente, olhou em torno e viu Zin-Palna sentada na minha carteira e sentando-se ao lado dela, falou acaloradamente. Zin-Palna negava com um movimento de cabeça e respondia com o mesmo tom acalorado. Ficamos calados, olhando inter-



rogativamente na direção deles. Por fim, Nicpetoj levantou a voz, e disse muito excitado:

— Que procedimento pedagógico é este de difamar uma jovem, fazê-la chorar e levá-la a um ataque de histerismo?

Zin-Palna, muito calma, respondeu em voz alta, também:

— Não vale a pena falar disso aqui, Nicolas Petrovich, falaremos sobre o assunto na sala dos professores.

— Não, você não tem razão! — disse Nicpetoj e quis continuar; mas eu, fazendo das tripas coração, disse:

— Nicolas Petrovich, apesar da consideração em que o tenho, não lhe dei licença para falar. Por conseguinte, se você quer falar em particular, vá para o corredor. Estamos no meio de um debate...

— Ah... então há um debate? Não sabia. Desculpe. E saiu do recinto.

Zin-Palna saiu logo atrás. Mal haviam saído, todos deixaram os seus lugares e por mais socos que eu desse na mesa, não conseguí restabelecer a ordem. As meninas se agruparam num canto e começaram a cochichar entre si. Silva veio para perto de mim:

— Creio que todos vamos com rapidez para a trivialidade. Como poderíamos evitar isso?

— Onde está a trivialidade?

— Pois, ai: o debate. Além do que, acabo de me surpreender comigo mesma: quando Nicpetoj entrou, eu estava quasi certa de que ele entraria...

— Eu também...

— Pois você vê. Tudo de uma grande trivialidade. Vamos embora.



Na sala dos *maesc* eles estavam discutindo com grande veemência. Todos se tinham reunido e a voz de Nicpetoj dominava todas as outras. Soube pelos pequenos que Staska tinha tido um ataque de histerismo e tinha ido para casa.

Os meninos estavam constrangidos. Pensei que o melhor que eu tinha a fazer era ir ao futebol, e fui.

Agosto 24, 1924.

Há rumores, cada vez mais insistentes de que o corpo docente sofreu uma cisão; dizem que Nicpetoj quer deixar a escola; que o resto dos professores apoia Zin-Palna; que Nicpetoj está sozinho... Muitos rapazes ficaram com ele, as meninas, quasi todas.

A confusão é geral. Não sei que atitude tomar. Silva se declarou partidária incondicional de Zin-Palna porque, segundo ela, Nicpetoj, não obstante seus sentimentos em relação a Staska, deveria ter defendido a igualdade e reconhecido a falta de razão dela, que, além de tudo, não devia estar no quinto grupo.

De pleno acordo; mas de outro lado, em primeiro lugar, gosto muito de Nicpetoj; e, além disso, sempre, em principio, fico com a minoria. Embora a maioria dos alunos esteja com Nicpetoj, a maioria dos *maesc* está contra e ele será vencido, sem duvida, porque eles estão em maioria, e sempre vencem.

Para mim, a questão é a seguinte: ou Silva ou Nicpetoj. Silva diz que, se eu ficar com Nicpetoj serei um homem sem princípios.

O problema não é assim tão facil; é preciso meditar longamente, e enquanto não encontrar uma solução, não tomarei partido.



Agosto 26, 1924.

Em vista da proximidade do novo ano escolar, Silva e eu nos dirigimos ao secretário do alvéolo, Ivanov, para que nos dissesse quando seremos membros do Comsomol. Ivanov declarou não ter inconvenientes em fazer a propósta á junta do alvéolo, e que era provavel que nossa admissão fosse sancionada, embora isso fosse bem pouco, porque, segundo a opinião dele, nós poderíamos ser sócios ativos, se quiséssemos, por ter disposições para tanto. Sentí um grande prazer ao ouvir isso. Depois, Ivanov, desenvolveu a ideia de que o título, o fato de ter o rótulo de membro do Comsomol, carecia de interesse; o que interessava, era ser, de fato, um membro. Para isso, era preciso elevar a ação social da escola à altura devida. Sugerí, que, segundo minha opinião, Serioga Blinov, ex-secretário de nosso alvéolo, era o mais indicado para fazê-lo.

— Pois, nisto eu não estou de acordo com você — retrucou Ivanov. Antes de mais nada Blinov é um tagarela. Depois, se todos os membros do Comsomol descarregassem sua responsabilidade no secretário, por mais resistente que este fosse, rebentaria de trabalhar, enquanto os demais ficavam ociosos. Não é razoavel. Alem do que, têm a possibilidade de tornar-se gente culta, e vocês têm de justificar a confiança que lhe é depositada sem perda de tempo e demonstrar que vocês estão na vanguarda. Para isso é preciso trabalhar com todas as forças e não passar a carga para os ombros do vizinho.

— Escute, camarada Ivanov, quero perguntar uma cousa — disse Silva. Você mencionou gente culta, dizendo que temos a possibilidade de ingressar nas filas. Mas há o seguinte: nossas moças mais inteligentes que-



rem, ao terminar a escola, entrar nas fábricas. Talvez fosse melhor que entrassem antes, sem terminar os estudos.

— Mas para que querem entrar nas fabricas? —  
Que querem fazer lá?

— Trabalhar. E, alem do mais, crescer entre a classe proletária.

— Para que?

— Para crescer entre a classe, para sermos proletárias.

— Mas é muito dificil, depois da escola, trabalhar na fabrica. Alem do que, lá se começa a trabalhar desde a adolescencia.

— As dificuldades podem ser vencidas.

— Com efeito! E talvez fosse bom que nossa senhoritas suassem um pouco — disse Ivanov. Mas, seria racional? Isto é, seria um consumo de energias racional? De qualquer maneira, custaram ao povoado muito dinheiro para que pudessem ser-lhe útil com seus conhecimentos, e vocês querem atirar isso fora, e converter-se em operárias da fábrica? Será preciso gastar uma energia suplementar na aprendizagem da fábrica. E o povoado não dispõe de energias superfluas. Alem do que temos muitos desempregados. E, em lugar de dar trabalho a eles, perderemos tempo e dinheiro para tornar a ensinar, e perder tudo o que se gastou com vocês? Não tem sentido. Temos tambem falta de médicos, professores, engenheiros tecnicos. Como você vê, temos de desistir da fábrica.

— Então, somos proibidas de entrar na fábrica?  
— perguntou Silva.

— Não, não são proibidas — respondeu Ivanov. Se você insistisse muito poderia ser admitida na nossa, ou em outra qualquer. Mas vocês devem ver: É ra-



zoavel? Vocês são concientes e se dão conta da situação difícil do Soviet, e não acrescentar obstáculos, mas, procurar afastá-los.

Perguntei a Ivanov qual deveria ser, nosso trabalho na escola e que deveríamos fazer para elevá-la à devida altura.

— Na escola, a ação de vocês passa despercebida — respondeu ele, e eu fiquei mortificado. Ao menos não se vêem os frutos. Para frutificar, é preciso deixar de falar e encetar o trabalho.

— Que é que podemos fazer, Silva e eu? —

— Vocês já organizaram os colonos?

— Organizado! Os colonos prometem solenemente ao desfilar ao som da marcha militar, usar gravatas, tomar parte nas paradas...

— Vejo que se limitaram a usar gravatas. Agora, estão sendo organizados em todas as escolas, postos avançados de colonos, sendo recrutados para isso, os alunos não ocupados nos destacamentos. Os postos avançados devem empurrar a escola na direção da vida social e política do país, organizar a autonomia, ajudar os professores, inclusive no ensino, e além do mais, fomentar a educação política, física, anti-religiosa dos meninos. Há tanta coisa o que fazer! Seria ótimo se vocês se encarregassem do primeiro posto avançado da escola.

Despedimo-nos e fomos para casa.

*Agosto 27, 1924.*

Houve uma revisão do caso de Tamanco. A coisa foi solene. Seriaga Blinov foi eleito presidente do tribunal. De início se negou mas depois aceitou, sem



grande entusiasmo. Os acusadores são dois: Almak-fisch e Ninka Fradkina. Os defensores também são dois: Nicpetoj e Silva.

Sentamo-nos, Tamanco e eu, um em cada banco. Elegeram depois doze jurados, um de cada sexo. Quando Volodka Sehmerz, Iuchka Gromov e uns amigos deles foram eleitos eu comecei a sentir que não ia muito bem.

Serioga Blinov abriu a sessão dizendo:

— Costia Riabtsev é acusado de ter armado um reboliço, absolutamente intoleravel, na escola, contra a vítima Elena Orlova. Costia Riabtsev, você reconhece o delito?

— Que delito? — perguntei. Reconheço que me diverti Mas quanto a delito não percebo onde está. Todos faziam o mesmo.

— Quem?

— Todos os meninos.

— Mas você foi o iniciador.

— De modo algum.

— Quem foi, então?

— Ninguem. Nós a empurravamos e só. Era um jogo, não é?

— Em todo jogo há um chefe. Por exemplo, há um capitão no jogo de futebol.

— O futebol é um jogo organizado e este é improvisado.

— Bom chega por ora. Lena Orlova, você se reconhece vítima de Riabtsev?

Ela ficou quieta.

— Orlova — perguntou em tom oficial Serioga — estamos esperando.

— Ele me empurrava! — respondeu com uma voz apenas audível.



Todos começaram a rir estrepitosamente. Serioga tocou a campainha.

— Queiram os presentes conduzir-se com mais decoro, porque, caso contrário, farei evacuar a sala. Então, Orlova reconhece-se como vítima?

— Mas que história é essa! — gritou Kolka Paltusov do seu lugar. Ela apenas reconheceu que a empurram, nada mais.

— Paltusov, um grito mais e terá de abandonar a sala! Orlova, o fato mencionado, era agradável?

— Não, desagradável! — piou.

— Então porque não se queixou ao professor de serviço?

— Tinha medo.

— De que?

— De que... me batessem.

Todos tornaram a rir. Serioga disse:

— Que bobagem, Orlova; quando, na nossa escola, os meninos bateram em meninas?

— Muitas vezes!

— Quero fazer uma pergunta: — disse Zin-Palma — Orlova, responda: porque não se prestaram contas das brigas e como é que nunca ninguém as percebeu?

— Porque é brincando... — respondeu. As vezes são até as meninas que batem neles.

— Bem. Basta, por ora. Queiram começar as testemunhas. O tribunal chama uma testemunha, a cidadã Kaurova, que estava de serviço nesse dia. Elena Nikitichna, que tem a nos dizer sobre o assunto?

— Posso dizer que Riabtsev, como é um menino imoral, capitaneou o bando que atacou Orlova. Ele e Orlova chamam a isso, jogo, mas não é. É uma indecência, isso sim. E não é admissível numa escola, como



se fosse apenas uma travessura infantil. Mas, quanto a Riabtsev, há ainda outros dados...

— Mas desses, não trataremos agora — interrompeu Serioga — Quem tem algo a declarar?

— Eu — respondeu Paltusov.

— Que é que você pode dizer? Fale, depressa.

Ouviu-se então a voz de Silva.

— Protesto contra o presidente, por escolher as testemunhas.

— Muito bem. Não é preciso que todos falem. Pode falar, Paltusov.

— Pois bem... — disse Kolka — eu também tomei parte naquilo e não compreendo porque estão julgando o camarada Riabtsev. Foi uma cousa corrente, e, se vão julgá-lo só por isso, a escola inteira terá de ir para o banco dos reus, várias vezes por dia. Queiram, os professores se lembrar, fizeram ou não fizeram estardalhaço quando eram pequenos e mesmo no curso secundário? Nos livros a gente lê que sim. Mas antes, eles tinham um grande poder e os professores maltratavam os alunos por causa disso; e como não se permite isso hoje, inventam o tribunal...

— Ninguém inventou o tribunal! — interrompeu Serioga severamente. O tribunal é uma instituição organizada da sociedade soviética. Bem. O uso da palavra está com os acusadores. Alejo Maximisch, queira fazer o favor...

Mas Almakfisch declarou:

— Renuncio ao uso da palavra, porque o assunto está bem claro.

Os olhares concentraram-se nele. Falou então Ninka Fradkina, o segundo acusador:

— Peço um castigo severo para Riabtsev. Que seja expulso da escola; e isso porque tem as mãos prontas e



é incapaz de passar perto de uma menina sem tocá-lhe as costas.

— Mas você mesma me puxou os cabelos na semana passada — objetei.

— O acusado falará depois. Silêncio agora — repreendeu Serioga.

— Eu o fiz uma vez, e você já fez muitas. Além do que, organiza os meninos para “jogar” com Orlova. Dizem que gostam de ouvir os gritinhos dela. Se lhes agradasse ouvir os meus, ou receber nas faces um meu sapato, fariam o mesmo comigo. É uma infamia que se ponham a amolar as meninas. Por isso, insisto na aplicação de um castigo exemplar a Riabtsev. Se não for expulso, ao menos que tenha de resolver cem problemas de matemática numa semana.

— Fazer estudar, não é castigo — disse Serioga. Queiram falar os defensores. Dubinina, quer falar primeiro?

— Porque não? exclamou Silva e se levantou agilmente. Olhei para ela e não a reconheci. Os olhos brilhavam. O cabelo em desordem.

— Se expulsarmos Riabtsev, teremos de fazer o mesmo com todos os outros meninos. Ficarão apenas as meninas. Porque tanto Fradkina, a acusadora de Riabtsev, como todas as outras, sabem perfeitamente que ele não é o único culpado. Nos corredores e nas salas há sempre reboliço, e nunca se sabe quem que começou. Mas isso seria ir contra a ideologia dos Soviets, que instituíram o ensino bissexual para libertar a mulher, e instituir a igualdade. Talvez Riabtsev dê mais socos, mas é razão suficiente para alterarmos o estabelecido e separarmos os sexos? Porque ninguém se mete comigo sem que me atingem os galanteios e tapas nas costas? Porque não quero, nem o tolero. E o mesmo se



dá com muitas meninas. Em lugar de sentenciar Riabtsev, proponho que se sentencie os que gostam do reboliço e depois venham propor a expulsão dos demais.

— Sua vez, Nicolas Petrovich! — disse Serioga.

— Depois do que foi dito, nada me resta dizer. De qualquer maneira, quero acrescentar: em todo homem lutam dois princípios: o do bem e o do mal. Os homens são a incarnação de duas ideias contraditórias: Deus e Diabo, Luz e Trevas, etc., que tiveram sua repercussão na literatura. Há um drama de Shakespeare "King Henry", onde se descreve a amizade de Henrique por um canalha, Falstaff; como este assalta os viajantes e se entrega a uma vida de crápula. Mas o príncipe se torna rei. Falstaff vai ao palácio, achando que agora Henrique o encherá de honras e poderam retornar às antigas farras, mas se engana redondamente. Falstaff é para Henrique como a recordação de um pesadelo. A interpretação disso é a seguinte: há em cada homem um Falstaff e um Henrique. Às vezes, principalmente, nos jovens, Falstaff se sobrepor; mas basta que o homem perceba sua responsabilidade diante dos outros, para que Henrique se imponha como vencedor e o passado se apresente como um pesadelo... Vocês querem condenar a conduta de Riabtsev, na qual segundo Dubinina, não há nada de extraordinário. Mas suponhamos que é um período onde Falstaff predomina, mas que acabará se desvanecendo como a fumaça. Uma sentença condenatória provocaria em Riabtsev uma rebeldia e o levaria para o caminho do mal. Mas em Riabtsev há mais do príncipe que de Falstaff, isto é, o princípio do bem, nele, é mais forte que o do mal.

Neste ponto Almakfisch se levantou:

— Peço a palavra. Como acusador, tenho algo a objetar. Nicolas Petrovich fala do bem e do mal, e diz que em Riabtsev o primeiro é o mais forte. Mas



insisto e afirmo que, qualificativamente, o proceder de Riabtsev está além do bem e do mal e, quantitativamente, reflete o florescimento da época. Tenho dito.

Ninguém entendeu o que ele quis dizer. (Nicipetoj gosta muito de Shakespeare! Ele o cita, constantemente!)

— O acusado tem a palavra — disse Serioga.

— Não quero me desculpar. Todos sabem que não sou culpado. Se o fizesse seria uma farsa. Mas quero dizer o seguinte: primeiro Nicolas Petrovich e depois Alejo Maximisch falaram do bem e do mal. Na cultura política aprendemos que o bem e o mal não existem, que dependem das relações economicas, e que bem e mal são apenas ideias. Não creio que haja em mim nem o bem nem o mal. Quando não tenho fome, sou melhor, quando estou faminto, sou pior, e, se nesse momento me amolam seria capaz de dar uma surra em qualquer um. Tenho dito.

Os jurados se retiraram e deliberaram durante cinco minutos. Quando por fim, apareceram, meu coração parou. Teriam decretado minha expulsão? Mas Schmerz leu o seguinte:

“... censurar a conduta de Riabtsev e que parem de amolar Orlova. E que nenhuma menina deverá se deixar abraçar e empurrar...”

E tudo decorreu conforme a vontade de Silva.

*Agosto 28, 1924.*

Apareceu um novo jornal mural sem número nem assinaturas, com o título: pro-Nicipetoj. Em vista de eu não ter ainda decidido qual o partido a que me devo



filiar, não somente não tomo parte no jornal, mas nem sequer tenho ideia de quem serão os redatores. Silva também os desconhece.

Tem o seguinte artigo:

#### REMÉDIO: LUTA CONTRA A LINGUA SARNENTA

“O professor Ivan Ivanovich Estúpido acaba de descobrir um processo para a cura da sarna lingual, que tem se propagado, nos últimos tempos, de maneira alarmante. O astro rutilante da medicina, que acaba de receber o prêmio Nobel, sob a forma de dois pepinos salgados, dedicou a metade de sua vida à luta contra essa enfermidade da sarna. Iv. Iv. Estúpido encontrou o micróbio sarnoso-lingual, que se propaga por meio de alfinetadas do diz-que-diz nos organismos atacados de leviandade.

“Nosso eminente sábio injetou na própria carne o microbio e, em consequencia, começou a soltar 1000 por minuto, dos quais vinte por cento, eram brincadeiras idiotas. Graças à sua heroica resistência, conseguiu encontrar um remédio para a dita doença.

“A composição é a seguinte: extratos de Kautsky e outros autores marxistas, comentaristas da ética marxista, e seu nome, dado por Iv. Iv Estúpido é Antipilheril. Deve-se tomar nas horas de descanso e ao ditar-se.

“Além do Antipilheril, o camarada Estúpido iniciou um regimen para o tratamento da horrivel enfermidade. O paciente, para conseguir resultados positivos, isto é, a diminuição da produção bacilica, até 25 pilherias por minuto, deve pensar constantemente a respeito dos temas seguintes:

“1. — Comparar o incêndio de Moscow em 1813 com a queimada dos prospectos dos maese, realizada na nossa escola.

“2. — Procurar as linhas diferenciais entre uma lancha a motor, uma levita, um cravo e um reposteiro.

“3. — Resolver o problema de acender o cigarro contra as calvas reluzentes — com uma demonstração matemática.



"Falando com nosso redator, o cidadão Estúpido declarou que tomara pela primeira vez, consciencia do microbio sarnoso-lingual quando as notas de Curzon ultrapassaram em tamanho o "Times" dominical. Mais tarde, quando a epidemia se propagou pela U. R. S. S., o professor foi fazer investigações na Russia, e veio parar na nossa escola. Em breve, o professor Estúpido iniciará o tratamento de nossos doentes.

"O agua-rás para empapar a lingua dos pacientes já está sendo preparado às toneladas."

Está ótimo e estou de pleno acordo, mas no meu íntimo se trava uma luta muito penosa. Que partido tomar? Ficar pro ou contra Nicpetoj? Correm boatos que Niceptoj pretende deixar a escola definitivamente. Será um vácuo.

Falei com Silva sobre minhas dúvidas. Ela me confessou que também sofria, mas que as ideias ultrapassam em importância o sofrimento. Disse, ainda, ser cousa sabida, que a individualidade não tem importância nenhuma na História.

É verdade, mas...

*Agosto 29, 1924.*

Por fim, decidi-me e me dirigi a Nicpetoj.

— Escute, Nicolas Petrovich, no momento em que o individual e o social se chocam, que attitude se deve tomar? qual se deve preferir?

— O social.

— É; por isso..., não posso ficar ao seu lado. Embora isso me faça sofrer, devo apoiar o partido oposto.



— Não há partidos no caso — disse Nicpetoj, e me pareceu que lhe era extremamente penoso falar —. Eu sei..., que não tenho razão. Sairei da escola. Por algum tempo coloquei o indivíduo acima da coletividade.

Tive de fazer um esforço para não chorar. Terminou aqui o diálogo.

*Agosto 30, 1924.*

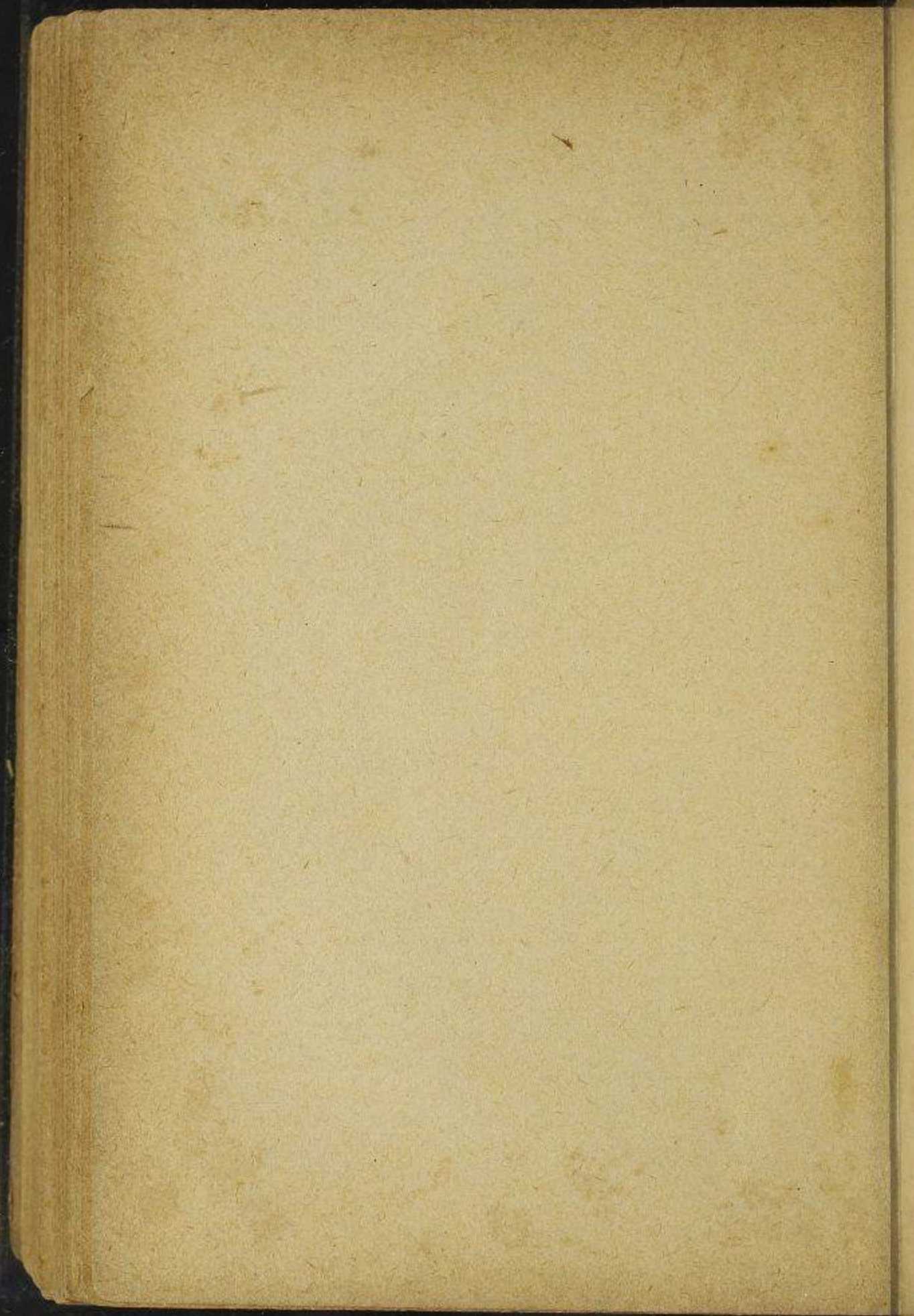
Silva e eu somos membros do Comsomol. Fomos encarregados de organizar um posto avançado de colonos na escola. É o nosso primeiro trabalho para o partido.

Hoje se soube, definitivamente, que N. O. Ojegov sairá da escola. Irei à casa dele para continuar estudando com ele.

*Setembro 1, 1924.*

Entrei no Conselho da escola, como representante do posto avançado. Os colonos homenagearam-me. Os pequenos gostam de mim. Não sei porque. Viva nosso posto avançado!







★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" Ltda., à rua Conde de Sarzedas, 38 — São Paulo para a Editora Brasiliense Ltda. em agosto de 1945.



556

15

22649



# VENTO

Novela russa

por

BORIS LAVRENEV

Tradução e Prefácio de *Jorge Amado*

"VENTO" é uma novela da Guerra Civil na Rússia, novela que retrata uma época de transição na História e na Literatura russas. Esta é a sua maior qualidade. Basilio Guliavin, marinheiro, comandante de batalhões de marinheiros, encarna a psicologia do homem russo daquele momento e nos ajuda a compreender mais rapidamente e mais completamente a transformação da Rússia dos Tzares na Rússia do Homem. "VENTO" é uma narração simples, discreta, aventureira e que, desde a primeira página, domina e prende o leitor pelo seu realismo, sua objetividade e pelo calor humano de seus personagens. Uma novela sem truques e sem literatices, porém muito importante de certo período da literatura russa porque marca, como já disse antes, um período de transição entre a literatura burguesa e a literatura proletária de hoje. Boris Lavrenev, que é também autor de "O SÉTIMO CAMARADA" é um dos *pathfinders*, destes pioneiros que, quando não valham pelo valor de suas próprias conquistas, têm uma importância muito grande porque mostram aos que lhes sucedem o verdadeiro caminho a seguir. Sem Lavrenev e sem tantos outros novelistas seus contemporâneos não seria possível a realidade magnífica de Alexey Tolstoy, Mikhail Sholokov e Leonidas Leonov".

(Trecho do Prefácio de Jorge Amado)

Vol. 7 da Coleção

"ONTEM E HOJE"



EDIÇÃO DA

EDITORA BRASILIENSE LTDA.

Rua D. José de Barros, 163 — S. Paulo





## COLEÇÃO ONTEM E HOJE

O plano da COLEÇÃO ONTEM E HOJE é o de pôr ao alcance do leitor comum, em formato cômodo e leve, uma variada e bem escolhida coleção de obras nacionais e estrangeiras, antigas e modernas. Todos os gêneros literários serão apresentados nesta coleção, sem que sua publicação se subordine a qualquer esquema rígido. O único critério que presidirá a entrada dum volume na COLEÇÃO ONTEM E HOJE é o de seu valor como contribuição ao pensamento moderno. Nesse sentido a nossa seleção será das mais rigorosas, ficando desde logo afastados os livros mediocres, aqueles cuja leitura reverte em perda de tempo, em "passo atrás" no caminho da cultura. Desejamos apresentar somente livros que sirvam para iluminar e embelezar a inteligência. O leitor desta série entrará em contacto, através de edições criteriosas, com os clássicos da literatura de todos os tempos e países; conhecerá as melhores manifestações do espírito humano na ficção, na biografia, na poesia e no teatro e ficará a par de todos os avanços realizados pela Ciência, pela História e pela Filosofia. Embora eclética a princípio, esta coleção acabará se transformando num conjunto harmônico, senão na forma, pelo menos no que se refere ao valor básico e ao interesse permanente dos livros que a constituem.

### Volumes publicados:

#### VOL.

- 1 — HISTÓRIA DA BÓLSA DE NOVA YORK (Wall Street) — *Robert Irving Warshaw* — Prefácio de Winston S. Churchill — Tradução de Cássio Fonseca.
- 2 — NASCEU UMA CRIANÇA — *Charles Yale Harrison* — Tradução de Dom José Paulo da Câmara.
- 3 — O PRESIDENTE NEGRO ou O CHOQUE DAS RAÇAS — *Romance americano do ano 2228* — *Monteiro Lobato*.
- 4 — MINHA MÃE — *Cheng-Tcheng* — Tradução de Jorge Amado — Prefácio de Paul Valery.
- 5 — RUA SEM SOL — *Naoshi Tokunaga* — Tradução e Prefácio de Jorge Amado.
- 6 — A CIDADE DA FARTURA (Epopéia de um menino russo da geração atual) — *Alexander Nevierof* — Tradução e Prefácio de Jorge Amado.
- 7 — VENTO — *Boris Lavrenev* — Tradução de Jorge Amado.
- 8 — O DIÁRIO DE COSTIA — (Romance soviético) — *N. Ognev* — Tradução e prefácio de Jorge Amado.

### Próximas publicações

- O SANATÓRIO DO DR. KLEBE — *Constantino Fedin* — Tradução de Jorge Amado.  
O SÉTIMO CAMARADA — *Boris Lavrenev* — Tradução de Jorge Amado.  
A CAVALARIA VERMELHA — *Isaac Babel* — Tradução de Jorge Amado.



EDITORA BRASILIENSE LIMITADA  
RUA DOM JOSE DE BARROS, 163 — S. PAULO